



# Caminhos da Sustentabilidade

## ARTESANATO EM UBATUBA

Valorizando a cultura local por meio da atividade artesanal sustentável, considerando a sustentabilidade cultural, social e econômica.



Realização

Patrocínio



# Caminhos da Sustentabilidade

## ARTESANATO EM UBATUBA

**Valorizando a cultura local por meio da atividade artesanal sustentável,  
considerando a sustentabilidade cultural, social e econômica.**

Realização



Patrocínio

PETROBRAS  
DESENVOLVIMENTO  
& CIDADANIA

BR PETROBRAS

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

## **FICHA TÉCNICA**

### **Coordenação Geral**

Marcéu Pereira Ricci Martinelli

### **Coordenação Operacional**

Patrícia Ortiz

### **Coordenação Pedagógica:**

Patrícia Camargo

### **Educadoras**

Adriana Dias, Adriana Zen, Malu e Delta Sueli dos Santos

### **Pesquisa e compilação sobre Iconografia**

Paula Muniz

### **Apoio à pesquisa e compilação sobre Iconografia**

Mariza Muniz e Carlos Herglotz

### **Imagens/Fotos**

Andreia Teixeira

Betânia Fichino

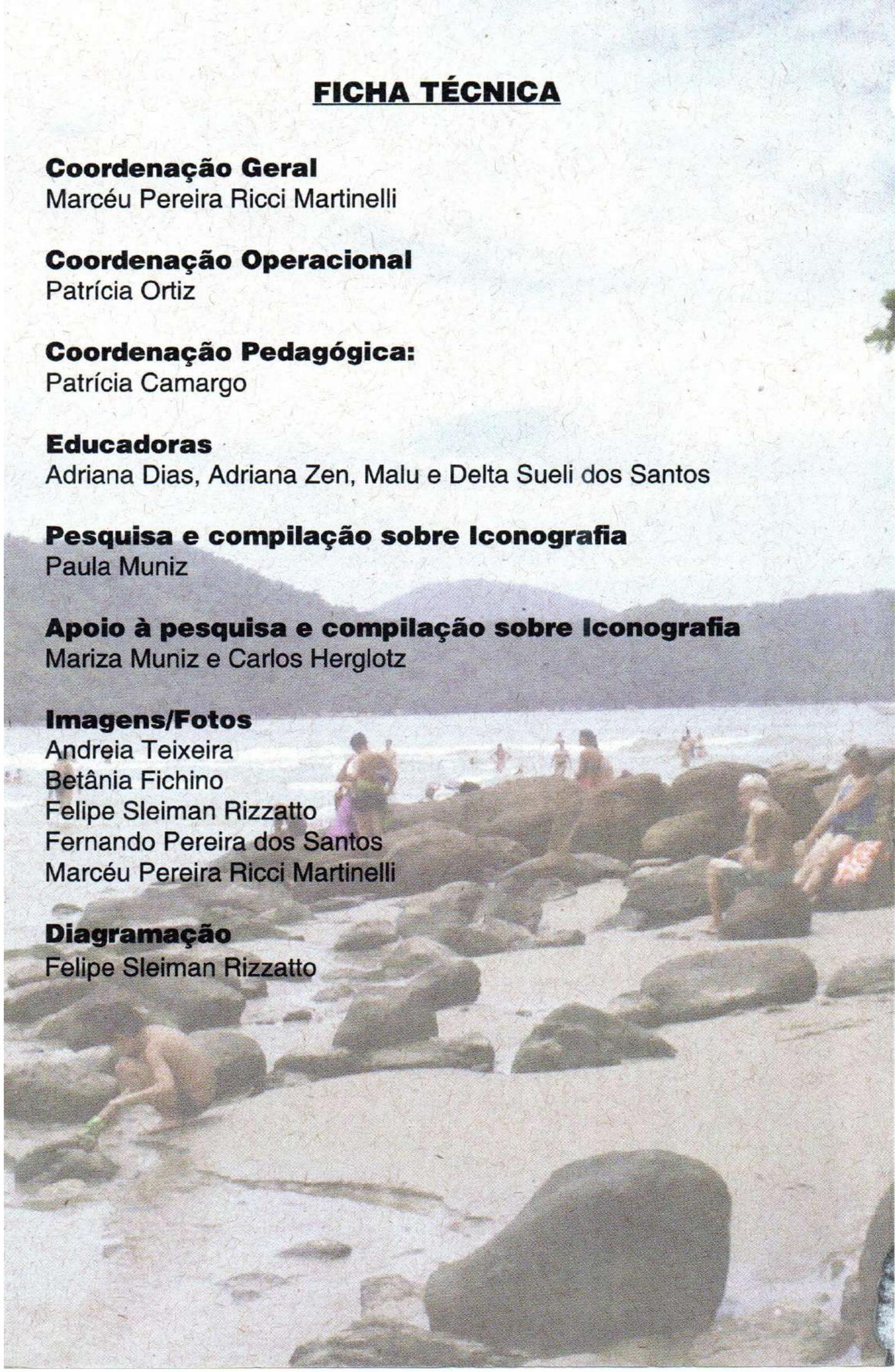
Felipe Sleiman Rizzato

Fernando Pereira dos Santos

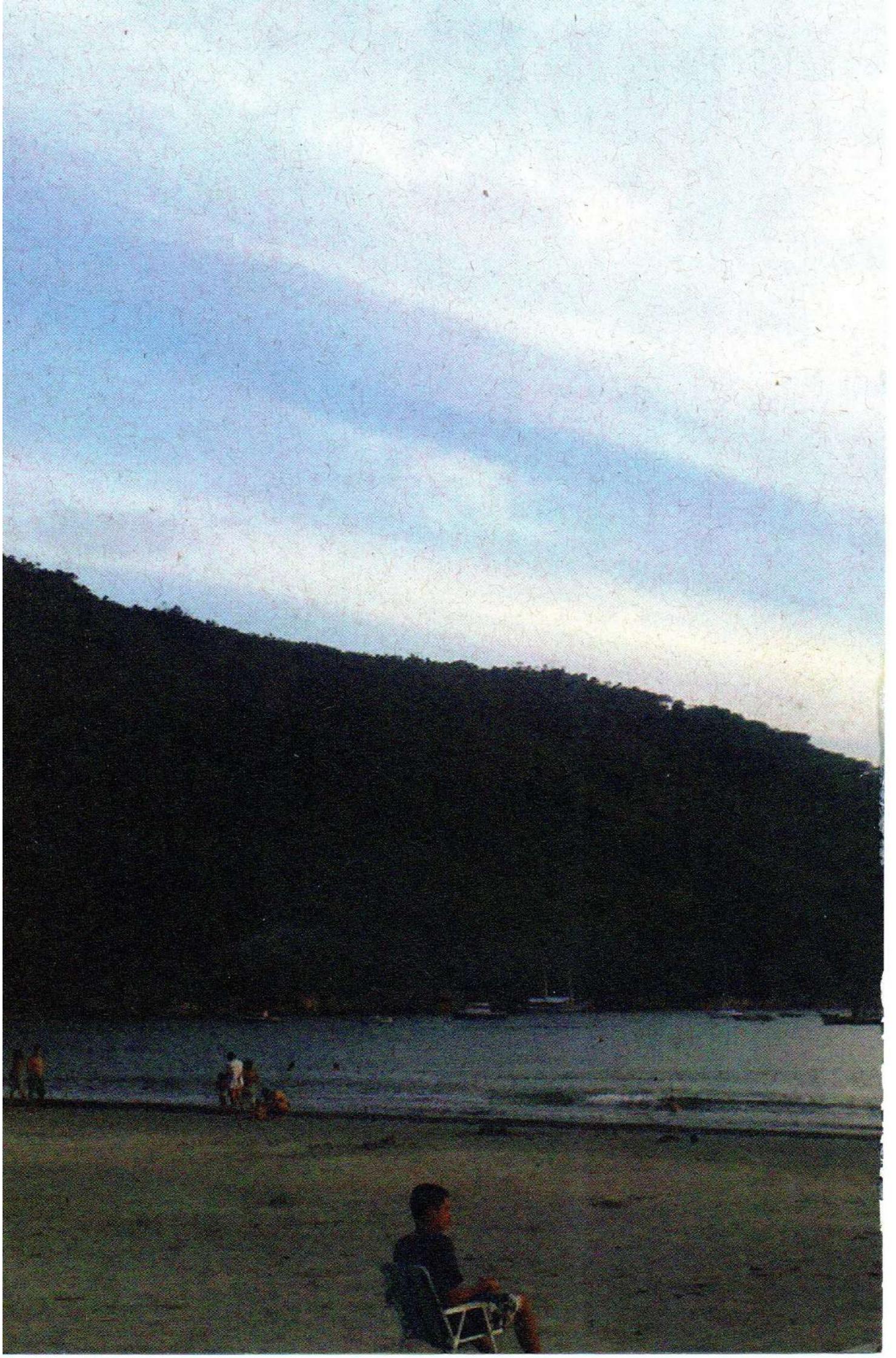
Marcéu Pereira Ricci Martinelli

### **Diagramação**

Felipe Sleiman Rizzato



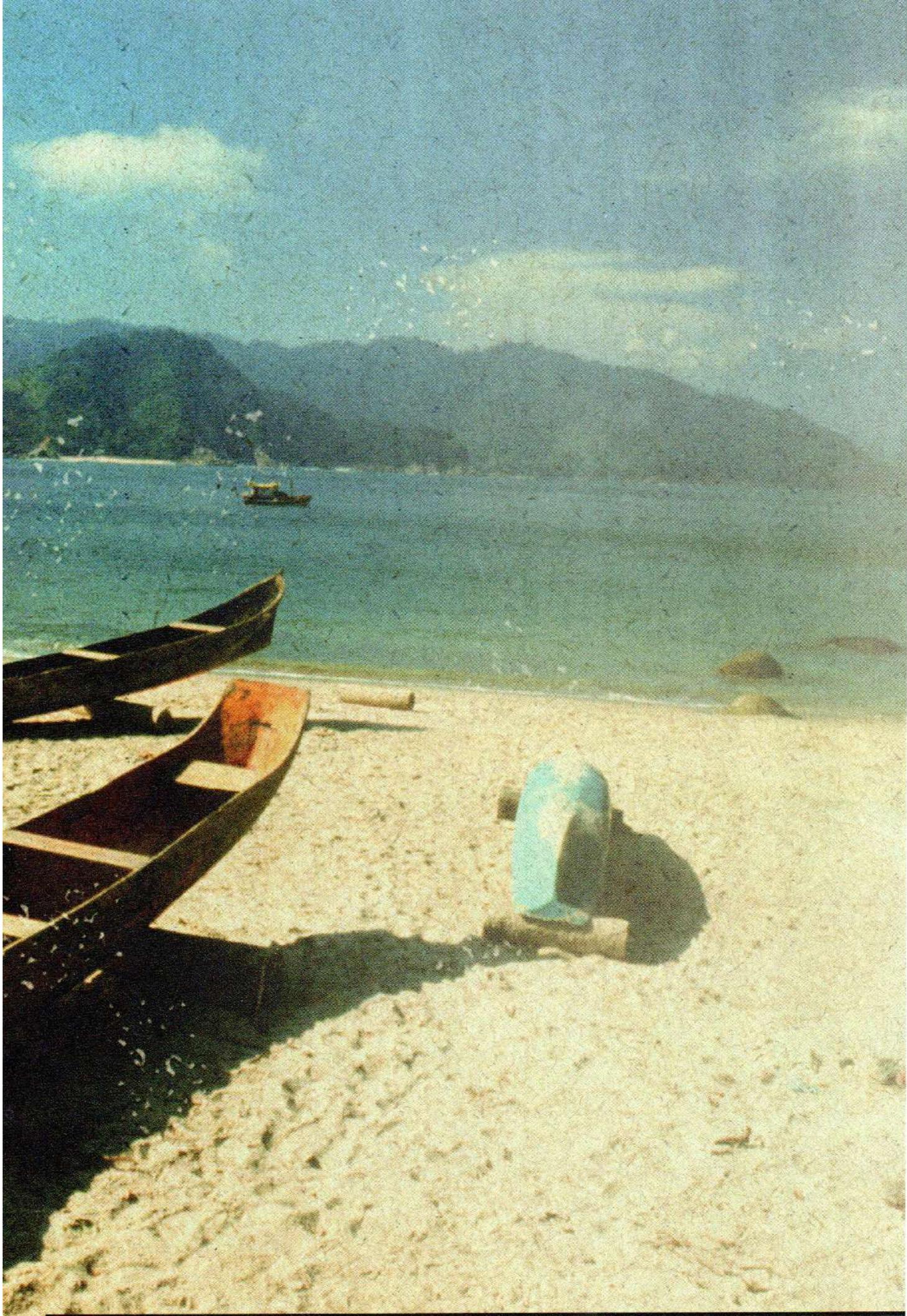




Agradecimentos e apoio:  
Paul Dale e Michelle Siqueira  
Claudia Paschoal, Adriana Dias, Débora Barrocas, Adriana Zen, Delta Sueli,  
Beto Francine, Fernando Pereira dos Santos, Betânia Fichino, Samanta,  
Virgílio, Cida Cruz, Diego Ortiz, Prefeitura de Ubatuba, Prefeitura de  
Caraguatatuba, Sala Verde de Ubatuba, Associação Cunhambebe e equipe do  
Projeto Tamar.

Agradecimento Especial ao projeto Tamar por todo apoio e cessão do espaço para  
execução das atividades do projeto e vendas dos produtos dos artesãos participantes.





# **SUMARIO**

<b>Apresentação</b>	<b>08</b>
<b>A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e o Instituto Amigos da RBMA</b>	<b>18</b>
<b>O Programa “Mercado Mata Atlântica – RBMA”</b>	<b>22</b>
<b>Os Projetos</b>	<b>24</b>
<b>Os Projetos</b>	<b>38</b>
<b>Eventos</b>	<b>40</b>
<b>A realidade em que o projeto foi executado</b>	<b>44</b>
<b>Os participantes do Projeto</b>	<b>46</b>
<b>Princípios e experiências da metodologia utilizada</b>	<b>48</b>
<b>Ações do projeto</b>	<b>48</b>
Elaboração de textos relatando a história e os valores das técnicas artesanais	<b>52</b>
Valorização da autenticidade, criatividade, originalidade e inovação das peças	<b>54</b>
Definição participativa de um conjunto de atividades substitutas, que mantenham a valorização cultural e permitam o uso de novas técnicas artesanais	<b>56</b>
<b>Como a comunidade participou do Projeto</b>	<b>57</b>
<b>Os parceiros do Projeto</b>	<b>58</b>
<b>Interação do projeto com políticas públicas</b>	<b>61</b>
<b>Apostilas desenvolvidas pelas educadoras para os participantes das oficinas</b>	<b>95</b>
<b>Bibliografia</b>	



O Instituto Amigos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica - IA-RBMA, por meio do Programa "Mercado Mata Atlântica - RBMA", em parceria com a Associação Cunhambebe da Ilha Anchieta – ACIA, desenvolveu, ao longo de quatro anos, o projeto "Caminhos da sustentabilidade do artesanato em Ubatuba".

Com financiamento do programa "Petrobras Comunidades", o projeto teve duas fases. Na primeira foi realizado um levantamento sobre a produção artesanal no Município de Ubatuba, quais materiais eram utilizados, as comunidades que produziam artesanato, qual a relevância desta produção e da comercialização destes produtos para os artesãos.

Identificados os produtores, a equipe do projeto passou a convidar aqueles que estivessem interessados a participar de oficinas de capacitação para a confecção de artesanato. Estas oficinas, realizadas durante a primeira fase do projeto, contribuíram para a inserção de alguns artesãos no mercado. Isto ocorreu tanto pelo fato de alguns participantes iniciarem uma nova atividade, a produção de artesanato, e de outros poderem aprimorar suas técnicas, ou aprender novas.

Durante um ano as atividades foram realizadas e um total de 113 pessoas participou das oficinas.

A segunda fase do projeto foi proposta visando atender um público reduzido, que, preferencialmente, tivesse participado da primeira fase, e interessado em aprimorar ainda mais suas técnicas de produção e compreender um pouco mais a dinâmica do mercado de produtos artesanais.

Os temas das oficinas, em alguns casos, foram retomados da fase anterior. A iconografia local foi amplamente abordada em ambas as fases para que os participantes tivessem a oportunidade de compartilhar seu conhecimento sobre o assunto, e também aprender um pouco mais sobre a história e os ícones representativos de sua própria cultura.

A ênfase dada sobre a adoção dos ícones locais na produção artesanal teve como fundamentos a importância da valorização da própria cultura, de se expressar esta cultura na produção do artesanato como diferencial, como identidade, elemento que o mercado consumidor de produtos artesanais valoriza muito.

Os "caminhos da sustentabilidade" envolvem o ambiente natural, os recursos que se transformam em matéria prima para a produção artesanal, a relação

das pessoas com este ambiente e a utilização destes recursos, de forma racional, respeitando os ciclos naturais, priorizando a capacidade de regeneração.

Os participantes deste projeto têm em comum a preocupação com o ambiente e seus ciclos, o que em sua percepção valoriza ainda mais sua produção.

A sustentabilidade deve ser compreendida não somente como algo relacionado ao meio ambiente natural e seus recursos, mas também sua relação com a cultura destas populações tradicionais, que podem se inserir no mercado de trabalho de forma natural, expressando sua cultura através de sua produção e, com isso, buscar melhores condições de vida.

O projeto “Caminhos da sustentabilidade do artesanato em Ubatuba” é um importante veículo para promover a diversidade cultural e natural retratada pelo artesanato, representando as marcas da cultura da região, ressaltando a identidade da população local.

A variedade de produtos artesanais da região contempla inúmeras técnicas e segmentos, influenciados pela disponibilidade de matéria prima natural e artificial, que incluem madeiras, sementes, fibras, cerâmica, PET, papel, entre outros. Esses materiais, ao receberem a marca do homem, tornam-se produtos culturais, e transformam-se em objetos que traduzem os valores da cultura local.

A criatividade que caracteriza o povo caiçara e os artesãos e artistas populares em particular, os materiais utilizados e as técnicas empregadas na confecção dos produtos artesanais, traduzem a identidade e a riqueza cultural local.

Além de materializar a alma da cultura local, o artesanato é um setor da economia cujo crescimento possui alto potencial de geração de trabalho e renda, merecendo uma política de desenvolvimento sustentável voltada para o setor. E projetos como o que foi desenvolvido nessa parceria entre o Instituto Amigos da Reserva da Biosfera e a Petrobras estimula o resgate das vocações locais, levando à preservação da cultura e à formação de uma mentalidade empreendedora, por meio da capacitação dos artesãos para a sociedade de mercado, onde o padrão de qualidade e a capacidade de produção são alguns dos fatores que determinam a aceitação deste produto no mercado.

Dessa forma, se fazem necessárias ações de fomento a atividade artesanal e a valorização do artesão, através de iniciativas que integrem o setor público, privado e a sociedade civil e de políticas públicas para o seu desenvolvimento, inserindo o artesanato na economia.

Segundo a definição do SEBRAE “Artesanato é toda atividade produtiva que resulta em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais, com habilidade, qualidade e criatividade”.

“Os trabalhos artesanais se dividem em dois grupos: no primeiro, estão os produtos ligados intimamente à cultura de uma comunidade, influenciados pela tradição local e pelo “saber fazer”. No segundo, aparecem os chamados trabalhos manuais, que são confeccionados com matéria-prima industrializada e não resultam diretamente de heranças culturais” – SUTACO;

Para Silveira Bueno, a palavra Artesão significa: s.m. Artífice; operário; pessoa que faz artesanato; e para Vera de Vives: “O artesão tradicional é o agente que conhece o meio onde se situa, domina técnicas para construir trabalhos manualmente e possui sensibilidade para criação”.

Deve ser respeitada a herança cultural, que embora sofra as influências das circunstâncias do momento, desperta o reconhecimento de cada indivíduo como parte daquela cultura. O patrimônio é um grande acervo, é o registro dos acontecimentos da história de uma cidade, de um povo, e muitas vezes se perde por falta de incentivo ou pela perda da identidade da comunidade, que sofre as mudanças e interferências do mundo “globalizado”.

A preservação da cultura garante que as futuras gerações conheçam sua identidade, suas raízes, saibam de onde vieram. É o fortalecimento do sentimento de pertencer àquela cultura, àquela história, é fortalecer o elo do passado com o presente. Através desse envolvimento, os costumes passam a integrar a realidade das pessoas que vivem no lugar, fazendo com que passem a ter uma identificação, e ocorra a reintegração da cultura com seus hábitos e costumes ao espaço urbano e a “alma” da cidade, esse conhecimento passa a estar vivo no presente, e as pessoas usufruem dele de algum modo. A comunidade de Ubatuba passa por um momento de tentativa de revitalização do patrimônio cultural, e sob esse aspecto o projeto possibilita um trabalho com os artesãos na busca pelo resgate social e histórico da cultura local, representada na atividade artesanal.

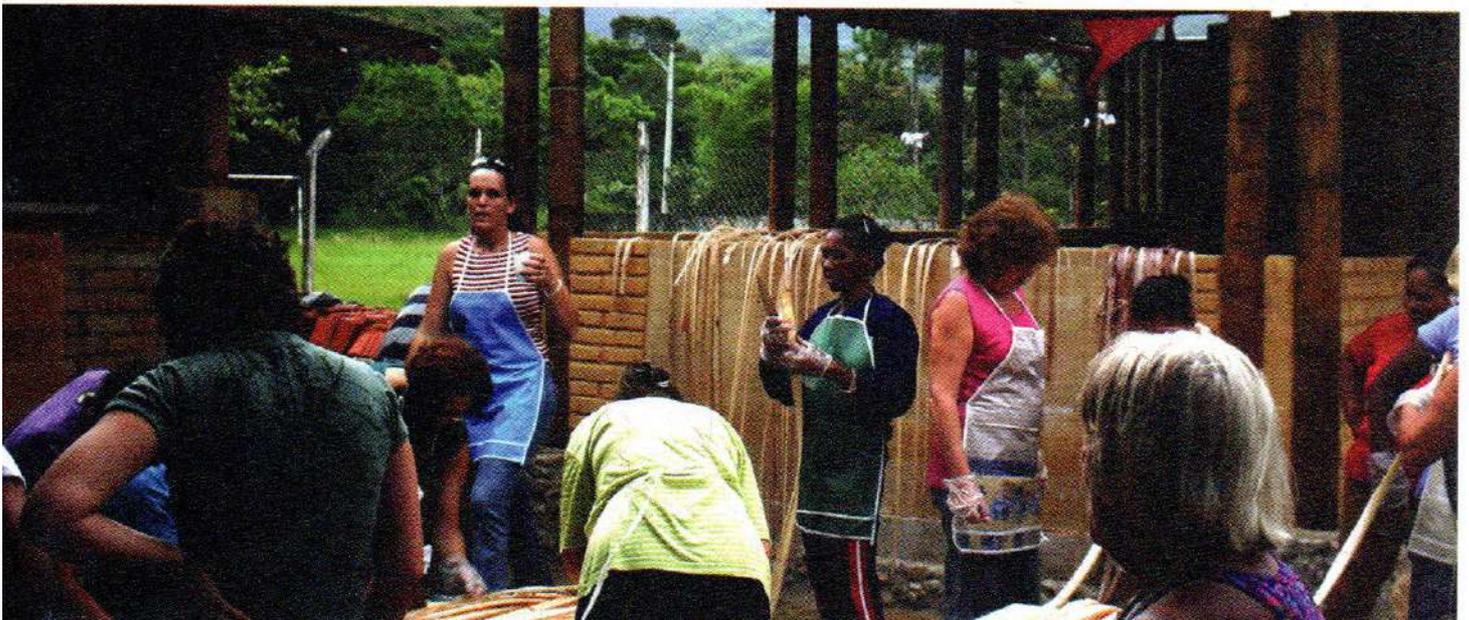
A “globalização” trouxe a massificação cultural, onde todos seguem um único padrão cultural. Este aspecto pode favorecer ainda mais, a valorização e a revitalização da cultura, que traz valores, símbolos, histórias que podem interferir favoravelmente nas referências de vida, do mundo “globalizado”. Diante de tanta tecnologia, parece ser cada vez mais importante manter o vínculo com o passado, com os valores, com a identidade e herança cultural, para ter consciência de seu verdadeiro significado dentro desse mundo “globalizado”, encontrando o equilíbrio diante da vida moderna. Essa necessidade de se vivenciar algo diferente pode corroborar com a revitalização de culturas como a caiçara, que ao longo dos anos, foi se perdendo. No entanto, ainda é possível se promover o resgate dos bens culturais dessa comunidade, promovendo um reencontro com a história, e trazendo para o presente as tradições como culinária, danças, costumes, rituais, estabelecendo o envolvimento da comunidade na revitalização e na definição de ícones da cultura local, que foram inseridos nas peças confeccionadas

pelos artesãos participantes do Projeto “Caminhos da sustentabilidade do artesanato em Ubatuba”.

A comunidade é a verdadeira responsável pelos valores culturais, o patrimônio pertence à comunidade que produziu os bens que a compõem. Por isso, a recuperação das tradições culturais, e a decisão diante da destinação do bem cultural devem ter a participação da comunidade. A valorização de identidades culturais está na capacidade de estimular a memória das pessoas que estão historicamente inseridas na comunidade, garantido a memória cultural e favorecendo a qualidade de vida daquela comunidade. A atividade artesanal realizada dentro dos princípios da sustentabilidade pode gerar desenvolvimento econômico, minimizando os impactos negativos, que transformam o patrimônio cultural em produto de consumo, transformando a memória cultural. A preservação da atividade artesanal deve contribuir para o desenvolvimento material, sem deixar de garantir o bem estar espiritual da comunidade, atribuindo valor à continuidade das suas manifestações culturais.

O Município de Ubatuba surge como uma região extremamente suscetível aos conflitos de competência entre os entes federativos, por abrigar parte do Parque Estadual da Serra do Mar, de acordo com o Decreto Estadual 10.251, de 30 de agosto de 1977, alterado pelo Decreto nº. 13.313, de 6 de março de 1979 que declara a Serra do Mar Área de Proteção Ambiental (APA), restringindo o uso e a ocupação do solo, além da Resolução nº 40/85, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT) que determinou o tombamento da Serra do Mar que constitui o mais importante reduto de Mata Atlântica junto às praias do Estado de São Paulo, contendo, além de importante biodiversidade, abundante rede hidrográfica. A região constitui um dos mais ricos ecossistemas do Estado, além de ser de grande interesse paisagístico.

O Parque Estadual da Serra do Mar (PESM) foi criado pelo decreto Estadual n.º 10.251, de 30 de agosto de 1977, é uma das maiores áreas de remanescentes contínuos de Mata Atlântica. Dentre suas riquezas estão a flora, a fauna e as culturas tradicionais. A UNESCO, através do Programa Homem e Biosfera



(MaB – Man and Biosphere, em inglês), passou a considerar parte do Bioma Mata Atlântica como Reserva da Biosfera. Em 1979 foi incorporado à área original do Parque o Núcleo Picinguaba, que é o único trecho do PESM que atinge o nível do mar, apresentando em sua área tanto ambientes costeiros, de praias, e também duas vilas de moradores tradicionais a do Cambury e de Picinguaba, cujos moradores mantêm aspectos de sua cultura tradicional, constituído alguns dos últimos redutos caiçaras do litoral norte do Estado de São Paulo. É o maior Parque Estadual de São Paulo, com 315.390 hectares, englobando escarpas, porções de planalto atlântico e segmentos restritos de planícies costeiras. Em seu interior, no Município de Ubatuba está localizada uma Aldeia Guarani, a Boa Vista. Em Ubatuba, o Parque Estadual da Serra do Mar abrange uma área de aproximadamente 47.500 hectares, administrada a partir do Núcleo Picinguaba. Nos arredores são encontrados praticamente todos os ecossistemas representativos da Mata Atlântica, desde os manguezais e vegetação de planície litorânea com altíssimos índices de biodiversidade, até pequenas ocorrências de campos de altitude nos picos do Corcovado e Cuscuzeiro.

Entende-se por caiçaras as comunidades formadas pela mescla étnica e cultural de indígenas, colonizadores portugueses e, em menor grau, de escravos africanos. Os caiçaras apresentam uma forma de vida baseada em atividades de agricultura itinerante, pesca artesanal, extrativismo vegetal e artesanato. Alguns consideram que as comunidades caiçaras se formaram nos interstícios dos grandes ciclos econômicos do período colonial, fortalecendo-se quando essas atividades voltadas para a exportação entraram em declínio. A decadência dessas atividades, principalmente agrícolas, incentivaram as atividades de pesca e coleta em ambientes aquáticos, principalmente os de água salobra, como estuários e lagoas. No interior desse espaço caiçara surgiram cidades como Paraty, Santos, São Vicente, Iguape, Ubatuba, Ilhabela, São Sebastião, entre outras, que em vários momentos da história colonial funcionaram como importantes centros exportadores.

As comunidades caiçaras sempre mantiveram com essas cidades, em maior ou menor intensidade, contatos e intercâmbio econômico e social, também dependendo delas para o provisão de bens que não eram produzidos nos sítios e nas praias. As comunidades caiçaras passaram a chamar a atenção de pesquisadores e de órgãos governamentais mais recentemente em virtude das ameaças cada vez maiores à sua sobrevivência material e cultural e pela contribuição histórica que essas populações têm dado à conservação da biodiversidade, por meio do conhecimento sobre a fauna e a flora e os sistemas tradicionais de manejo dos recursos naturais de que dispõem.

Essas comunidades encontram-se hoje ameaçadas em sua sobrevivência física e material por uma série de processos e fatores. Uma das ameaças a essas comunidades e ao exercício de suas atividades tradicionais se

iniciou com a especulação imobiliária, que retirou parte dos caiçaras de suas posses nas praias, obrigando-os a mudarem para as regiões de “sertões”, locais afastados das praias, geralmente localizados em encostas de morros, onde hoje se encontram a maioria dos caiçaras. Essa mudança provocou outras transformações no modo de vida do caiçara, dificultando a atividade pesqueira, obrigando-os a trabalhar em outros setores, muitas vezes sem preparo técnico. O turismo de massa, que despontava no litoral norte do estado de São Paulo, contribuiu para a desorganização das atividades tradicionais, criando uma nova tendência nos meses do verão, quando muitos caiçaras se transformam em prestadores de serviços. A prática do turismo nestes locais, de forma desordenada, traduzido em turismo de massa, criou uma nova ordem social, onde a cultura tradicional passou a ficar em segundo plano, em detrimento da atividade comercial gerada pelo movimento turístico.

As áreas naturais protegidas, também influenciaram esse processo de desorganização da cultura caiçara. A transformação de seu espaço de reprodução material e social em parques e reservas naturais resultou em graves limitações a suas atividades tradicionais de agricultura itinerante, caça, pesca e extrativismo, contribuindo para a emergência de conflitos com os administradores dessas unidades de conservação e para uma migração ainda maior para as áreas urbanas, onde os caiçaras, expulsos de seus territórios, passaram a viver em áreas de “sertão”, e foram “pré-destinados” ao desemprego ou ao subemprego.

Ainda hoje o caiçara extrai da natureza seu sustento através da pesca, da agricultura itinerante e do extrativismo. Das matas são retirados cipós, frutos, flores etc. que são utilizados para uso doméstico ou comercial. A partir destes recursos florestais são fabricados equipamentos de pesca, instrumentos para lida na lavoura, e o artesanato, geralmente funcional e em alguns casos, decorativo. Alguns desses equipamentos e instrumentos são fabricados pelos homens, ao passo que outros itens, que incluem cestarias, cerâmicas, remédios caseiros etc. são, em grande parte, responsabilidade feminina.

A comunidade é a verdadeira responsável pelos valores culturais. O patrimônio pertence à comunidade que produziu os bens que a compõem. Por isso, a recuperação das tradições culturais, e a decisão diante da destinação do bem cultural devem ter a participação da comunidade. A valorização de identidades culturais está na capacidade de estimular a memória das pessoas que estão historicamente inseridas na comunidade, garantido a memória cultural e favorecendo a qualidade de vida daquela comunidade.

A utilização turística do patrimônio pode gerar desenvolvimento econômico, contudo, são necessários estudos multidisciplinares que visem minimizar os impactos negativos, que transformam o patrimônio cultural em produto de consumo, transformando a memória cultural. A preservação do patrimônio deve contribuir para o desenvolvimento material, sem deixar de garantir o bem

estar da comunidade, atribuindo valor à continuidade das manifestações culturais.

A participação da comunidade nos atos de proteção do patrimônio cultural pode ocorrer por duas formas: a primeira, pela participação da comunidade organizada nos conselhos de cultura e nos organismos que decidem os objetos materiais ou bens imateriais a serem preservados; a segunda é traduzida pela utilização de mecanismos legais, tais como a ação popular para coibir os atos políticos que ponham em risco os valores de importância cultural definido pela coletividade.

Ressalta-se que a Constituição Federal de 1988, no artigo 216, "caput" define em que se constitui o patrimônio cultural brasileiro, afirmando que dele fazem parte os bens de natureza material e imaterial, tomados de forma individual ou coletiva, que sejam portadores de referência à identidade, à nação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira e nos quais se incluem: - as formas de expressão; - os modos de criar, fazer e viver; - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. Sendo assim, a preservação do patrimônio cultural na forma estabelecida na Constituição Federal, intensifica a necessidade de uma política de preservação e não simplesmente a enumeração dos mecanismos legais de preservação, como se pode observar nos Artigos 215 e 216 da Constituição Federal que garante aos cidadãos o direito à cultura, como os valores pelos quais se reconhece uma nação.

Pode-se concluir que o meio ambiente conservado e, nele inserido o patrimônio cultural, é um elemento que contribui para o alcance da dignidade humana. O Município de Ubatuba possui uma condição especial para implantar de forma significativa a proteção do patrimônio cultural, preservando a identidade cultural da população e resgatando sua



dignidade humana, resguardado a identidade coletiva.

Infelizmente, no Município de Ubatuba, não há uma valorização plena do patrimônio histórico-cultural, o que fez com que muito das tradições se perdessem, e ainda, com que os nativos associassem o desenvolvimento urbano e o turismo a essa perda de identidade.

O patrimônio cultural pode ser um atrativo turístico, valorizando ainda mais as tradições culturais, desde que haja um envolvimento da comunidade e do Poder Público, e o estabelecimento de leis que incentivem a conservação, a revitalização e a utilização dos patrimônios de Ubatuba.

Por meio da inserção das comunidades tradicionais e de estudos técnicos, é possível evitar que as tradições culturais transformem-se em mercadoria, em mero espetáculo.

Faz-se necessário o envolvimento e o despertar da consciência da comunidade como parte daquela cultura, e do estabelecimento de ações que possibilitem esse processo.

As comunidades caiçaras passaram a chamar a atenção de pesquisadores e de órgãos governamentais recentemente em virtude das ameaças cada vez maiores à sua sobrevivência material e cultural, e pela contribuição histórica que essas populações têm dado à conservação da biodiversidade, por meio do conhecimento sobre a fauna e a flora e os sistemas tradicionais de manejo dos recursos naturais de que dispõem. É incontestável a contribuição histórica que essas populações têm dado à conservação da biodiversidade.

Essas comunidades encontram-se hoje ameaçadas em sua sobrevivência física e material por uma série de processos e fatores.

A revitalização e conservação do patrimônio pode garantir a valorização da memória cultural, aproveitando as múltiplas possibilidades das representações do passado, para o desenvolvimento econômico sustentável da região, através da inserção da comunidade e da vontade política do poder público.

A atividade artesanal sustentável permite a integração do homem com o meio ambiente de forma holística, e ainda possibilita a conservação e revitalização da herança cultural e natural. As comunidades caiçaras estão ameaçadas em sua sobrevivência material e cultural, em função da descaracterização e desvalorização dos seus costumes e valores.

Os conflitos existentes também são gerados pela ausência de políticas públicas locais efetivas para a inserção dessas comunidades no mercado de trabalho, pela ausência de investimentos em cursos profissionalizantes e na desvalorização das características culturais representadas pela atividade artesanal, que muito embora expresse toda a riqueza cultural dessas comunidades, é pouco valorizada no mercado local. Esses conflitos

necessitam ser resolvidos, e um primeiro passo é a valorização da cultura local, que pode devolver à comunidade o orgulho e a percepção do valor de pertencer a esta cultura.

Capacitar jovens e adultos visando perpetuar a atividade artesanal sustentável é parte da proposta deste projeto. Além disso, é proposta a criação de um canal de comercialização que permita a sustentabilidade econômica do projeto, garantindo assim o atendimento às reivindicações da comunidade quanto à melhoria de suas condições de vida.

Além da sustentabilidade ecológica deve ser abordada a questão da sustentabilidade cultural e econômica, discutindo a importância de se conservar os recursos explorados pelos artesãos locais, não apenas para manter o ambiente ecologicamente equilibrado, mas também para manter a cultura local da confecção de artesanato em questão, possibilitando um incremento de renda, em concordância com a capacidade de regeneração das matérias-primas utilizadas, enfocando assim aspectos ambientais, sociais e econômicos. Ou seja, muito além de estabelecer planos concretos de manejo, objetivou-se o desenvolvimento de uma consciência sustentável, pois, mais do que o conhecimento científico, no seu sentido estrito, é necessária vontade social para caminhar em direção à sustentabilidade, destacando as contribuições e a importância dos atores sociais locais na construção de um planejamento que priorize o desenvolvimento sustentável e a conservação do meio ambiente natural.

Muitas comunidades possuem sistemas próprios de manejo, que permitem suprir suas necessidades com um prejuízo ambiental mínimo ou sem prejuízo algum.

Estudos etnobotânicos indicam que as pessoas afetam a estrutura de comunidades vegetais e paisagens, a evolução de espécies individuais, a biologia de determinadas populações de plantas de interesse, não apenas em aspectos negativos como comumente se credita à intervenção humana, mas, muitas vezes, beneficiando e promovendo os recursos manejados.

Estes recursos só poderão ser encarados como realmente sustentáveis se os artesãos incorporarem de fato uma consciência sustentável, não cedendo a futuras demandas excessivas por artesanato, que poderão acontecer, tendo em vista que eles são os principais atores responsáveis pela gestão e conservação destes recursos.

Segundo Albuquerque (2002), as populações locais são a chave para o sucesso desses programas. É difícil administrar Unidades de Conservação, como, por exemplo, uma Área de Proteção Ambiental (APA), se a comunidade local não desejar participar ou não se sentir comprometida durante todo o processo.







## **A RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA E O INSTITUTO AMIGOS DA RBMA**

Integrada à “Rede Brasileira de Reservas da Biosfera” (que engloba sete Reservas da Biosfera – RBs: RB da Amazônia Central; RB o Pantanal; RB do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo; RB do Cerrado; RBMA; RB da Serra do Espinhaço; e RB do Cerrado), a RBMA foi criada em 1991. Posteriormente foi expandida para uma incrível área de 440.000 km<sup>2</sup>, ocupando 16 dos 17 Estados brasileiros que abrigam o bioma da Mata Atlântica. Atualmente, está em sua Fase VI, aprovada pela UNESCO e pelo Governo Brasileiro, através do Ministério do Meio Ambiente que coordena o COBRAMAB – Conselho Brasileiro do Programa Man and Biosphere (MaB), que reúne as RBs no país. Com a Fase VI a Reserva da Biosfera da Mata Atlântica passa a cobrir 57% do Bioma, com cerca 78.500.000 ha, sendo cerca de 7.500.000 ha de zonas núcleo, 31.000.000 ha de zonas de amortecimento e conectividade e 40.000.000 ha de zonas de transição e cooperação, sendo aproximadamente 62.300.000 ha em áreas terrestres e 16.200.000 em áreas marinhas - mantendo o título de maior Reserva da Biosfera do mundo, que abriga mais de 580 destas áreas especiais.

A “Rede” de Reservas da Biosfera brasileiras foi criada em 1995 e reorganizada em 2002, visando aperfeiçoar ações comuns entre estas áreas. Está associada ao COBRAMAB.

As Reservas da Biosfera são áreas reconhecidas pelo Programa Homem e Biosfera (MaB – Man and Biosphere Program) da UNESCO – Organização da Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. Possuem importância internacional na conservação da biodiversidade e na promoção do desenvolvimento sustentável, providenciando uma eficiente e efetiva forma de harmonizar as sociedades humanas e o meio ambiente.

De forma resumida, as RBs têm as seguintes funções:

- A conservação da biodiversidade e de outros atributos naturais dos biomas, como as paisagens e os recursos hídricos.
- O incremento no valor da diversidade social e no Patrimônio Étnico e Cultural.
- A promoção do desenvolvimento econômico incorporando os conceitos de sustentabilidade social, cultural e ecológica.
- O apoio a projetos pilotos (demonstrativos), a produção e difusão de conhecimento e o desenvolvimento de treinamento e educação ambiental, pesquisa científica e monitoramento para a conservação e o desenvolvimento sustentável.

No país, o Programa MaB é coordenado pelo Comitê Brasileiro do Programa Homem e Biosfera (COBRAMAB), subordinado ao Ministério do Meio Ambiente, em perfeita sintonia com a UNESCO (por meio da Rede Mundial das Reservas da Biosfera, Rede IberoMaB e Rede Ibero-Americana). As Reservas da Biosfera brasileiras são regulamentadas em Lei Federal pelo SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação, desde 2000. O Governo Brasileiro busca implementar, ao menos, uma RB para cada bioma.

A gestão da RBMA, inovadora no país para as demais RBs, é feita por sistemas descentralizados e participativos, baseada em seu Conselho Nacional (CN), colegiados regionais e Comitês Estaduais – compostos por representação equilibrada de instituições governamentais (federais, estaduais e municipais) e da sociedade (representada por ONGs, universidades, habitantes e setor produtivo). A Secretaria Executiva do Conselho Nacional da RBMA é apoiada pelo Instituto Amigos da RBMA, o IA-RBMA, que foi fundado em 1998. No caso do CN-RBMA, são cerca de 200 instituições envolvidas e 38 Postos Avançados. O IA-RBMA, de forma estatutária, está vinculado diretamente ao CN-RBMA – em termos de membros, secretariado, sistema de gestão, planejamento, prestação de contas etc. Garantindo grande transparência e visibilidade em suas ações. Uma vez ao ano, no mínimo, grande parte destas entidades se reúne, além das reuniões extra-ordinárias e as reuniões do Bureau do IA-RBMA e do CN-RBMA.

A RBMA, como as demais RBs, é dividida em três zonas específicas – buscando, no possível, conectar ecótonos entre os biomas protegidos, sem estar restrito aos limites políticos administrativos:

- **Zona Núcleo.** Protegidas por leis específicas; são planejadas para proteger a biodiversidade existente.
- **Zona de Amortecimento e Conectividade.** São áreas que envolvem e protegem as zonas Núcleo, conectando-as entre si. Seu principal objetivo é promover o desenvolvimento sustentável, especialmente para seus habitantes.
- **Zona de Transição e Cooperação.** Estão localizadas nos perímetros externos às áreas Núcleo e Amortecimento. São áreas onde se desenvolvem atividades regulares de monitoramento e programas de educação ambiental.

O estabelecimento das RBs deve considerar vários instrumentos existentes de planejamento territorial – como os Corredores Ecológicos, Mosaicos de UCs, Cinturões Verdes Urbanos, Reservas Comunitárias e Áreas Naturais Protegidas particulares. Reforçando, dessa forma, a integração dos instrumentos de conservação da natureza e desenvolvimento sustentável. Esta é prática da RBMA.

A RBMA é um instrumento eficiente proposto pela UNESCO para as regiões críticas ao redor do mundo, que permite aperfeiçoar ações resultantes de parcerias em prol da conservação da natureza ao integrar entidades da sociedade civil, iniciativa privada e órgãos governamentais.

Pode-se transcrever um pedaço do Estatuto do IA-RBMA, visando esclarecer seus objetivos e missão:

*“ (...) Capítulo III – dos Objetivos Institucionais*

*Artigo 3º - os objetivos institucionais do IA-RBMA são:*

*a) apoiar a implantação e o fortalecimento da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica – RBMA, em todos seus campos de atuação, em conformidade exclusivamente com as diretrizes, prioridades e estratégias definidas pelo Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica.*

*b) captar e gerenciar recursos voltados à implantação da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, conservação, recuperação e desenvolvimento sustentável em sua área de atração.*

*§ 1º - Para implementar tais objetivos, o Instituto entre outros aspectos poderá:*

*I - produzir, apoiar e difundir informações e conhecimentos sobre a conservação da biodiversidade, e o desenvolvimento sustentável em sua área de atuação.*

*II - promover ou apoiar a valorização e a proteção do patrimônio histórico e cultural, bem como a valorização das populações tradicionais existentes no domínio Mata Atlântica.*

*III - fomentar a elaboração e implementação de políticas públicas e programas de educação ambiental, bem como elaborar e gerenciar projetos voltados à conservação, recuperação e manejo sustentável da Mata Atlântica e do meio ambiente brasileiro.*

*IV – participar e fomentar parcerias e a cooperação nacional e internacional na defesa do meio ambiente.*

*§ 2º – o IA-RBMA não se vinculará a questões religiosas, bem como não participará de campanhas de interesse político-partidárias, ou em quaisquer outras que não se coadunem com seus objetos institucionais. (...)”*

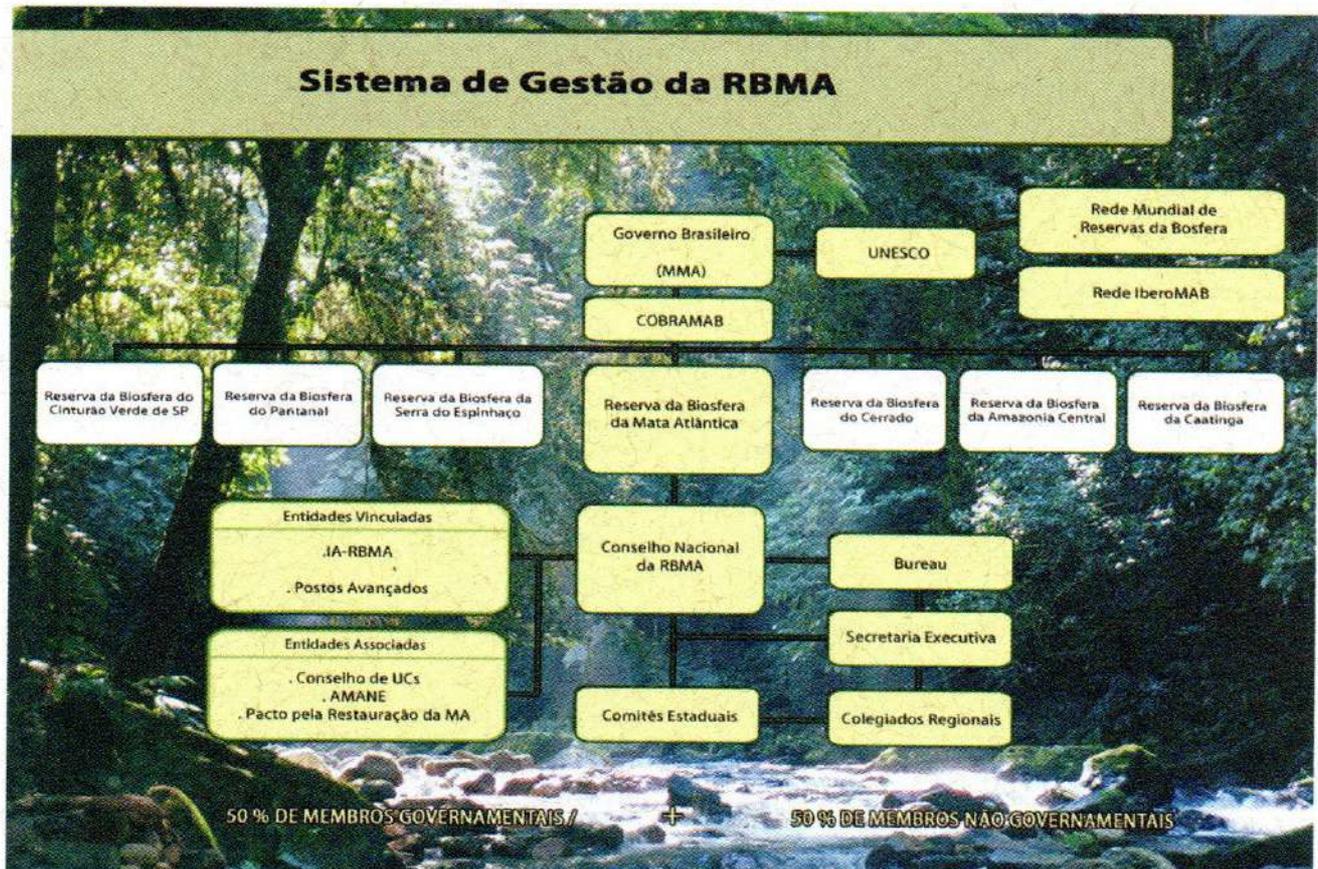
A OSIP IA-RBMA é composta por pessoas físicas vinculadas ao Sistema de Gestão da RBMA, sendo seu Presidente o mesmo eleito a cada quatro anos pelo CN-RBMA. Ao longo de mais de uma década, o IA-RBMA acumulou experiências marcantes no apoio à gestão da RBMA – seja junto ao CN-RBMA, seja junto aos 16 Comitês Estaduais, demonstrando grande conhecimento da totalidade representada pelo bioma Mata Atlântica.

Da mesma forma, o IA-RBMA implementou vários projetos fundamentais para

a RBMA, ao longo dos anos – abrangendo temas complementares, como Mosaicos de Unidades de Conservação, Turismo Sustentável, Educação Ambiental, Comunicação, Resgate Cultural e Mercados Sustentáveis.

Todos estes trabalhos foram e são realizados com um universo bastante rico de parcerias, refletindo a própria gama de parcerias do CN-RBMA: governos federal – estaduais – municipais, empresários e empreendedores, sociedade civil, instituições de pesquisa, moradores de áreas protegidas etc. Como destaques de parceiros, pode-se citar o MMA – Ministério do Meio Ambiente, Solabia Biotecnológica, Citibank e Citi Foundation, GIZ (Sociedade Alemã de Cooperação técnica), SEBRAE-AL, SEBRAE-SP, Usinas de Açúcar e Álcool do Estado do Alagoas, UFSC – Núcleo de Pesquisas em Florestas Tropicais, UFRGS – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, ONG AMANE, FAASC – Federação das Associações dos Apicultores de Santa Catarina, MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário, Planeta Orgânico e a própria PETROBRAS, com os projetos “Caminhos da Sustentabilidade do Artesanato em Ubatuba” fases I e II, entre outros – a exemplo dos empreendedores cadastrados no Programa “Mercado Mata Atlântica – RBMA”.

O IA-RBMA possui sistema de captação e de gestão de recursos que contempla fontes governamentais brasileiras (a exemplo de projetos com o Ministério do Meio Ambiente, fazendo uso de editais públicos) e de recursos não governamentais.





Em sete anos de trabalhos, o Programa “Mercado Mata Atlântica – RBMA” adquiriu significativa experiência em capacitação e aperfeiçoamento de artesãos e produtores artesanais quanto à qualidade de produtos, comercialização e sistemas organizacionais de trabalho e de produção. Contribuiu com a viabilização direta de transações comerciais de produtos cadastrados junto ao “Mercado Mata Atlântica – RBMA”, dentre eles artesanatos, alimentos, mudas e sementes.

Foi apoiado por diversas entidades parceiras como União Européia, Solabia Biotecnológica, Rastro Verde, Ministério do Desenvolvimento Agrário, Ministério do Meio Ambiente, Secretarias de Governo, PETROBRAS, SEBRAE-AL/SEBRAE-SP, Conservação Internacional (CI-Brasil), Citibank e Citi Foundation.

O Programa “Mercado Mata Atlântica – RBMA” é inovador em a sua proposta de trabalho para o fortalecimento e consolidação de mercados sustentáveis. Tais produtos têm matérias-primas oriundas do bioma Mata Atlântica com origem em Manejo Sustentável de Recursos Naturais e produtos cultivados em sistemas agroflorestais e agroecológicos, realizado geralmente por populações tradicionais e agricultores familiares. São divididos por categorias, ou tipos, como: artesanato, alimentos, cosméticos e fitoterápicos, plantas ornamentais, madeiras e mobiliário, mudas e sementes etc.

Atualmente, o Programa “Mercado Mata Atlântica – RBMA” é considerado referência no apoio a comunidades tradicionais e de baixa renda na busca por melhorias na qualidade de produtos e serviços locais, na valorização de produtos e serviços por meio da agregação de valores sociais e serviços ambientais, na conscientização de consumidores em geral e populações urbanas em especial, e na promoção da conservação ambiental.

A partir da identificação dos produtores, a equipe do Programa realiza um levantamento da origem do produto, manejo, processo produtivo e pessoas beneficiadas para apoiá-los na busca de oportunidades de negócios sustentáveis, como estratégia para o desenvolvimento sustentável.

O desenvolvimento sustentável atualmente transformou-se em premissa para o planejamento social e político, principalmente por sugerir um novo rumo às relações humanas e ambientais, além de propor um novo modelo de integração e auto-sustentabilidade baseado na participação das comunidades locais, visando o desenvolvimento local. Este padrão

de desenvolvimento favorece mudanças profundas a partir das relações humanas com o meio ambiente, transportadas ao método produtivo, visando a manutenção das fontes de recursos que influenciam diretamente o modo de viver das sociedades e respeitando e valorizando sua cultura.

Atualmente o Programa “Mercado Mata Atlântica – RBMA” conta com:

- 187 empreendimentos cadastrados
- 151 empreendimentos divulgados no website
- Empreendimentos em 12 estados da RBMA (SP, AL, RS, RJ, ES, SC, PR, PE, MG, CE, BA, PB)
- 62 empreendimentos no Catálogo Nacional

## ***Mercado Mata Atlântica***



***Consumo responsável, compromisso com a vida!***





No âmbito de sua atuação, o Programa “Mercado Mata Atlântica – RBMA” realiza diversos projetos, citados abaixo:

### **PROJETO: “Aliança para o Consumo Sustentável de Produtos Florestais”**

Duração: 2005 a 2009

Financiador: U.E. (União Européia)

Principal Parceiro: ADT (Amigos da Terra)

#### Resultados:

- Estímulo da demanda por produtos florestais madeireiros e não-madeireiros sustentáveis e certificados;
- Melhora no desempenho e o acesso a mercados de pequenos empreendimentos florestais sustentáveis e certificados;
- Desenvolvimento de padrões, códigos de conduta e esquemas de certificação para limitar atividades e agregar valor a produtos sustentáveis.

### **PROJETO: “Uso Sustentável do Pinheiro Brasileiro”**

Duração: 2008 / 2009

Financiador: Solabia Biotecnológica

Principal Parceiro: ONG Preservação

#### Resultados:

- Desenvolvimento de produtos, matérias-primas para indústrias de cosméticos, identificação do potencial da matéria prima para a elaboração de produtos derivados do pinhão obtido a partir de coleta sustentável – criando demanda crescente e sustentável por produtos não-madeireiros que exigem a manutenção da espécie, e sensibilizando a população que usa tais produtos cosméticos para a necessidade de conservação da espécie e de seu habitat.

## **PROJETO: “A Repartição dos Benefícios da Mata Atlântica – Conservação e Mercado Sustentável em Alagoas”**

Duração: 2007 a 2009

Financiador: SEBRAE-AL

Principais Parceiros: AMANE/ Comitê Estadual RBMA de Alagoas / Postos Avançados da RBMA em Alagoas

### Resultados:

- Construção de um modelo de convivência harmoniosa entre o homem e a floresta em um Assentamento Agrícola no entorno imediato da ESEC Murici;
- Formação de central de agentes socioambientais;
- Apoio à comercialização dos produtos agroecológicos, artesanais e outros;
- Acompanhamento da produção agroflorestal;
- Criação de logomarca para os produtos;
- Oficina de beneficiamento da produção e melhoria da qualidade dos produtos.



## **PROJETO: “Desenvolvimento Sustentável e Empreendedorismo Ambiental no Vale do Ribeira – o Mosaico do Jacupiranga e seu entorno – EA-MOJAC”**

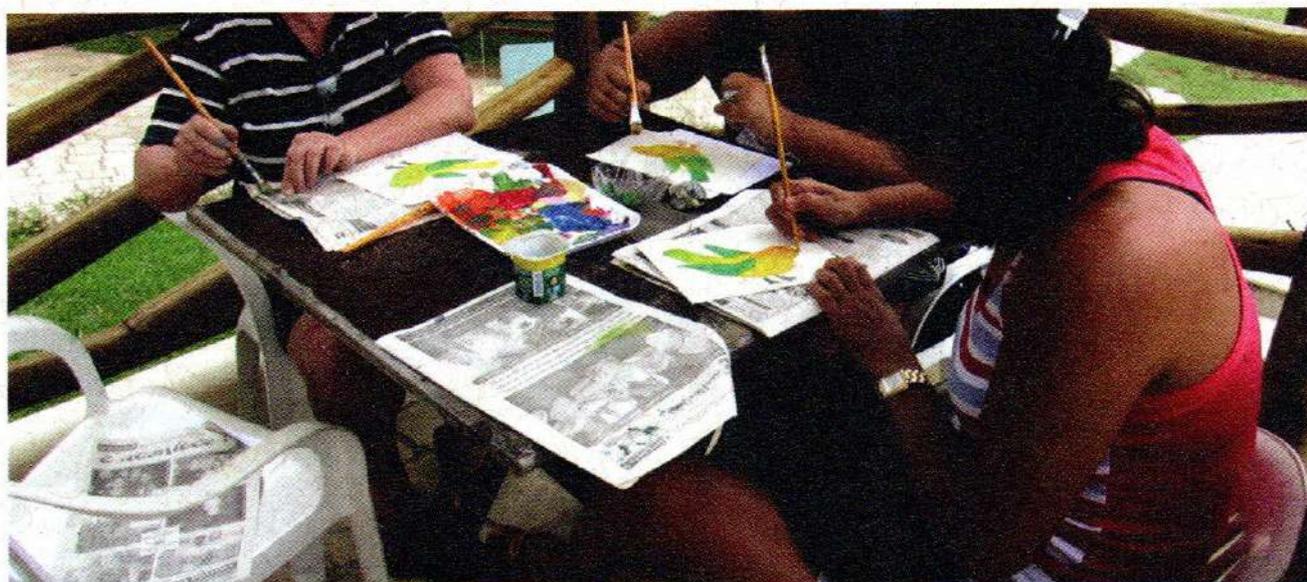
Duração: outubro/2009 a junho/2010

Financiador: SEBRAE-SP

Principal Parceiro: Fundação Florestal de SP

### Resultados:

- Cadastramento de 82 empreendimentos de agropecuária e manejo de recursos florestais;
- Cadastramento de 32 empreendedores individuais de 02 bolsões comerciais localizados em Cajati, considerados importantes para o projeto;
- Elaboração de identidade visual do projeto e criação do website do projeto;
- Definição de estratégia para implantação de 15 UDs de Agropecuária e 03 UDs de Turismo;
- Definição de indicadores de sustentabilidade de Turismo, Artesanato, Agricultura, Pecuária e Manejo (Juçara) para monitoramento do projeto;
- Aquisição de 12.600 mudas de palmeira pupunha para implantação das UDs na RDS Barreiro Anhemas e quilombos pela FF;
- Estudo de mercado preliminar das matérias-primas: Juçara, Taboa e Taquara;
- Elaboração de material de divulgação e promoção: release, folder, folheto e catálogo de produtos específicos para o projeto;
- Planejamento de oficinas de capacitação em Turismo e Manejo da palmeira Juçara (oficinas não chegaram a ser realizadas).



## **PROJETO: “Caminhos da sustentabilidade do artesanato em Ubatuba” - fase I**

Duração: outubro/2009 a dez/2010

Financiador: PETROBRAS

Principais Parceiros: Associação Cunhambebe, Projeto TAMAR Ubatuba, Sala Verde de Ubatuba, CEDS, UNITAU e Grupo de Artesãos de Ubatuba

### Resultados:

- Promoção da valorização dos costumes e cultura local (estudo iconográfico e resgate do artesanato tradicional);
- Capacitação de 100 artesãos-empREENhedores da comunidade local (113 atendidos);
- Criação um canal de comercialização dos produtos por meio do “Mercado Mata Atlântica – RBMA” (Projeto Tamar, Catálogo, Site);
- Apoio à sustentabilidade do projeto: social, cultural, ambiental e economicamente;
- Divulgação das ações do projeto.

## **PROJETO: “Associação Banarte – Arte em Fibra de Bananeira: Rumo à Sustentabilidade no Vale do Ribeira Paulista”**

Duração: junho /2009 a dezembro /2010

Financiador: Citibank

Principal Parceiro: C.I. (Conservação Internacional)

### Resultados:

- Interveniência na compra de 8.000 peças artesanais pelo Citibank em 2009;
- Contratação de inspetora de qualidade para melhoria das peças e processo produtivo;
- Acompanhamento da formalização como Cooperativa;
- Elaboração de Plano de Negócios;
- Avaliação especializada da área de plantio e de coleta da fibra de bananeira e do processo de transformação das fibras;
- Promoção da Banarte por meio do website do Mercado e ações permanentes.

## **PROJETO: “Uso Sustentável da Palmeira Juçara”**

Duração: maio /2010 a maio /2012

Financiador: Solabia Biotecnológica

Resultados:

- Identificação de produtores de juçara
- Estabelecimento de relações de comércio sustentável de polpa de Juçara e repartição de benefícios

## **PROJETO: “Negócios Sustentáveis na Mata Atlântica”**

Duração: setembro/2010 a junho/2011

Financiador: Citi Foundation

Principal Parceiro: C.I. (Conservação Internacional)

Atividades:

O projeto “Negócios Sustentáveis na Mata Atlântica” teve como objetivo promover a melhoria da qualidade de bens e serviços, estimulando a responsabilidade socioambiental como compromisso dos empreendedores.

As principais ações do projeto foram:

1. Identificação de novos empreendedores do Vale do Ribeira por meio de cadastro;
2. Realização de oficinas de capacitação sobre Gestão do Negócio, Qualidade dos Produtos e Serviços e Formatação de Preço Justo, elaborado nos conteúdos e abordagem didática, de modo integrado para a construção do raciocínio lógico através de apresentações em Power Point.

As aulas expositivas contaram com o apoio de material técnico-didático elaborado pelos palestrantes em conjunto com a coordenação geral do Projeto contendo os desdobramentos de cada tema e exercícios para a fixação de conteúdos durante as Oficinas e posteriormente à sua realização. Ao longo das aulas, em todas as Oficinas, os palestrantes abordaram os temas citados, utilizando exemplos da produção/prestação de serviços locais / regionais possibilitando e incentivando os participantes na análise crítica da realidade sobre seu próprio trabalho e no sentido coletivo, de modo que os grupos fossem sensibilizados ao máximo para a necessidade constante de aprimoramento do processo produtivo com vistas à sustentabilidade.

3. Avaliação de público para cadastramento no Programa “Mercado Mata Atlântica – RBMA” com objetivo de serem apoiados de forma permanente:

divulgação no site e no Catálogo de Produtos Sustentáveis do Programa, participação em eventos etc.;

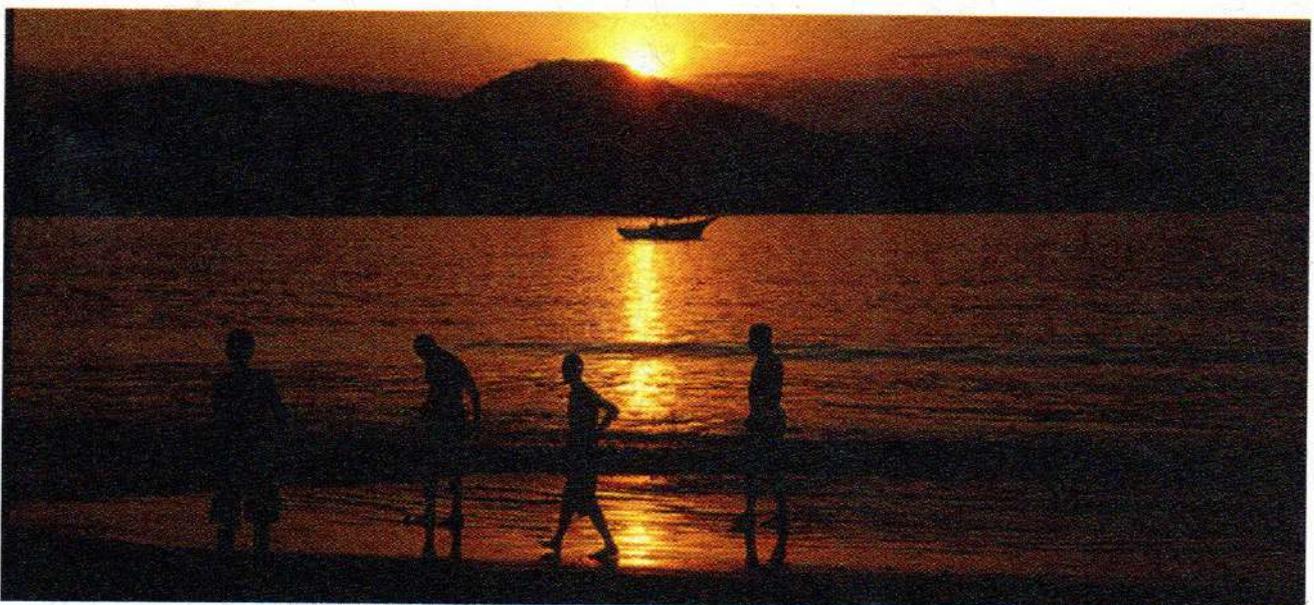
4. Estimulo aos empreendedores a adotarem práticas sustentáveis;

5. Estimulo à formação de sistemas associativos ou cooperativas visando o aumento da comercialização e da oferta de produtos. Como apoio aos interessados na formalização de associações e cooperativas, foram organizadas palestras sobre o tema com o apoio do SEBRAE-SP.

6. Reuniões para conhecimento de uma associação existente e desenvolvimento de um plano de comercialização para a Associação.

#### Resultados:

- Realização de 7 (sete) Oficinas com duração de 6h00 (seis horas) cada uma, culminando-se na participação efetiva de 157 (cento e cinquenta e sete) pessoas moradoras de sete municípios: Iporanga, Eldorado, Cedro, Miracatu, Capelinha, Santana e Iguape. As oficinas foram fundamentadas em metodologia específica baseada na pedagogia construtiva. Ressalta-se que dentre os participantes efetivos, alguns representam Associações, levando o conhecimento aos demais sócios da associação.
- Desenvolvimento de material de apoio (apostila) a empreendimentos sustentáveis para os temas: Gestão do Negócio, Qualidade dos Produtos e Serviços e Formação de Preço Justo
- Elaboração de um plano de comercialização para a Associação de Bolsões de Cajati
- Atualização do modelo da Ficha Cadastral Preliminar “Produtos Sustentáveis da Mata Atlântica” e elaboração da Ficha Cadastral Preliminar “Serviços Sustentáveis da Mata Atlântica”
- Realização de 2 (duas) Oficinas sobre Cooperativismo e Associativismo com apoio do SEBRAE, nos municípios de Miracatu e Iporanga.



## **CAPACITAÇÃO: Value-Links Biodiversidade**

Duração: outubro /2010 e novembro /2011

Financiador: GIZ (Deutsche Gesellschaft für International Zusammenarbeit)

### Atividades:

Foi realizada uma capacitação na metodologia Value Links-Biodiversidade (VL-B) em São Paulo, na Casa das Reservas da Biosfera, no período de 7 a 11 de novembro de 2011.

Este curso aconteceu no âmbito do Plano Nacional de Promoção das Cadeias de Valor de Produtos da Sociobiodiversidade (PNPSB) e foi promovido pelo Projeto Proteção da Mata Atlântica II – MMA/GIZ, o Departamento de Extrativismo e o Núcleo Mata Atlântica, ambos do Ministério do Meio Ambiente, o Ministério de Desenvolvimento Agrário, o Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome e a Companhia Nacional de Abastecimento.

Os objetivos definidos para esta etapa foram:

1. Abordar, com os participantes, as dúvidas da primeira fase do curso onde foi abordado o desenho das estratégias de melhoria/fomento de CdV na metodologia VL-B.
2. Formar multiplicadores na metodologia VL-B.
3. Definir elementos metodológicos para a continuidade do processo de fomento de cadeias de valor da sociobiodiversidade no contexto da Mata Atlântica.

A proposta estabelecida para o curso foi de apresentar os conteúdos dos módulos de implementação da Metodologia Value Links-Biodiversidade para um grupo de participantes que tivesse feito a primeira etapa do curso e acompanhado ou realizado, pelo menos, uma aplicação da metodologia, ainda que isso não tivesse sido feito numa oficina com diversos atores da CdV. Também foi considerada a aplicação em outras cadeias que não fazem parte da sociobiodiversidade.

Utilizando trabalhos em grupo onde os participantes compartilhavam as suas experiências e saberes prévios acerca do tema central de cada módulo; momentos para relacionar a experiência com a nova informação e construir aprendizagens; e atividades orientadas para a aplicação do conteúdo e fortalecimento de habilidades para realizar ações focadas nas CdV em suas regiões foram abordados conteúdos de implementação, ou seja, ferramentas para a execução dos projetos para a melhoria das CdV. Tais ferramentas podem ser distinguidas em três campos principais de ação:

1. Fortalecimento dos vínculos comerciais;
2. Melhoria dos serviços na CdV;
3. Desenvolvimento de um entorno comercial favorável, incluindo padrões de

qualidade e socioambientais.

Além disso, foi discutido o know-how sobre monitoramento de impacto e gestão dos resultados.

### Resultados:

Participaram deste momento 27 pessoas, entre técnicos de instituições governamentais, ONGs, produtores e empresas envolvidos em CdV de produtos da sociobiodiversidade da Mata Atlântica dos estados RS, SC, PR, SP e BA e que trabalham nas quatro cadeias prioritárias do PNPSB para a Mata Atlântica – piaçava, polpa de juçara, pinhão, mate. Ao final da capacitação, os 27 participantes se tornam capazes de:

- Realizar cooperações nas CdV em que atuam;
- Identificar e implementar parcerias na CdV, mediante a articulação de acordos com o setor empresarial;
- Identificar e propor os serviços necessários para o desenvolvimento das CdV;
- Reconhecer a necessidade e o valor agregado de implementar padrões ou diretrizes de qualidade e certificações em CdV da sociobiodiversidade para facilitar a sua inserção em mercados diferenciados.

Além disso, no final do curso foram definidos os próximos passos necessários para o processo de facilitação das CdV de produtos da sociobiodiversidade da Mata Atlântica, com o intuito de dar indícios sobre os papéis que os diversos participantes poderiam assumir para isso.

Foram apresentadas também as funcionalidades da plataforma internet Global Campus: (<http://gc21.inwent.org/ibt/GC21/area=gc21/main/de/site/gc21/public/index.sxhtml>), propondo que as ferramentas virtuais disponíveis nesta plataforma sejam utilizadas pelos participantes do curso para promoção do aprendizado e trocas de experiências. Para dar início a isso, todos já estão cadastrados no “Fórum Virtual”, uma vez que ele é muito útil para manter a interação entre os participantes. Esta ferramenta foi usada também para colocar o relatório, fotos deste curso, textos e materiais de apoio.

Além disso, a ideia é que todas as informações pertinentes à aplicação da metodologia Value Links-B em suas atividades, sejam compartilhadas através deste Fórum Virtual, como as informações sobre as aplicações que todos se comprometeram a fazer nos próximos passos, as dúvidas e mudanças realizadas no uso das ferramentas apresentadas no curso.

Outra proposta é que esta plataforma seja utilizada também como uma estratégia para ampliar o leque de opções para a capacitação na metodologia Value Links-B, permitindo àqueles que fizeram apenas uma parte do curso presencialmente completem a sua formação pelo curso virtual.

## **PROJETO: Construção participativa de diretrizes de Manejo Sustentável do Pinhão (*Araucaria angustifolia*) a partir de uma visão da conservação da floresta com araucária e do uso do pinhão**

Duração: dezembro /2011 a setembro /2012

Financiador: PDA/MMA (Projetos Demonstrativos do Ministério do Meio Ambiente)

Principais Parceiros: Instituto Curicaca do RS, Instituto Equipe de Educadores Populares do PR, Rede Puxirão do PR, Instituto Mater Natura do PR, Associação SerrAcima de SP, Instituto Florestal de SP, Fundação Florestal de SP, Instituto Viane e Cooperativa Ecoserra de SC, GIZ (Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit)

### Atividades:

O objetivo do projeto é a construção participativa de diretrizes para o Manejo Sustentável do Pinhão (*Araucaria angustifolia*) a partir de uma visão da conservação da floresta com araucária e do uso do pinhão.

As diretrizes deverão servir de orientação para que o Poder Público tenha parâmetros para a formação de mercados sustentáveis. Estas diretrizes serão utilizadas, por exemplo, para certificação orgânica, no incremento de até 30% do preço de referência pago pelo Programa de Aquisição de Alimentos – PAA e farão parte do anexo da Instrução Normativa Conjunta nº 17.

Destaca-se que não se trata de uma norma sob a qual todos os produtores obrigatoriamente deverão se enquadrar para poderem explorar o pinhão. Trata-se de recomendações com caráter voluntário que os produtores deverão tender caso decidam acessar a determinados incentivos nas políticas públicas.

Na primeira etapa do projeto foi realizada pesquisa baseada em dados secundários sobre o estado da arte e histórico das Florestas com Araucária no Brasil; manejo sustentável do pinhão e atores envolvidos no processo; legislação relacionada; e estudos de caso de algumas formas de manejo já consolidadas e utilizadas. Os dados coletados foram analisados e sistematizados para a formação de um documento base que está sendo finalizado com o acréscimo de novas informações coletadas ao longo do projeto tanto durante as oficinas como enviadas pelos participantes.

A segunda etapa do projeto teve como objetivo a sistematização e consolidação de diretrizes e recomendações técnicas para o manejo da espécie. Para isso, foram realizadas três oficinas, sediadas em Guarapuava, PR, Porto Alegre, RS e Cunha, SP, que contaram com representantes dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os participantes incluíram representantes de diferentes segmentos

(pesquisadores, técnicos governamentais e não-governamentais, redes de serviço, extrativistas e produtores), de forma a abranger conhecimentos técnico/científico, tradicionais, teóricos e práticos.

A terceira etapa do projeto visa transformar o resultado obtido em instrumentos de normatização e divulgação para orientar a aplicação prática das diretrizes. Nesse sentido, será elaborado um texto pra compor o Anexo da Instrução Normativa Conjunta nº 17, de 28/05/2009, que trata das boas práticas para o extrativismo orgânico, assim como uma cartilha/formulário para divulgação e orientação didática ao público alvo para atendimento as diretrizes.

#### Resultados:

- Levantamento de informações sobre as Florestas com Araucárias no Brasil e o extrativismo sustentável do Pinhão como base para desenvolvimento de texto para Anexo da Instrução Normativa Conjunta nº 17, de 28/05/2009, que trata das boas práticas para o extrativismo orgânico e cartilha/formulário para divulgação e orientação didática ao público alvo para atendimento as diretrizes.



Associação de Artesãos em apoiar a continuidade da ação dos artesãos que adquirirem a técnica, através da obtenção de espaço e forno para a produção e comercialização.

A região abrangida está sob a responsabilidade da Diretoria de Ensino de Miracatu, e a escola onde as atividades foram desenvolvidas se localiza no município de Iguape.

Para realização da Oficina foram realizadas as seguintes etapas:

1. Articulação e mobilização prévia do instrutor-artesão:

A seleção da artesã, para ser instrutora da oficina foi realizada através de indicação de Parceiros do Programa, levando em consideração a matéria-prima utilizada para a produção do artesanato, a qualidade do artesanato produzido, o conhecimento da técnica, capacidade de replicação da mesma e o fato de ser uma técnica que estava sendo perdida na região, sendo a artesã escolhida a última detentora da técnica.

Após contato com a artesã para verificar a disponibilidade e interesse em ministrar a oficina foram acordadas as possíveis datas para a realização da oficina, a metodologia adequada e o material necessário.

2. Visita ao local de retirada da matéria-prima:

Uma vez identificado o processo de retirada da matéria prima, foi feito um acompanhamento do processo de extração do material a ser utilizado na oficina. Para tal, duas visitas anteriores aos dias de oficina permitiram o registro da retirada o do barro e da casca do Jacatirão, utilizada para o tingimento das peças.

3. Realização da oficina:

Nos dias de Oficina foi apresentada a forma de obtenção da matéria-prima para os participantes da oficina, através da exposição do registro feito em campo, atentando para os critérios de sustentabilidade ambiental/ecológica dessa extração. Em seguida, foram confeccionadas peças de artesanato em argila juntamente com os participantes da oficina.

Resultados:

- Realização de oficina em Iguape para a comunidade local sobre a técnica de produção de utensílios a partir da utilização de argila visando gerar meios para assegurar a sustentabilidade ambiental, sociocultural e econômica da região.
- Continuidade da produção de peças pelos participantes da oficina apoiados pela Prefeitura de Iguape e Associação de Artesãos.

# **PROJETO “Caminhos da Sustentabilidade do Artesanato em Ubatuba – Fase II”**

Duração: dezembro /2011 a dezembro /2012

Financiador: PETROBRAS

Principais Parceiros: Associação Cunhambebe, Projeto TAMAR Ubatuba e Grupo de Artesãos de Ubatuba

## Atividades:

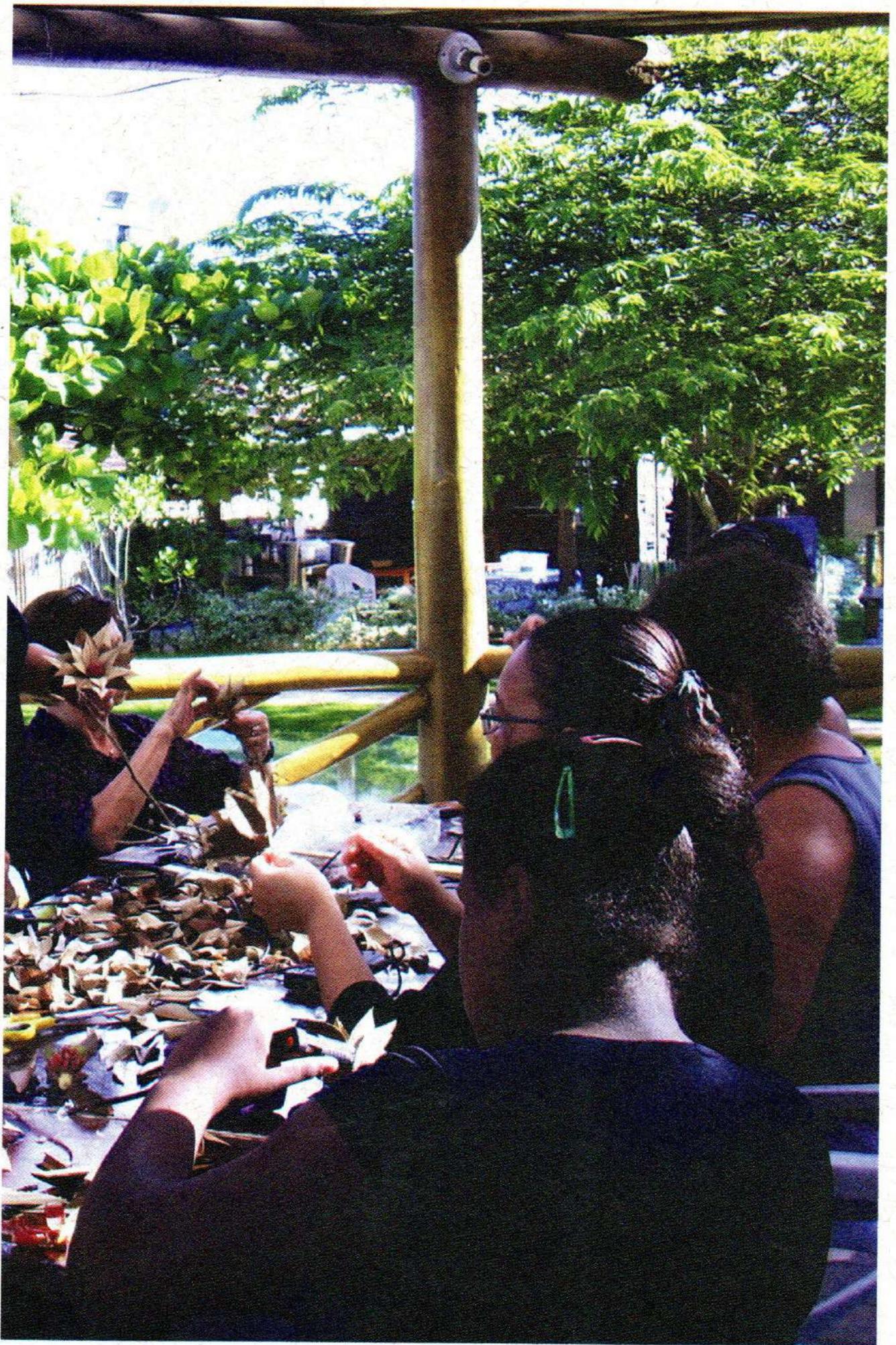
O projeto visa estimular a comunidade a utilizar ícones representativos da região na produção do artesanato como um fator de valorização cultural e diferencial mercadológico, impulsionando o aumento na produção e na renda destes grupos, proporcionando melhoria da qualidade de vida. Busca ainda, contribuir para a formulação ou adoção de tecnologias sociais, contando com a interação da comunidade, buscando criar soluções para transformação social a ser reaplicada pela própria comunidade em outros locais do município e, eventualmente, conforme as possibilidades, em outros locais dentro da área de abrangência da RBMA como forma de promover o intercâmbio de práticas sociais.

Por meio das ações participativas, o projeto visa promover a efetiva adoção das práticas e técnicas apreendidas, formular conjuntamente novas práticas e ações, caso seja constatada a necessidade de melhorias em alguns aspectos.

Outra etapa importante é a da promoção do projeto no município e na região, agregando valor aos produtos criados pelos envolvidos no projeto, considerando que as atividades artesanais serão sustentáveis, e ainda, que se propõem a revitalização da cultura local (principalmente caiçara e quilombola), possibilitando a geração de renda em harmonia com o modo de vida das comunidades tradicionais.

## Resultados:

- 7 Oficinas de capacitação teórica e prática, realizadas em Ubatuba, envolvendo 69 artesãos, abordando os temas:
- Qualidade do produto
- Sustentabilidade da matéria prima
- Tingimento com tintas naturais
- Uso de Iconografia local





Como uma de suas atividades, o Programa “Mercado Mata Atlântica – RBMA” promove e participa de eventos, possibilitando a inclusão e participação dos empreendimentos cadastrados tanto para exposição e promoção de seus produtos como para venda direta ou indireta, de forma a fortalecer o mercado de produtos sustentáveis como alternativa ao mercado convencional. Ao longo dos anos, o Programa Participou dos seguintes eventos:



**Eventos com Participação do Programa  
"Mercado Mata Atlântica - RBMA"**

<b>Evento</b>	<b>Data</b>	<b>Financiador</b>	<b>Parceiro</b>
Adventure Sports Fair	2008	Solabia Biotecnológica	Fundação Florestal
BioFach	2008	S.O.S. Mata Atlântica	
Bio Brazil Fair	2008	U.E. e MDA	
Viva a Mata	2008	Fundação S.O.S. Mata Atlântica	
	2009		
	2010		
	2011		
Sala Mata Atlântica – Exposustentat	2007	MDA, Rastro Verde, Solabia, Planeta Orgânico	
	2008		
	2009		
Praça da Sociobiodiversidade - ExpoSustentat	2010	MMA, MDA, GIZ, MDS	MMA, GIZ
Curso "Cadeias de Valor da Sociobiodiversidade" - Mata Atlântica (metodologia Value- Links-B)	2010	MDA, MMA, MDS e GIZ	MMA, GIZ
	2011		
Praça da Sociobiodiversidade – Rio+20	2012	MMA, MDA, MDS, GIZ	
FENAFRA – Feira Nacional de Agricultura Familiar e Reforma Agrária	2012	MDA	



## **A REALIDADE EM QUE O PROJETO FOI EXECUTADO**

A Mata Atlântica, com mais de 6 mil espécies endêmicas de plantas e reduzida a menos de 8% de sua extensão originária, está entre os 5 “hotspots” (ecossistemas mais ameaçados) mais críticos do planeta. Encontrar o equilíbrio entre conservação e desenvolvimento num domínio onde vive 60% da população brasileira e é gerado quase 70% do PIB nacional é um grande desafio.

A construção da sustentabilidade no Brasil, passa pela redução das desigualdades sociais, considerando os segmentos sociais, e as características regionais específicas. Mas não há como chegar a uma sociedade estável, capaz de proporcionar justiça, trabalho, mobilidade social, esperança a cada um dos cidadãos sem modificar profundamente o quadro da distribuição da renda no país. A redução das desigualdades sociais é primordial para se atingir plenamente a sustentabilidade em todas as suas dimensões, pois pobreza e degradação ambiental integram indissociavelmente a pauta de problemas enfrentados pela sociedade.

Este padrão de desenvolvimento favorece mudanças profundas a partir das relações humanas e com o meio ambiente, transportadas ao método produtivo, visando a manutenção das fontes de recursos que influenciam diretamente o modo de viver da sociedade. E respeitando a cultura da comunidade local.

Cultura que pode ser entendida como o complexo sistema que inclui conhecimento, crenças, arte, morais, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

Portanto, correspondem às formas de organização de um povo, seus costumes e tradições transmitidas de geração para geração que, a partir de uma vivência e tradição comum, se apresentam como a identidade desse povo.

O Município de Ubatuba tem área territorial de 710,783 quilômetros quadrados, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), e seus limites geográficos abrangem os Municípios de Caraguatatuba (SP) ao sul, Paraty (RJ) ao Norte, ao oeste com São Luiz do Paraitinga (SP) e Cunha (SP), e sendo ainda limitado pelo Oceano Atlântico e Parque Estadual da Serra do Mar. O Município possui 78.801 habitantes, segundo dados do Censo Demográfico de 2010. O Índice de Desenvolvimento Humano médio é 0,795 (Fonte: PNUD) e o grau de urbanização foi 97,6% em 2010 (Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010).

Na área de atuação do projeto “Caminhos da Sustentabilidade” existem três tipos de populações tradicionais: os indígenas (que não participaram deste

projeto), os caiçaras e os quilombolas – público-alvo deste projeto.

Entende-se por caiçaras aquelas comunidades formadas pela mescla étnica e cultural dos indígenas, dos colonizadores portugueses e, em menor grau, dos escravos africanos. Os caiçaras apresentam uma forma de vida baseada em atividades de agricultura itinerante, pesca artesanal, extrativismo vegetal e manufatura de artesanato para uso cotidiano. Estas comunidades passaram a chamar a atenção de pesquisadores e de órgãos governamentais mais recentemente em virtude das ameaças cada vez maiores à sua sobrevivência material e cultural e pela contribuição histórica que têm dado à conservação da biodiversidade, por meio do conhecimento sobre a fauna e a flora e os sistemas tradicionais de manejo dos recursos naturais de que dispõem.

Essas comunidades encontram-se hoje ameaçadas em sua sobrevivência física e material por uma série de processos e fatores. Uma das ameaças a essas comunidades e ao exercício de suas atividades tradicionais teve início com a especulação imobiliária, que retirou parte dos caiçaras de suas posses localizadas a beira-mar, obrigando-os a mudar para regiões de sertões ou encostas, onde hoje se encontram em sua maioria.

A criação de áreas naturais protegidas também influenciou esse processo de alteração da cultura caiçara, por meio da transformação de seu espaço de produção material e social em parques e outros tipos de unidades de conservação, gerando limitações a suas atividades tradicionais de agricultura itinerante, caça, pesca e extrativismo. Da forma como este processo ocorreu em várias regiões do país, contribuiu para a emergência de conflitos e para uma migração ainda maior para as áreas urbanas, onde os caiçaras, expulsos de seus territórios, passaram a viver em áreas de “sertão” (longe da praia, próximo a encostas), e foram “destinados” ao desemprego ou ao subemprego. Mesmo assim, ainda, hoje o caiçara extrai da natureza parte importante de seu sustento, seja através da pesca, da agricultura e das matas, de onde são retirados cipós, frutos, flores, entre outros, que são utilizados para uso doméstico ou comercial.

Em Ubatuba, dentro da área de influência do Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba (SP) – PESM-NP – são encontrados praticamente todos os ecossistemas representativos da Mata Atlântica. A região de Picinguaba é o único trecho do Parque Estadual que atinge o nível do mar, protegendo assim os ecossistemas costeiros, cinco praias e também três agrupamentos humanos: o bairro do Cambury com 308 habitantes, o Sertão da Fazenda com 184 habitantes, e a Vila de Picinguaba com 529 moradores (dados de 2009).

Os quilombolas, ou remanescentes de quilombos, são descendentes dos escravos negros que sobrevivem em enclaves comunitários, muitas vezes antigas fazendas deixadas pelos antigos grandes proprietários. Apesar de existirem, sobretudo após o fim da escravatura, no final do século XIX, sua

visibilidade social é recente, fruto da luta pela terra, da qual, em geral, não possuem escritura. A comunidade quilombola do Cambury está dentro da área o Parque Estadual da Serra do Mar, o que trouxe conflitos ao longo dos anos, como a proibição da construção de canoas, de casas ou reformas das existentes, devido à legislação que rege estas unidades de conservação.

Faz-se necessário capacitar jovens e adultos visando perpetuar a atividade artesanal sustentável, assim como promover a formalização destes pequenos empreendedores, buscando desenvolver formas de melhorar e ampliar a comercialização, a qualidade dos produtos e dos meios de produção.

Atualmente, o mercado está extremamente exigente quanto a produtos de qualidade e ambientalmente sustentáveis. Desta forma, é evidente a necessidade de se buscar alternativas para um artesanato sustentável, provendo um trabalho que permita o aproveitamento total da matéria-prima, fundamentalmente da madeira, que muitas vezes é extraída irregularmente (a exemplo da Caixeta, *Tabebuia cassinoides*, usada sem licença – sendo que já existe legislação no Estado de São Paulo).

A caixeta (*Tabebuia cassinoides* (Lam.) D.C.) é uma Bignoniaceae que ocorre naturalmente em regiões de solos úmidos e alagadiços de água doce da planície litorânea e restingas brasileiras. Vem sendo utilizada, desde a década de 30, por populações locais para a manufatura de diversos produtos, como lápis, tamancos e artesanatos. Em 1992 a Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, de acordo com a constituição Federal, estabeleceu normas para a exploração de caixeta sob regime de manejo sustentado (resolução SMA-11, de 13 de abril de 1992). As áreas de caixetais vêm sofrendo um processo de desaparecimento baseado em três pontos básicos. Pontos estes relacionados diretamente às ações antrópicas, que refletem a falta de conhecimento dos caixetais pelos exploradores deste recurso, que ignoram o conhecimento e a experiência de populações tradicionalmente “manejadoras” de caixeta.

O assoreamento dos rios e conseqüentemente das áreas de várzea, por sedimentos originados da erosão dos solos, lançamento constante de detritos sólidos nos cursos d’água por indústrias e centros urbanos em geral, bem como a criação de barragens, açudes e estradas cruzando cursos d’água e alterando os regimes hidrológicos, vem contribuindo para acelerar o processo de sucessão nos caixetais. A extração seletiva de caixeta, principalmente no método por vala, favorece outras espécies em detrimento da caixeta (Marquesini, 1994(a)). A ausência de um plano de manejo adequado normalmente resulta em práticas inadequadas de exploração, como a inexecução de desbrota após o corte, que podem diminuir o incremento de madeira (caixeta) e comprometer explorações futuras. Estas práticas tendem a médio/longo prazo, alterar negativamente a densidade de caixeta nas áreas, bem como seu volume absoluto.

A pressão resultante da expansão desordenada dos centros urbanos e especulação imobiliária, bem como o aumento dos condomínios à beira mar impulsionados pelo turismo, vêm determinando o aterro de diversas áreas alagadas (mangues, brejos e várzeas) e a devastação das mais diversas formações vegetais (restingas, mangues e caixetais, entre outros) no litoral paulista, em detrimento das populações locais (caiçaras, quilombolas e indígenas) que são obrigadas a se mudar para as periferias das cidades ou povoar as escarpas da Serra do Mar, perdendo a condição de plantar para sua subsistência e coletar a matéria-prima para suas manufaturas (artesanatos).

O município de Ubatuba tem como seu principal vetor econômico a atividade turística, e um dos pressupostos para sua realização é a revitalização das características culturais e naturais, que representam a grandeza do município e de seus moradores. Essa cultura simples e a beleza cênica do município atraem turistas e despertam o desejo de conhecer a cultura e de adquirir elementos que a representem. No entanto, a atividade artesanal, que é um dos aspectos fundamentais da preservação da cultura local e de subsistência econômica da população em questão, está sendo desvalorizada em função do desenvolvimento desordenado do turismo, que provocou e provoca mudanças comportamentais na organização social local, descaracterizando alguns costumes. A questão da sustentabilidade ambiental é outro aspecto conflitante, devido às dificuldades vivenciadas por essas comunidades, e ainda, ao fato da inexistência de algumas normas para regulamentação de extração de algumas espécies, produtos florestais da Mata Atlântica, o que fomenta a extração ilegal, comprometendo os valores e a qualidade dos produtos, e ainda, levando-os a atuar de maneira irregular.

A relação entre as comunidades tradicionais e os turistas é ambígua quando avaliada sob a ótica cultural e econômica, já que o turista valoriza as peças artesanais e gera renda a essas comunidades. Por outro lado, promove o afastamento de suas raízes em função de demandas além da capacidade de produção artesanal.

Atualmente essas comunidades não produzem mais utensílios para o trabalho na roça ou uso doméstico. A sua organização e seus sistemas de produção estão voltadas prioritariamente ao comércio. No entanto, não há uma valorização desta atividade artesanal condizente com o valor cultural, o que enfatiza a existência de um abismo cultural-social que é evidenciado pelo valor econômico dado às peças produzidas por essas comunidades.

Foram previstos neste projeto incentivos aos participantes, considerando suas dificuldades de sobrevivência e o tempo a ser investido, até que os resultados do projeto comecem a ser verificados, no que se refere especificamente à renda. Neste caso, se pode ressaltar, principalmente, as ações promovidas, em caráter permanente, pelo Programa “Mercado Mata Atlântica – RBMA”.



## OS PARTICIPANTES DO PROJETO

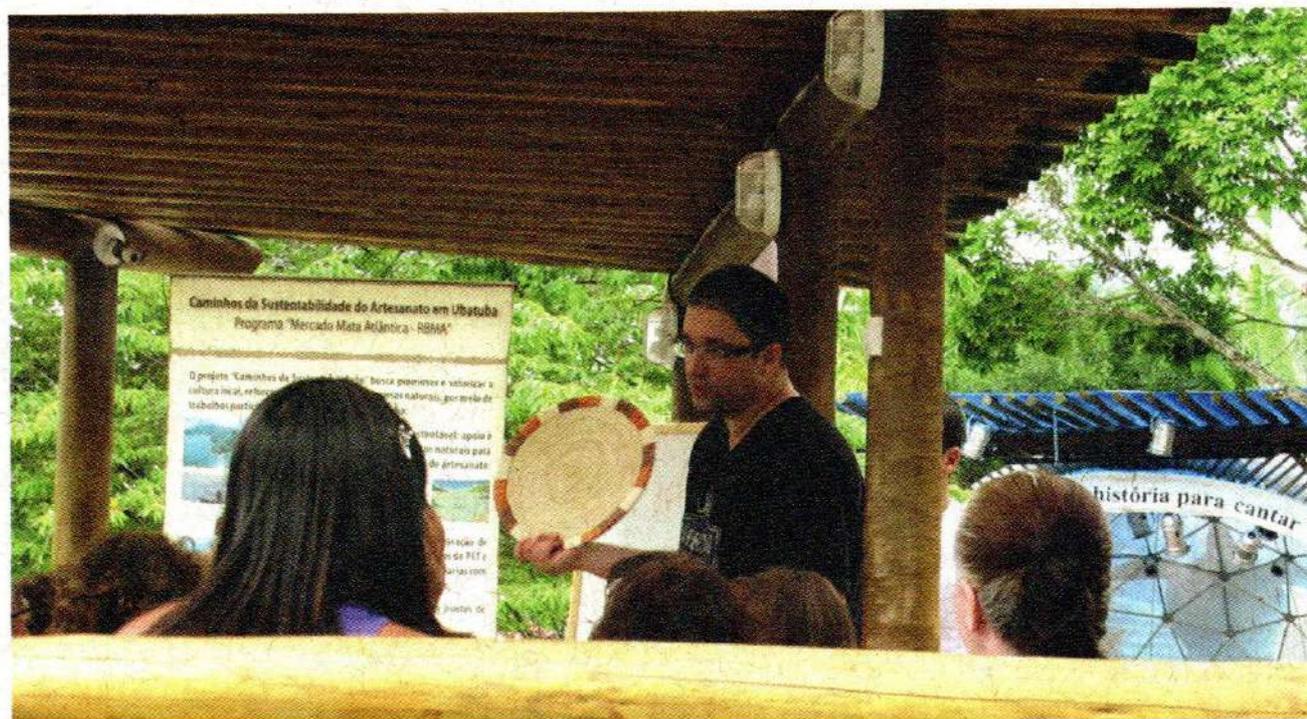
A proposta, somando-se as duas fases do projeto, foi atender 150 pessoas entre 15 e 60 anos, que representam 65,9% da população do município, visando promover o conceito “família”, ou seja, envolver todos os interessados de uma mesma família nas atividades, promovendo a aproximação dos filhos com o trabalho dos pais e mães e, acima de tudo, permitindo a troca entre as diferentes gerações.

Um dos maiores problemas enfrentados atualmente para a consolidação e perpetuação da atividade artesanal sustentável é falta de interesse dos mais jovens no trabalho desenvolvido por seus familiares ao longo de gerações. A idéia é mostrar aos jovens, a partir do conhecimento dos mais velhos, as vantagens e benefícios que a atividade pode proporcionar, além da independência financeira e seus desdobramentos.

A maior parte dos participantes reside na zona urbana do município, pelos dados do censo demográfico de 2010, 97,6% da população do município está concentrada nesta área. Apenas 2,4% da população reside na zona rural de Ubatuba.

A taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais de idade é de 5,8% no total, sendo que entre 15 e 59 anos é de 6,2%.

A população atendida por este projeto é composta essencialmente de membros das comunidades caiçara e quilombola de Ubatuba, residentes tanto na zona urbana quanto na zona rural do município e seus distritos.







## **PRINCÍPIOS E EXPERIÊNCIAS DA METODOLOGIA UTILIZADA**

O Programa “Mercado Mata Atlântica - RBMA” realizou projetos com a comunidade local, porém, todos com curto prazo de execução.

A partir da experiência adquirida com estes projetos, percebeu-se a necessidade de elaborar uma proposta que pudesse ser executada em um prazo maior. A idéia é replicar os conceitos formatados a partir das propostas anteriores e colocar em prática as demandas da comunidade local, que participou ativamente da formulação destas propostas, bem como de sua execução.

A equipe do Programa percebe a necessidade de aprofundamento em questões como a priorização da iconografia local na produção artesanal, da qualidade dos produtos e matérias-primas, da comercialização e da abertura e prospecção de novos mercados.

Muitos dos artesãos buscam novas fontes de inspiração fora de seu convívio habitual, estimulados por tendências de mercado que não refletem na produção artesanal a cultura local. Por um lado, isso atrai um tipo de consumidor, o sazonal, o turista. Esse tipo de comércio não é danoso, mas não gera receita fora dos meses da alta temporada, por exemplo. A importância de refletir a iconografia tradicional local é percebida devido a uma tendência crescente de mercado. O desenho (design) das peças tradicionais atrai um consumidor de maior renda, que busca, além de peças representativas, qualidade, inclusão social, renda para as famílias envolvidas, redução da pobreza, entre outros aspectos do comércio justo e solidário.

Bens de consumo industrializados não podem ser comparados a bens de consumo manufaturados e, principalmente, com aqueles produzidos por artesãos que utilizam técnicas tradicionais e matéria-prima oriunda da Mata Atlântica.

Muitas vezes, por dependerem de uma grande quantidade de produtos vendidos para terem algum retorno sobre seu investimento inicial e, sobretudo seu trabalho, diversos artesãos deixam de lado materiais e técnicas para priorizar a quantidade produzida em detrimento da qualidade, explorando a venda sazonal.

O cenário atual de consumo consciente nos mostra uma tendência inversa, ou seja, que prioriza técnicas tradicionais, por vezes até rudimentares, mas que expressam a cultura do produtor em cada fração de sua obra ou produto artesanal.

A intenção é mostrar a estes artesãos e artesãs que sua produção tem um grande valor e, sobretudo, mercado consumidor crescente.

Foi constatado, nas diversas comunidades trabalhadas, que um dos maiores entraves enfrentados pelos produtores é a comercialização, uma vez que a venda é realizada esporadicamente de forma direta, e as grandes vendas são raras e muitas vezes dependem de uma empresa ou outro grande comprador interessado em adquirir grandes quantidades de peças para revenda, como é o caso, por exemplo, de lojas de decoração.

Uma das principais atividades artesanais desenvolvidas por essas comunidades inclui a extração irregular de madeira da Mata Atlântica, demonstrando a importância da intervenção desse projeto naquelas comunidades com o objetivo de transformar a realidade local.

Quanto mais pobre a sociedade ou comunidade, maior é a necessidade de estratégias de geração de renda e promoção de bem-estar social e cultural.

A convivência e a cooperação, bem como o relacionamento com outras pessoas, contribuíram para dinamizar a realização de tarefas cotidianas, como a de alimentação. De acordo com vários autores, a cultura dos grupos sociais mais pobres é naturalmente mais solidária do que a de grupos sociais de maior poder aquisitivo. A isto se agrega o fato de que cada pessoa ou família, ao dispor de recursos escassos para realizar suas atividades econômicas, precisa dos próximos que enfrentam igual carência para complementar a força de trabalho, os meios materiais e financeiros, os conhecimentos técnicos, a capacidade de gestão e organização e, em geral, a dotação de fatores indispensáveis para criar a unidade econômica que lhes permitirá uma operação viável. Usa-se, aqui, o conceito de capital social.

Após pesquisa realizada pode-se comprovar que este projeto foi relevante para a comunidade, onde a renda familiar e a qualidade de vida são baixas e há um alto índice de desemprego, além de trabalhos informais, que geram instabilidade financeira para as famílias. O artesanato é uma das poucas oportunidades de trabalho na comunidade, já que a maioria não possui “qualificação” profissional.

A inserção ou reinserção no mercado de trabalho formal estão cada vez mais difíceis. Este vem excluindo centenas de pessoas e mostra serem essenciais iniciativas que atendam adequadamente às demandas em prol de sobrevivência digna e justa. Com este projeto pretendeu-se gerar novas oportunidades de desenvolvimento por meio de geração de trabalho e renda.

O projeto é replicável em qualquer região, e pode ser adequado segundo as demandas e peculiaridades locais. A geração de renda é um princípio que deve estar sempre enlaçado com valorização e preservação do patrimônio ambiental, social e cultural de cada localidade. Com o envolvimento da comunidade no projeto, desde o diagnóstico até a definição das equipes de multiplicadores consegue-se alcançar uma identificação com a região de atuação, o que pode ocorrer em qualquer localidade.



## AÇÕES DO PROJETO

### **Elaboração de textos relatando a história e os valores das técnicas artesanais:**

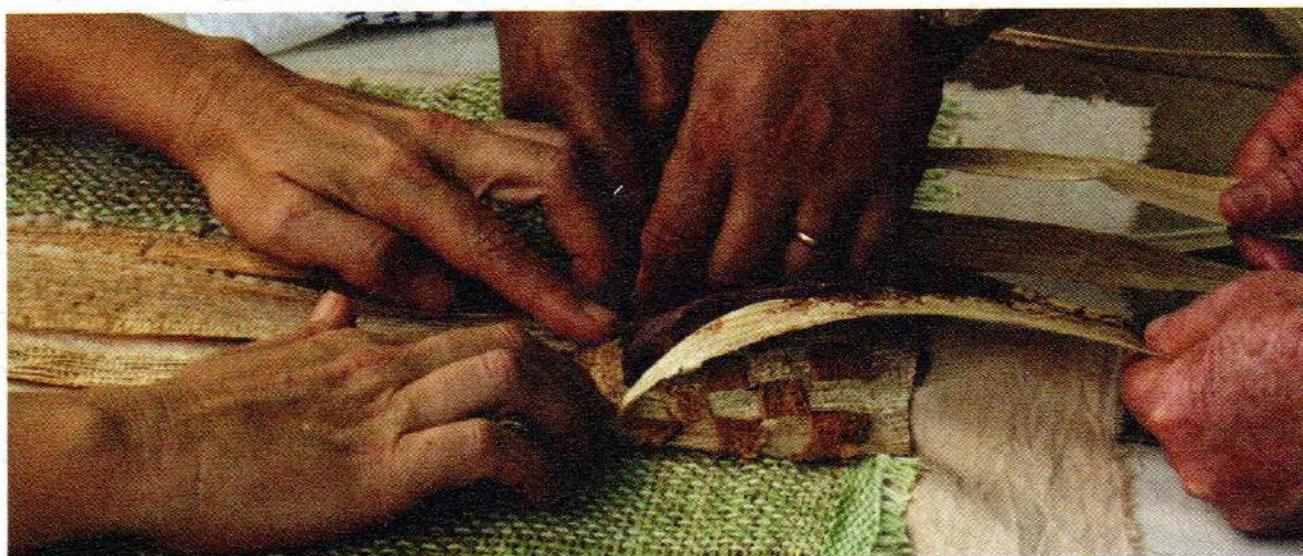
Os textos foram elaborados a partir das informações coletadas nos questionários aplicados para identificação dos artesãos.

### **Textos elaborados pelos artesãos com apoio da equipe:**

O casal Maria Adelaide Quaglio e José Flávio Ferraz Bueno começou a fazer artesanato há 12 anos, inicialmente por mera curiosidade. Com o passar do tempo em função das técnicas aprendidas e preocupados em colaborar com a preservação do meio ambiente, passaram a dedicar mais tempo à atividade artesanal que tornou-se uma nova fonte de renda.

Toda a matéria-prima utilizada é recolhida de podas de árvores, coqueiros, cachos, sementes e espigas de palmeiras respeitando a época de floração e queda.

Com a fixação de várias técnicas artesanais, desde a produção de papel de fibra de bananeira até o uso de sementes, o casal passou a produzir luminárias, marcadores de livros, porta-retratos, fruteiras, jogos da velha, cachepôs e chaveiros. O trato com a matéria-prima e o contato manual proporcionam muitas opções e possibilitam diversificar as peças tornando-as exclusivas, devido à forma única de cada material utilizado.



Todas as técnicas utilizadas pelos artesãos Maria Olinda Tierling e Orlando Pereira tem como princípio a sustentabilidade. Essas técnicas foram aprendidas e aperfeiçoadas por eles, que estão sempre inovando com novas peças.

Os artesãos têm no artesanato sua principal fonte de renda. Toda a matéria prima, como folhas de palmeira imperial, areka, gerivá, fibra de coqueiro, folha de palmeiras macaúba, são extraídas de forma sustentável, respeitando o ciclo natural de cada espécie. Além disso, os artesãos utilizam papel, coadores de café reutilizados, discos de vinil, sisal, sementes e madeira reciclada para confeccionarem luminárias, cachepôs, relógios, bandejas e topiarias, que possuem um charme e uma beleza única, valorizando a atividade artesanal e revitalizando a cultura local, sempre respeitando o meio ambiente.

A técnica artesanal utilizada por Maria dos Santos nos arranjos é muito antiga e foi aprendida pela artesã com sua avó, que utilizava os retalhos das roupas confeccionadas em casa para produzir os arranjos, que serviam de enfeite para casa, e também eram dados de presentes para os amigos e parentes.

Atualmente, a técnica é pouco desenvolvida na região, e foi lembrada pela artesã, que decidiu resgatar um pouco de sua cultura e desenvolveu novos modelos de arranjos mantendo a técnica aprendida.

O trabalho com juta e retalhos de tecidos é confeccionado a mão, sem o uso de máquina de costura, outra demonstração de valorização da cultura, o “ponto atrás” que é utilizado, foi aprendido pela artesã com sua mãe e avó. Os arranjos são confeccionados com flores secas de uma planta conhecida popularmente por erva-grossa. Já a casca de coqueiro pindová, sementes como feijão, grão-de-bico; folha “moeda” seca e tingida; cravo; canela em pau, e outros elementos como conchas de resina; bucha natural, sisal, juta e retalhos de tecidos compõem as bandejas de folha de côco, toalhas decorativas, patchworks, jogos americanos, caminhos de mesa e topiarias.

As técnicas desenvolvidas pela artesã Cida Cruz pertencem a gerações da família, desde sua avó, com quem aprendeu ainda menina, a trabalhar com a palha.

A artesã atualmente tem no artesanato sua fonte de renda, e diz que sente muito orgulho do que faz, e produz suas peças com muito amor. Aproveitou as técnicas aprendidas com sua avó e criou novas idéias e objetos modernos. Espera que seus filhos deem continuidade ao trabalho perpetuando assim a sua cultura.

A artesã recolhe pessoalmente na Mata suas sementes, folhas e fibras com o cuidado de buscar apenas o necessário. Com a palha de palmeira, fibra de palmeira, sementes variadas, folhas secas e sisal produz arranjos de flores de palha, vasos e baús revestidos de fibra triturada, garrafas recicladas e decoradas com fibras e sementes, porta-retratos revestidos com palha, móveis, brincos e chaveiros, imãs de geladeira e lustres de palha.

A artesã Ana Inês Deanquin utiliza restos de madeira, refugos de madeiras, que lhe são doados, gerando renda com produtos que seriam queimados ou abandonados em áreas próximas a rios e terrenos baldios. Com a madeira reciclada a artesã produz quadros e imãs, com pinturas que contam com motivos marinhos.

A artesã Eloísa Maria Meirelles Rebuá aprendeu no ano de 1992 a técnica de curtir o couro de peixe no Rio Grande do Sul e a partir daí passou a desenvolver a própria técnica. A partir de 1998 também pesquisou a cabaça e evoluiu com as peças de artesanato.

A pele de peixe é captada no lixo das peixarias e do Mercado de Peixe. A cabaça é colhida nas roças de cabaça e vendida nos mercados públicos. O coquinho brejaúva é colhido no chão, na Mata Atlântica.

As matérias primas utilizadas pela artesã são couro de peixe, cabaça e coquinho brejaúva, com os quais ela produz bolsas, carteiras, cintos, tiaras, bonés, chaveiros, porta-cheque, porta-cartão, porta-moeda, balões, dirigíveis, galinhas, potes, ninhos com passarinho e imãs de balão.

As técnicas de tecelagem e crochê estão na família de Maria das Graças da Silva Rego há muito tempo e foram aprendidas pela artesã com sua mãe.

A fibra utilizada pela artesã é retirada das bananeiras cultivadas no quintal de sua casa. Os retalhos de tecido são doados por amigas e conhecidas e reaproveitados para confeccionar suas peças. A principal renda da artesã é originada da venda dos produtos confeccionados por ela. A matéria prima é fibra de bananeira, retalhos de tecido de algodão e sementes, retalhos de malhas e de juta, com os quais produz bolsas de retalhos e de fibra de bananeira, panôs de tecido, cestarias, tapetes e bijoux.

A família da artesã Maria de Lourdes de Oliveira cultivava um bananal há 30 anos. Devido ao grande volume de troncos e a dificuldade de dar destino aos resíduos que não eram utilizados, a artesã passou a estudar as técnicas existentes de extração de fibra de bananeiras.

O uso da fibra da bananeira possibilita um novo destino ao produto que seria descartado no meio ambiente, provocando um acúmulo de resíduos em locais inadequados. Atualmente, a artesã utiliza as fibras da planta para produzir inúmeras peças de artesanato promovendo a geração de renda. Além, da fibra de bananeira, os retalhos de algodão e as sementes fazem parte das peças produzidas pela artesã, como bolsas; cestarias; jogos americanos; panôs e caminhos de mesa.

A artesã Rosely Pavan Valla utiliza a fibra de coqueiro que é colhida respeitando o ciclo de vida da planta. A artesã utiliza jornais que habitualmente são descartados no lixo comum, e com esse material produz peças artesanais para decoração e utensílios domésticos. As matérias primas utilizadas pela artesã, são a palha de coqueiro, folhas de jornal, juta, chita e filtros de café reutilizados com os quais produz quadros, flores, gamelas, vasos e jogos americanos.

## **Valorização da autenticidade, criatividade, originalidade e inovação das peças:**

A quantidade de artesãos que estarão representados no catálogo e no cadastro do Programa “Mercado Mata Atlântica – RBMA” foi definida de acordo com os Princípios e Critérios (P&Cs) para gestão do Selo de Origem do Programa “Mercado Mata Atlântica – RBMA”, a seguir:

### **Selo de Origem “Mercado – RBMA”:**

#### **P&Cs Aprovados por Vários Empreendimentos Comunitários**

- **Construir e Gerir a Sustentabilidade Econômica (P1).**

- Responsabilidade Socioambiental como compromisso dos empreendedores (C1).
- Redução e reciclagem no uso de matéria prima adotada e incentivada pelos empreendimentos e pelos consumidores, no contexto da estratégia de gestão ambiental que parte da reconhecida como 3 RS (\*\*), tendo como meta organizacional a reconhecida com 10 Rs (\*) (C2).
- Melhoria da qualidade de bens e serviços de forma permanente, por meio da capacitação dos produtores, da inovação tecnológica e gerencial, do desenvolvimento tecnológico e do resgate dos conhecimentos tradicionais (C3).
- Cadeia produtiva em condições de integral rastreabilidade (C4).

- **Desenvolver Ações de Promoção Social e de Boa Relação com a Comunidade (P2).**

- Geração de emprego e renda priorizada por meio do fortalecimento dos empreendimentos e de empreendedores locais, da abertura de mercados responsáveis e da promoção da cidadania (C5).
- Consumo sustentável e solidário promovido em todos os setores da sociedade (C6).

- **Realizar Efetiva Gestão Ambiental e Respeitar o Patrimônio Cultural (P3).**

- Produção, processamento e distribuição em equilíbrio com a capacidade de suporte dos ecossistemas, integrada com a paisagem, a sociedade, a cultura local e os sistemas produtivos recomendados (C7).

- Uso dos recursos naturais e do patrimônio cultural em conformidade com toda legislação incidente sobre processos e com normas de certificação ou com acordos coletivos de uso e responsabilidade, tendo como base mínima uma política interna de gestão ambiental (C8).

- **Conservar a Mata Atlântica (P4).**

- Foco em questões-chave para a conservação local efetiva do bioma (C9).

- Contribuição efetiva com a gestão da RBMA (C10).

(\*) Reconhecer; Rejeitar; Reduzir(\*\*); “Replace” (Substituir); Reusar(\*\*); Reciclar(\*\*); Reengenharia; Retreinamento; Recompensar; e Re-educar.



RESERVA DA BIOSFERA  
DA MATA ATLÂNTICA

[www.rbma.org.br/mercadomataatlantica](http://www.rbma.org.br/mercadomataatlantica)



PRODUTO  
SUSTENTÁVEL

Nº: 1011005/12  
[www.rbma.org.br](http://www.rbma.org.br)

RESERVA DA BIOSFERA  
DA MATA ATLÂNTICA

**Definição participativa de um conjunto de atividades substitutas, que mantenham a valorização cultural e permitam o uso de novas técnicas artesanais:**

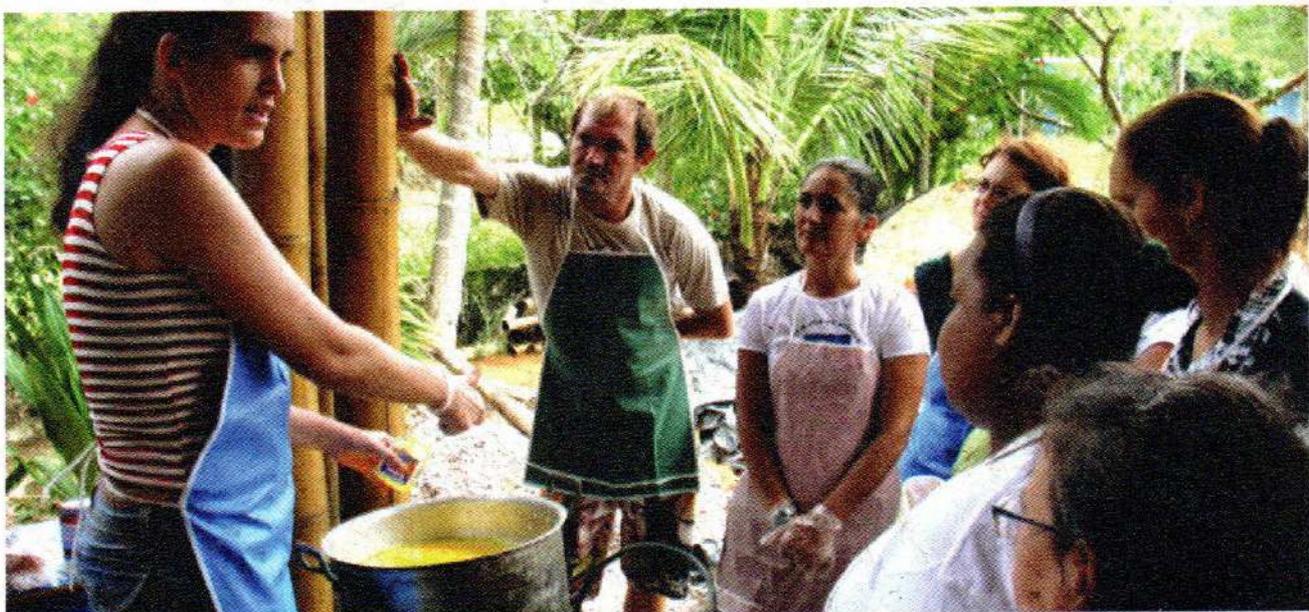
Uma das novas técnicas artesanais que foram demonstradas, como tecelagem com fios de PET, foi sugerida e é justificada a seguir pela definição/explicação do valor socioambiental de utilização deste material.

O Politeraftalato de Etileno é um polímero termoplástico. Conhecido popularmente com PET, é uma resina plástica de muita resistência, utilizada na fabricação de garrafas para refrigerantes, águas, sucos, embalagens para cosméticos, comestíveis, medicamentos, produtos de higiene e limpeza, destilados e outros.

O descarte dessas embalagens cria um sério problema ambiental. E, em lugar de aumentar os volumes dos lixões, esse nobre derivado do petróleo toma outro rumo – a reciclagem.

Municípios já possuem programas de Reciclagem e cidadãos fazem parte desse processo, separando embalagens, lavando-as e disponibilizando-as para o destino adequado – os centros de reciclagem.

Esses centros de reciclagem separam tampas e compactam as embalagens em fardos que são enviados à usina. Na usina, o material é triturado, transformado em flocos, lavado, seco e processado em extrusoras - máquinas que fazem filamentos – o fio de poliéster. Este fio é a grande redescoberta do plástico e a mais nova solução para redução do impacto ambiental que o PET, como embalagem, causa em todo mundo. Do ponto de vista social, há algumas coisas a serem melhoradas, ainda precisamos ter um preço mais acessível do fio para a tecelagem artesanal e disponibilidade de compra em pequenas quantidades.



**Caminhos da Sustentabilidade do Artesanato em  
Programa "Mercado Mata Atlântica - RBMA"**

Os "Caminhos da Sustentabilidade" partem do conhecimento das populações tradicionais sobre a fauna, flora e na utilização de sistemas culturais de manejo de recursos naturais, que contribuem para a conservação da Biodiversidade.

Ubatuba foi agraciada pelo mar, Mata Atlântica e cultura tradicional caiçara, refletida em seu artesanato secular transmitido de geração em geração. A sustentabilidade se consolidará com a valorização desta arte, aliando conservação ambiental e inclusão social e geração de renda.





## COMO A COMUNIDADE PARTICIPOU DO PROJETO

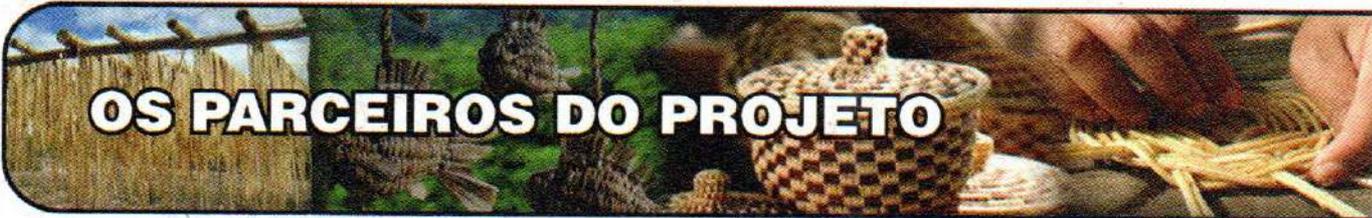
A comunidade, por meio de reuniões informais, participou do processo de construção do projeto, e seguiu participando em reuniões que ocorreram no decorrer do projeto. Todo o desenvolvimento do projeto foi participativo e executado em conjunto com a comunidade local.

O projeto pretende gerar renda e promover a valorização da cultura das comunidades tradicionais, reduzindo o impacto negativo sobre a Mata Atlântica, possibilitando a construção de alternativas fundamentadas na realidade vivenciada por estes artesãos, garantindo o sucesso da tríade revitalização cultural, desenvolvimento socioeconômico e ambiental e auto-sustentabilidade do projeto.

Todos aqueles que estão nas áreas assistidas pelo projeto e que se enquadraram nos objetivos propostos puderam participar das atividades.

Pessoas das comunidades envolvidas apoiaram a divulgação e participaram como colaboradores de todo o processo de realização do projeto, apresentando nas reuniões que ocorreram suas sugestões e observações, que foram consideradas nas correções necessárias ao longo do período de execução do projeto.





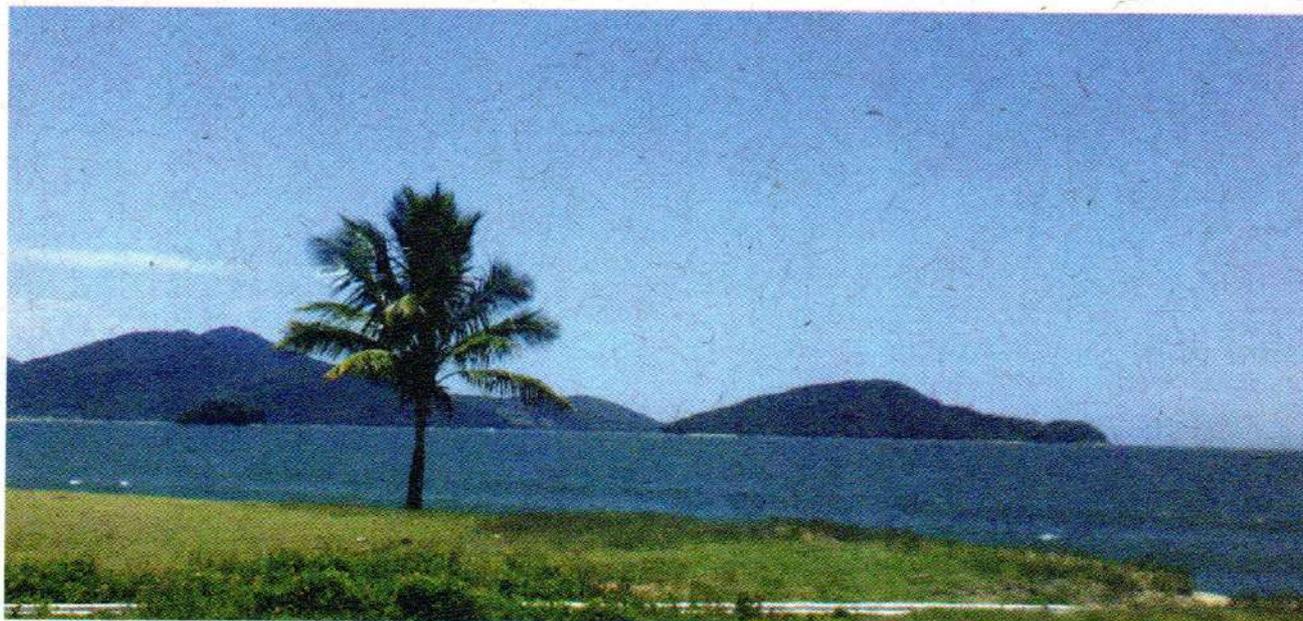
## OS PARCEIROS DO PROJETO

As parcerias são importantes para a realização de projetos como este, e para enfrentar os desafios encontrados nas comunidades, as lideranças locais são parcerias fundamentais, que devem ser envolvidas integralmente no projeto. O projeto trabalhou em conjunto com a comunidade local e voluntários.

Uma das propostas do projeto foi a criação de um canal direto de participação e envolvimento de artesãos (mestres e mestras artesãos) ligados a ações culturais e sociais, na forma de voluntariado, seja na visita periódica às comunidades e aos ambientes envolvidos, ou dando continuidade na atuação como capacitadores.

A Associação Cunhambebe da Ilha Anchieta foi responsável pela coordenação e execução das atividades em campo e também pela divulgação das atividades e oficinas junto às comunidades, com apoio dos participantes.

O projeto Tamar - base de Ubatuba - foi fundamental para a execução do projeto e pode apoiar sua continuidade. No espaço oferecido pelo Tamar foram executadas praticamente todas as oficinas e eventos relacionados ao projeto. Também foi cedido um espaço para comercialização, de forma permanente, dos produtos dos artesãos de Ubatuba. Para manter este espaço é necessário que estes artesãos se organizem e cheguem a um acordo a respeito de escalas de trabalho e representação de seus parceiros.



## INTERAÇÃO DO PROJETO COM POLÍTICAS PÚBLICAS

Infelizmente não há políticas públicas municipais efetivas, voltadas para a valorização da cultura local, tampouco para a capacitação de mão de obra local. Há poucas alternativas relacionadas ao manejo sustentável para extração de madeira da Mata Atlântica, embora seja de conhecimento a retirada ilegal de madeira. Existem ações isoladas oriundas de várias organizações que não ocorrem no contexto cotidiano dessas comunidades, e que apesar de agregarem valor não são auto-sustentáveis tampouco desenvolvem canais de vendas.

O projeto pode contribuir para a adoção de políticas públicas voltadas para a valorização cultural, principalmente com a iniciação dos levantamentos de dados gerais e cadastrais, e para a qualificação do produto turístico municipal. E ainda, para a diminuição dos impactos socioambientais negativos, por meio da geração de renda para as comunidades tradicionais.

O governo local pode atuar junto ao projeto sempre que julgar importante e estiver em conformidade com os objetivos gerais e específicos do projeto e das ações programadas.

O IA-RBMA e a própria Reserva da Biosfera da Mata Atlântica podem se posicionar a respeito da formatação de políticas públicas junto aos organismos competentes, fornecendo dados coletados e contribuindo com a mobilização de entidades que possam contribuir neste processo.





# Caminhos da Sustentabilidade

Programa "Mercado Mata Atlântica - RBMA"



**Valorizando a cultura local por meio da atividade artesanal sustentável, considerando a sustentabilidade cultural, social e econômica.**





## **APOSTILAS DESENVOLVIDAS PELAS EDUCADORAS PARA OS PARTICIPANTES DAS OFICINAS**

O Projeto "Caminhos da Sustentabilidade do Artesanato em Ubatuba - Mercado Mata Atlântica - RBMA" realizou varias oficinas de artesanato voltadas para a sustentabilidade no Município de Ubatuba. Uma delas foi a de extração e preparação da "Fibra de Bananeira". As oficinas foram realizadas nas comunidades do Camburí e Rio Escuro, e esta apostila foi elaborada para estes participantes.

Embora a fibra de bananeira seja utilizada há muitos séculos nos países asiáticos para preparação de cordas para embarcações e confecção de tecidos, só há bem pouco tempo, cerca de 10 anos, vem sendo desenvolvido no Brasil projetos de pesquisas e divulgação destas técnicas para produção de artesanatos, papeis de revestimentos e placas de aglomerados da fibra triturada.

Desde 2004, venho ajudado a difundir estas técnicas em Ubatuba, oferecendo oficinas a pessoas que possam repassar estes conhecimentos para suas comunidades.

Esta apostila não substitui a participação nas oficinas, apenas serve como referência para possíveis consultas.

Devemos lembrar sempre que ainda não existe uma fórmula definitiva para a manipulação das fibras, ficando a habilidade do artesão e o prazer pela criação, os verdadeiros responsáveis pelos lindos trabalhos que certamente irão surgir a partir desta oficina.

Agradeço sempre a boa acolhida que tivemos no Camburí e no Rio Escuro onde mais que portas abertas encontramos corações prontos a nos ceder um lugarzinho dentro deles e, claro, sempre um delicioso cafezinho.

# OFICINA DE EXTRAÇÃO E TRATAMENTO DE FIBRA DE BANANEIRA

Na cultura tradicional da banana, após a colheita do fruto, o pseudocaule (tronco) é cortado e deixado na própria lavoura para que se decomponha.

O pseudocaule é formado por várias camadas, chamadas de bainhas foliares. São destas bainhas que são retirados os diferentes tipos de fibras.

## **Extração do pseudocaule**

O primeiro passo é o corte do pseudocaule (tronco), que certamente deve ser aquele que já deu fruto, de preferência para os troncos altos e robustos para que se consiga um maior rendimento.

Observe o local onde ele está plantado. Se for uma área de solo encharcado, corte-o a 3 palmos do chão, se for em área de barranco ou de solo seco, o corte poderá ser feito a apenas 1 palmo do chão. Depois de cortado, deixe o caule em pé com a face do corte voltada para o chão, em um local protegido da chuva, e que tome sol para que o líquido interno seque mais rapidamente. Se possível, corte o caule da bananeira 2 dias antes do manuseio.

Material necessário para preparação das fibras

- Luva
- Avental
- Faca de corte
- 1 garfo grande
- 2 bacias grandes
- Água sanitária
- Varal em local arejado
- Tinta para pintura em tecido (opcional) ou elementos naturais
- Água corrente
- Mesa comprida

Coloque o pseudocaule da bananeira em cima da mesa para iniciarmos a separação das bainhas que identificamos facilmente com a ponta dos dedos, fazendo uma pequena pressão para trás, o ar entra e facilita a retirada das bainhas.

Um pseudocaule possui, em média, 15 bainhas foliares, sendo que as primeiras, da parte externa, possuem cores mais escuras e são mais rígidas, enquanto que as internas são mais claras e macias.

Existem cinco tipos de fibras que podem ser retiradas da bananeira:

- Fibra forte;
- Reio;
- Pelica;
- Renda;
- Capa.

A maneira como iremos cortar as bainhas é que determinará quantos tipos de fibra iremos preparar.

### **Separação das fibras**

No momento em que vamos separando as bainhas foliares já podemos ir separando a FIBRA FORTE, pois ela pode ser retirada facilmente com as mãos, das laterais da bainha. Esta fibra tem, em média, 4 cm de largura e não necessita de nem um tipo de tratamento nem lavagem, pode ir direto para o varal, para a secagem.

A próxima fibra a ser retirada é o REIO (fibras laterais). Ainda nas laterais da fibra, corte com a faca a parte mais fina que tem aproximadamente 3 cm de cada lado da bainha. Esta parte da bainha ainda não se separa da renda e da parte interna.

Com a bainha já pronta pode-se retirar as outras fibras que são:

Parte interna da bainha PELICA

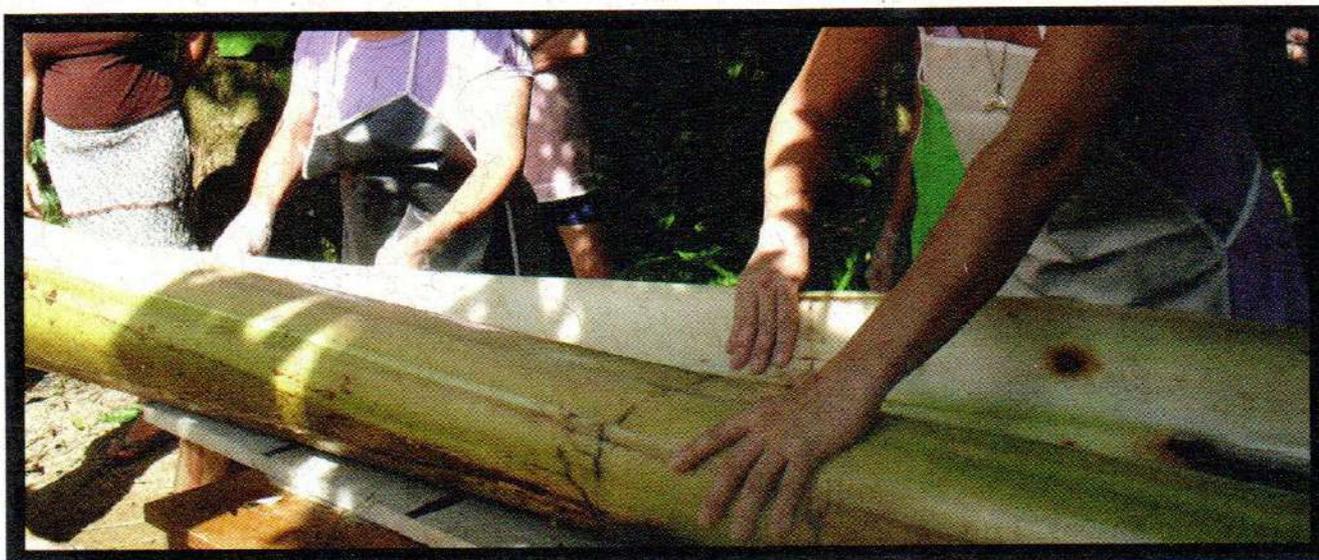
Parte interna da bainha RENDA

Parte externa da bainha PALHA ou CAPA.

Para facilitar o trabalho, primeiramente divida a bainha em 3 partes no comprimento.

Para conseguir a retirada da Capa (parte externa da bainha) passe a faca bem devagar no sentido do comprimento da bainha, com cuidado para não afundar muito na renda.





A próxima etapa é a retirada da renda (parte intermediária). A renda possui uma estrutura delicada e necessita de cuidados para sua perfeita retirada.

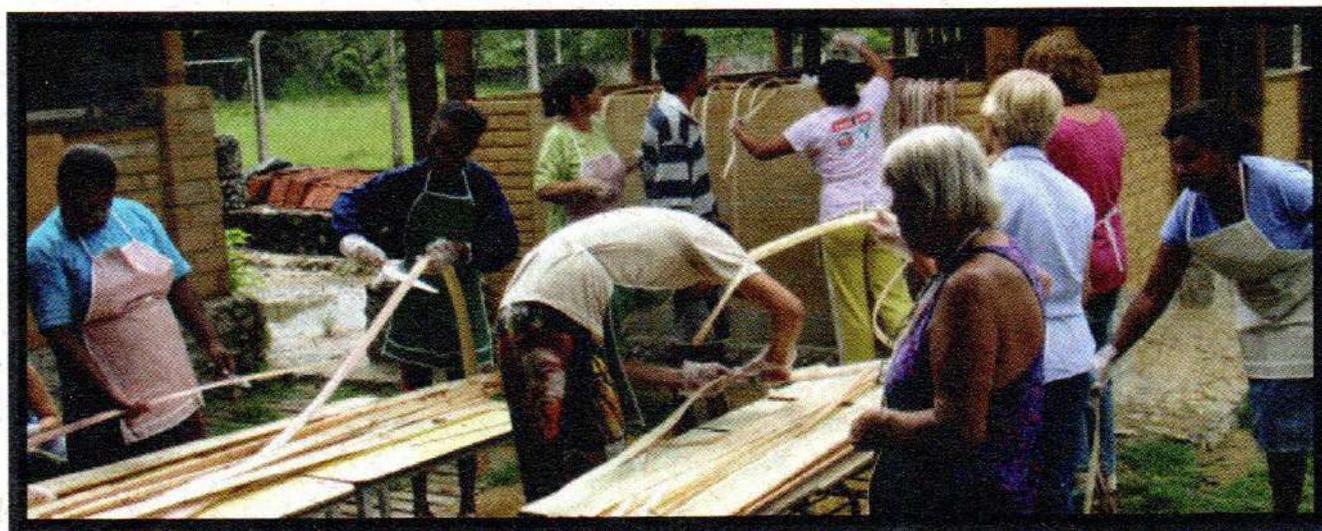
Vire a bainha da qual você retirou a capa e, com a parte interna virada para cima, vá delicadamente retirando a bainha interna sem afundar muito a faca na renda.

Nesta etapa quase sempre não se aproveita a palha interna, pois ela tem que ser retirada em pequenas partes para que se aproveite a renda toda.

Terminada a extração, leve também a bacia para que fique de molho na mistura de água com água sanitária.

Para obtenção da camada interna (pelica) é necessário o uso do cilindro, para que se possa aplainar a fibra e quebrar a estrutura da renda. Só então conseguiremos separar a palha interna com facilidade. O uso do cilindro não permite a obtenção da renda somente das palhas internas e externas e dos fios para tecelagens.

À medida que for retirando as fibras em todo comprimento, divida na largura que desejar, amarre com pedacinhos de barbantes as duas extremidades dos maços, coloque de molho em uma bacia, com a mistura de 1 copo americano (300 mL) de água sanitária para cada 20 litros de água.



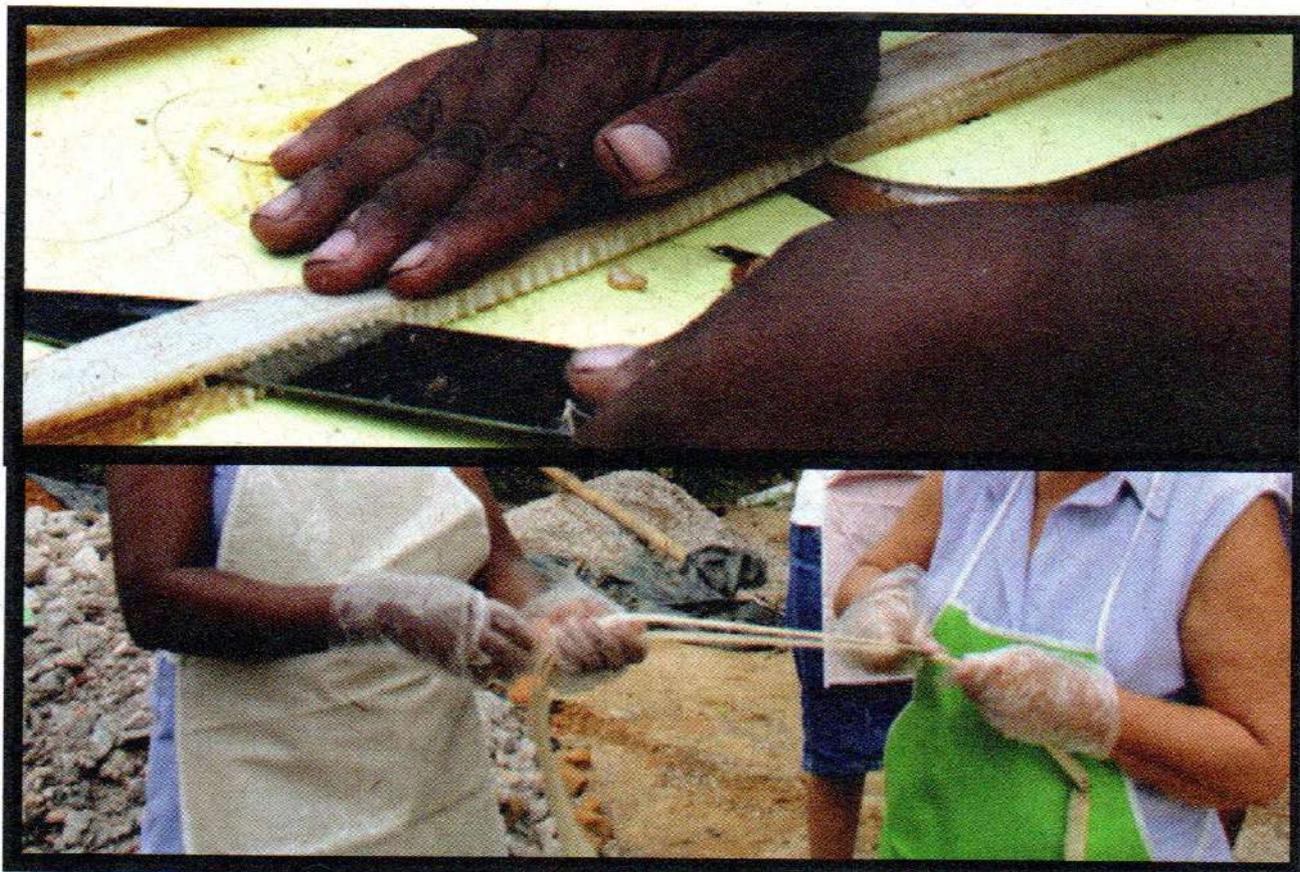
## **Cortes das fibras para fins específicos:**

- *Para confecção de balaios, cestos, esteiras etc.*

É necessário cortar a fibra em uma largura aproximada de 3 cm. Se tiver o cilindro em casa, basta passar no cilindro até a retirada do líquido e cortar com esta largura todo o comprimento da bainha. Neste processo se obtém uma fibra de mais estrutura e resistência.

*Para revestimentos de capas de cadernos, abajours (luminárias) e objetos de madeira:*

Retire a renda com pelo menos 7 cm de largura, porque ela encolherá bastante ao secar. Procure conseguir aproveitar ao máximo o comprimento da renda.



## **Preparação de fios para tecelagens:**

Passe o garfo de cozinha em todo comprimento da bainha por várias vezes na parte interna, para soltar todo líquido. Depois afunde bem a garfo e corte as fibras em todo seu comprimento, faça isso até terminar a bainha. Com isso, conseguirá fios longos e na mesma largura. Amarre os maços de fios nas duas extremidades e coloque de molho em uma bacia.

Se tiver um cilindro em casa passe no cilindro até sair todo o líquido e depois passe o garfo para cortar os fios.

*Para a confecção de chinelos e tapetes:*

Utilize a palha externa cortada em uma largura de 1,5cm para facilitar o trançado.

### **Lavagem e secagem das Fibras:**

Depois que as fibras ficarem de molho na solução de água sanitária, por pelo menos 2 horas, lave com bastante água corrente para tirar toda água sanitária, se tiver problemas com água enxágüe e coloque de molho novamente numa bacia com água e vinagre para neutralizar o efeito do cloro.

Em seguida coloque-as para secar em local arejado e protegido da chuva.



### **Tingimento das fibras:**

Somente a renda consegue absorver totalmente o tingimento. Depois de bem lavadas para tirar a água sanitária, mergulhe as rendas numa bacia com a tinta para pintura em tecido diluída em água, ou em algum corante natural, a intensidade da cor dependerá da quantidade de tinta diluída e do tempo em que ficar de molho, no mínimo 2 horas, caso seja utilizada a tinta em pó para tingimento de roupas, a fibra precisara ir ao fogo respeitando as instruções da embalagem da tinta, após isso é só colocar no varal para secar.



### **Armazenamento das fibras:**

Depois de secas, as fibras deverão ser colocadas num saco plástico preto, onde poderão receber um tratamento contra fungos bem simples: borrife um pouco de água misturado a extrato de eucalipto (desinfetante ou óleo de eucalipto) amarre bem o saco e deixe passar 24 horas para abrir novamente.

Se produzir uma grande quantidade de fibras, mantenha-as amarradas em maços e guarde em sacos ventilados, como os de ráfia. Depois de prontas, é bom envernizar as peças com um verniz a base de água e orientar seu cliente a colocar a peça para tomar um pouco de sol de vez em quando.

As variedades de bananeira resultam em tipos diferentes de fibras que variam de cor e textura. Algumas vezes, mesmo respeitando os processos todos, se obterá fibras num tom avermelhado ou esverdeado sem que isso atrapalhe seu uso, só trará mais características artesanais, diferenciadas, ao seu trabalho. Com o tempo você aprenderá a escolher as bananeiras certas para o tipo de trabalho que irá executar.

Não deixe de frequentar novas oficinas e dividir experiências com outros artesãos.

Rosa Adriana de Oliveira Soares Dias  
(professora de Artes por formação, técnica em turismo por necessidade e Artesã por adoração).



# ÍCONES E SUSTENTABILIDADE

Foi reforçada a importância de reconhecermos os ícones da cultura caiçara para criar maior identidade nos trabalhos artesanais e trazer maior conscientização para a preservação de técnicas, formas e conhecimento das artes populares.

A cultura caiçara presente no artesanato vem, historicamente, da mistura entre colonizadores portugueses, indígenas que primeiramente habitaram a região, e escravos que após a libertação concentraram-se à beira do mar.

Com o modo de vida ligado a pequenas agriculturas e ao extrativismo, ao longo do tempo foram se aprofundando no conhecimento do ambiente em que viviam, e construíram um repertório de saberes que é hoje sua maior riqueza.

Sua lida com o mar, o conhecimento dos sinais do tempo, sua dança, sua música, vocabulário próprio e o jeito de levar a vida regida pelas fases da lua, mas trabalhando de sol a sol, sabe a hora de plantar, de colher, de ir e de voltar do mar.

Sabe encontrar na floresta seus remédios, comidas e ferramentas. Conhece e aprecia toda a beleza de flores como os manacás, quaresmeiras, ipês, bromélias e orquídeas etc.. Assim também com os frutos existentes como araçá, cambucá, grumixama, embu, abil e muitas outras do universo litorâneo, trazendo-as para seu quintal para ter ao alcance das mãos todos os recursos possíveis.

Sua relação com a mata é tão íntima que muitas vezes circulam também em seu quintal pequenos animais selvagens como o quati, porco do mato, mico, tatu, caxinguelê, preguiça e muitos outros que vivem livremente como os gatos e cachorros.

Têm por ofício as habilidades da pesca e do artesanato.

O artesanato caiçara tem em suas técnicas a junção dos hábitos Tupinambás e de outras etnias indígenas com o conhecimento de outras culturas como a europeia e africana.

Esses artesanatos possuem, em suas origens, o uso da matéria prima encontrada em seu entorno, pois sempre existiu um respeito ao meio em que vivem, respeitando sempre o ciclo natural para a coleta destes materiais.

A maioria dos objetos produzidos artesanalmente era para uso próprio, tanto no lar quanto na pesca e nas atividades agrícolas. Alguns objetos eram feitos para dar de presente, como as bonecas de pano e as esteiras de taboa, outros eram produzidos exclusivamente para os festejos religiosos.

## **ARTESANATO EM MADEIRA**

---

### \*Utensílios domésticos:

Por conta do isolamento de alguns bairros da cidade de Ubatuba, havia a necessidade de preparar os próprios objetos de uso e de trabalho, como gamelas, pilões, colher de pau, cuias, cinzeiros engenhos de cana;

### \*Miniaturas de barcos:

Feitos de caixeta, inicialmente como brinquedos infantis e depois usados na decoração ;

### \*Miniatura de pássaros e outros animais:

Confeccionados também como brinquedos infantis e depois para decoração de suas casas.

### \*Remos:

Produzidos para pesca, seguem um modelo padrão, e deve ter nove palmos de comprimento e servir também como leme da embarcação, e não só para propulsão a sua ponta possui o formato côncavo de uma flecha, forte herança indígena.

### \*Tamancos:

Feitos para os passeios e para dançar a xiba e fandango.

### \*Ornamentos religiosos:

Altars, oratórios, imagens de santos, na maioria de origem europeia, também a pomba branca do Divino Espírito Santo.

### *Tipos de madeiras mais usadas.*

Angico	pilões.
Araçá	mão do pilão.
Aroeira	tabuletas para fazer redes.
Caroba	utensílios domésticos.
Brejauba (mirim-açu)	agulhas para redes, estilingues e flechas.
Guatambu (peroba)	cabo de ferramentas.

### *Madeiras macias para entalhes:*

Canelinha	Cedrinho (imagens)
Paineira	Caixeta (tamancos)
Pati	

*Madeiras para confecção de canoas:*

Jequitibá, Guaxica, Guapuruvu, Araticum, Figueira parda, Canela

As madeiras tem uma época certa para serem retiradas que, geralmente, são nas passagens da lua cheia para lua minguante.

*Ferramentas utilizadas:*

Enxó, verrumas, cepilho, formão, martelo, machado.

## **ARTESANATO EM FIBRAS NATURAIS**

---

*\* Utilitários domésticos:*

Cestas, peneiras, balaios, esteiras, tapiti (usado na produção de farinha), tapetes, capas de garrafas, covos (armadilha para camarão e peixes), chapéus;

*\* Acessórios:*

Chapéus, abanos, chinelos e bolsas.

Todas estas técnicas são de origem indígena tanto no feitiço como na coleta do material.

Os caiçaras não saíam de casa sem um chapéu de palha, um chinelo de taboa e, nos dias quentes, um abano. Quando uma criança nascia a mãe ganhava de presente uma pequena esteira de taboa para poder por o bebê para dormir enquanto lidava na roça ou no conserto (limpeza) dos peixes.

*Fibras usadas*

Taquara	cestaria
Bambu	armadilhas de caça e pesca
Palha de coco	chapéu, abano
Taboa	chinelos, tapetes e cestas.
Cipós (embira e timbopéva)	esteiras e cestos
Palha de bananeira	capas de garrafa, cordas
Xaxim	vasos
Flecha	gaiolas

## **ARTESANATO EM TECIDO**

---

### \*Retalhos:

Devido ao isolamento que viviam e também da impossibilidade financeira em se obter tecidos novos, as mulheres aproveitavam os que já tinham em casa para a confecção de almofadas, colchas, tapetes e cortinas.

### \*Bonecas de pano:

As avós e mães faziam as bonecas de pano utilizando também os restos de tecidos, para poder presentear as meninas.

### \*Crochê e tricô:

Colchas, tapetes e roupas.

Algumas linhas eram produzidas a partir da fiação de fibras naturais como paina, bananeira.

## **ARTESANATO EM PAPEL MACHÊ**

---

### \*Máscaras:

O uso de máscaras se mistura com as origens africanas e europeias do uso de máscaras em festas e em rituais religiosos.

As máscaras usadas em carnavais são feitas a partir de um molde de barro, e depois com a sobreposição de camadas de tiras de papel alternadas com cola cozida de farinha. Este mesmo sistema de máscaras é usado ainda na fabricação da cabeça do Bumba-meu-Boi.

## **ARTESANATO EM PAPEL**

---

### \*Flores:

As flores enfeitavam os altares, oratórios e mastros da bandeira do Divino.

As flores eram, na sua origem, brancas ou vermelhas (as cores das Bandeiras do Divino) feitas em papel de seda. Era costume das mulheres produzirem as flores para enfeitar o mastro e os chifres das máscaras de bois que eram feitos de papel machê. A cabeça e a armação do corpo em bambu, os bois também faziam parte na folia.

O uso das flores vem da lenda da Rainha Isabel (Portugal) que era obrigada fugir do marido quando ia dar comida aos pobres, por conta de uma promessa feita ao Divino Espírito Santo. Ela carregava rosas no avental para esconder os pães que ia distribuir.

A enorme quantidade de símbolos e referências do universo caiçara ainda é vista em muitas casas, pois têm por hábito pendurar na parede, perto do oratório dos santos, tudo aquilo que lhe dá representatividade como: fotos de familiares, flores de papel recolhidas depois da folia do Divino, fitas coloridas, amuletos, estrelas do mar, caramujos, conchas, cascos de tartaruga, calendários que carreguem imagens de paisagens etc..

## **CERÂMICA**

---

A cerâmica tradicional caiçara é essencialmente de origem indígena, produzida com a técnica de cordões. Depois, com a influência europeia, vieram os fundos planos e as hastes. A repetição dos adornos decorativos veio das máscaras africanas. As argilas mais comuns na época eram a branca (Tabatinga), terracota e argila preta.

O sistema de queima era o buraco no chão com a fogueira em cima.

### \*Utensílios domésticos:

Moringas, panelas, potes, vasos;

### \*Objetos religiosos:

Imagens de santos de moldes para máscaras de papel machê;

### \*Decorativos:

Flores de parede, pequenos enfeites para colar;

## **FOLCLORE CAIÇARA**

---

O folclore caiçara assim como o seu modo de agir e ver o mundo vem da mistura e adaptação de hábitos indígenas, europeus e africanos.

Suas lendas misturam princesas, cavaleiros negros, grandes animais, mostrando claramente a mistura de personagens de todas as origens.

Todas as danças são de origem religiosa;

### \*Jango ou Jongo (origem africana):

participam homens e mulheres que contam "os pontos" (versos em forma de

desafios), o dirigente da dança é o dono do Jango.

\*Dança de São Gonçalo (origem portuguesa):

onde as senhoras idosas recorrem ao santo para conseguir casamento, as mais jovens recorrem a São Pedro.

\*Folia de Reis (origem ibérica):

trazida pelos portugueses. Devido ao som alto que faziam nas ruas e nas casas que visitavam, são conhecidos como "foliões".

Na realização das danças e dos cortejos, podemos observar toda a riqueza do fazer artesanal, nas roupas, instrumentos e nos objetos usados nas festas.

O cotidiano caiçara e as histórias de vida são as inspirações para os enredos musicais.

## **A PESCA COMO SUSTENTO E TRABALHO**

---

A base de alimentação caiçara sempre veio do mar. Para buscar este sustento, aprendeu a confeccionar suas próprias ferramentas, entre elas, a canoa de um pau só (herança indígena) que foi passando de pai para filho a arte deste ofício.

Durante a noite de lua cheia, quando o céu estava claro e a noite fresca, iam para a praia consertar a rede e com as crianças em volta transmitiam seus valores, lições de vida, ensinavam suas rezas e suas canções e, contando suas histórias, ensinavam seus ofícios de pescadores habilidosos.

Seus principais apetrechos de pesca eram:

*A tarrafa:* espécie de rede circular de origem indígena;

*O caceio ou cerco:* rede suspensa por boias de herança portuguesa;

*A canoa e o remo:* origem indígena;

*Espinhel:* uma grande quantidade de anzóis presos a uma linha que eram lançados ao mar pelas canoas;

*Rede de arrastão:* rede em forma de funil com chumbo nas pontas, que é passada a partir da praia em semicírculo;

*Puçá:* pequena rede circular com isca dentro

## **BASE DA ALIMENTAÇÃO CAIÇARA**

---

Dos quintais vinham as bananas, mandioca para a produção de farinha, pitanga, jamelão, cambuci, limão cravo, maracujá roxo, animais de pequeno porte como galinhas e porcos. Outros tipos de carne vinham da caça como o tatu, porco do mato, lagarto.

O peixe seco era uma forma de estocagem de alimento. Limpava-se o peixe e retirava a espinha dorsal deixando secar ao sol com sal. Com a chegada da energia elétrica, não havia mais necessidade de salgar e secar ao peixe, o que representou um problema para a manutenção destas técnicas.

O açúcar usado vinha do preparo do melado de cana, e misturado à batata doce, mandioca e inhame, eram as refeições matinais. Toda casa tinha um pequeno engenho para a extração da garapa, da qual se preparava o café.

Nos pilões se preparava:

*Pixé:* milho torrado, socado e peneirado.

*Farinha de coco.*

*Paçoca:* feita de amendoim e farinha de mandioca.

*Tipos de peixe utilizados na alimentação:*

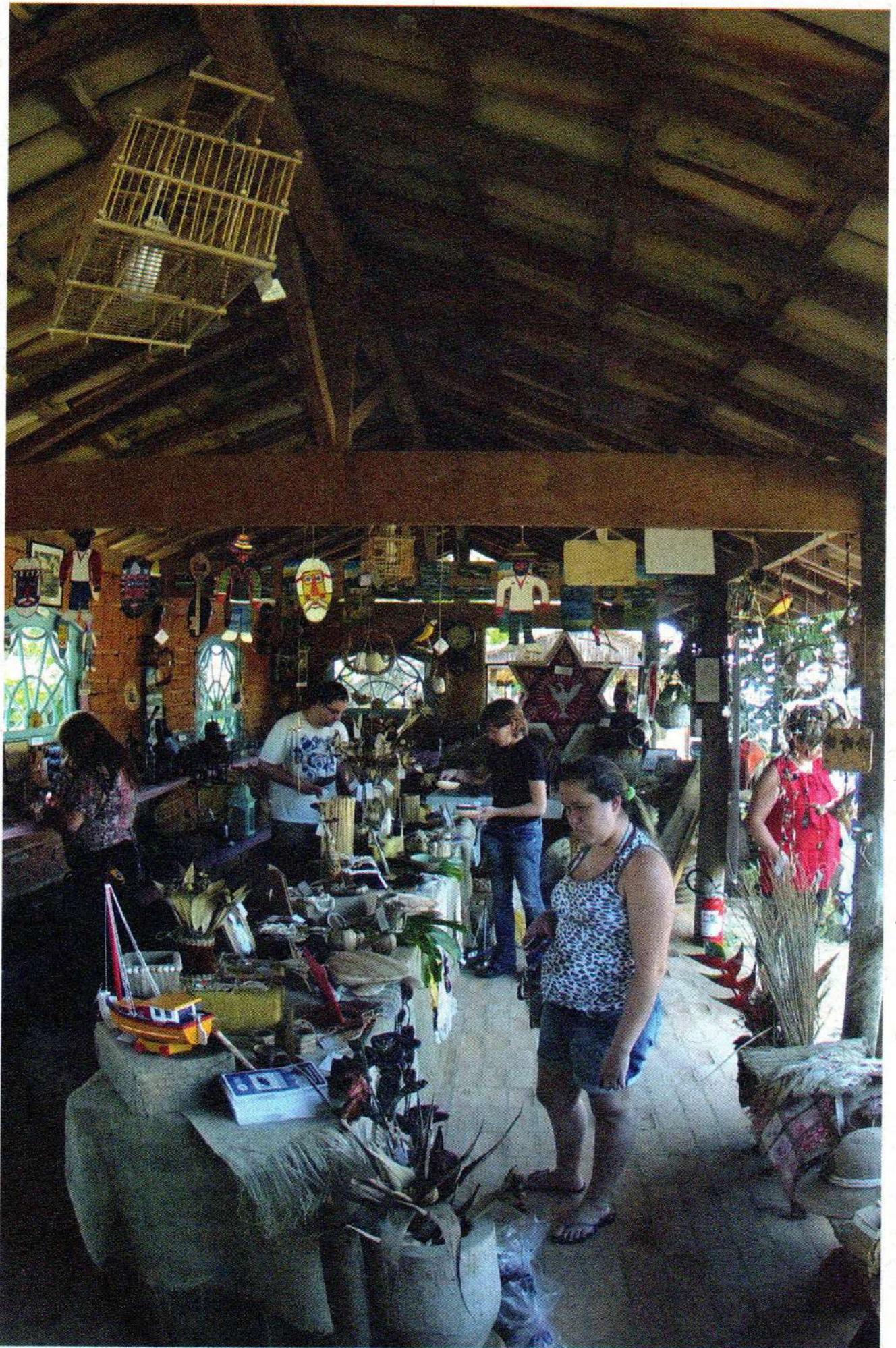
Sardinha, Garoupa, Vermelho, Anchova, Bagre, Tainha, Corvina, Pescada, Espada, Cação, Robalo.

*Mariscos e crustáceos:*

Mexilhão, ostras, saquarita, lula, camarão, polvo, siri, caranguejo, sapinhoua, parafuso.

*Complementos:*

Batata-doce, chuchu, mandioca-doce, milho, abobora, inhame, cará, couve, palmito, coco brejaúva.



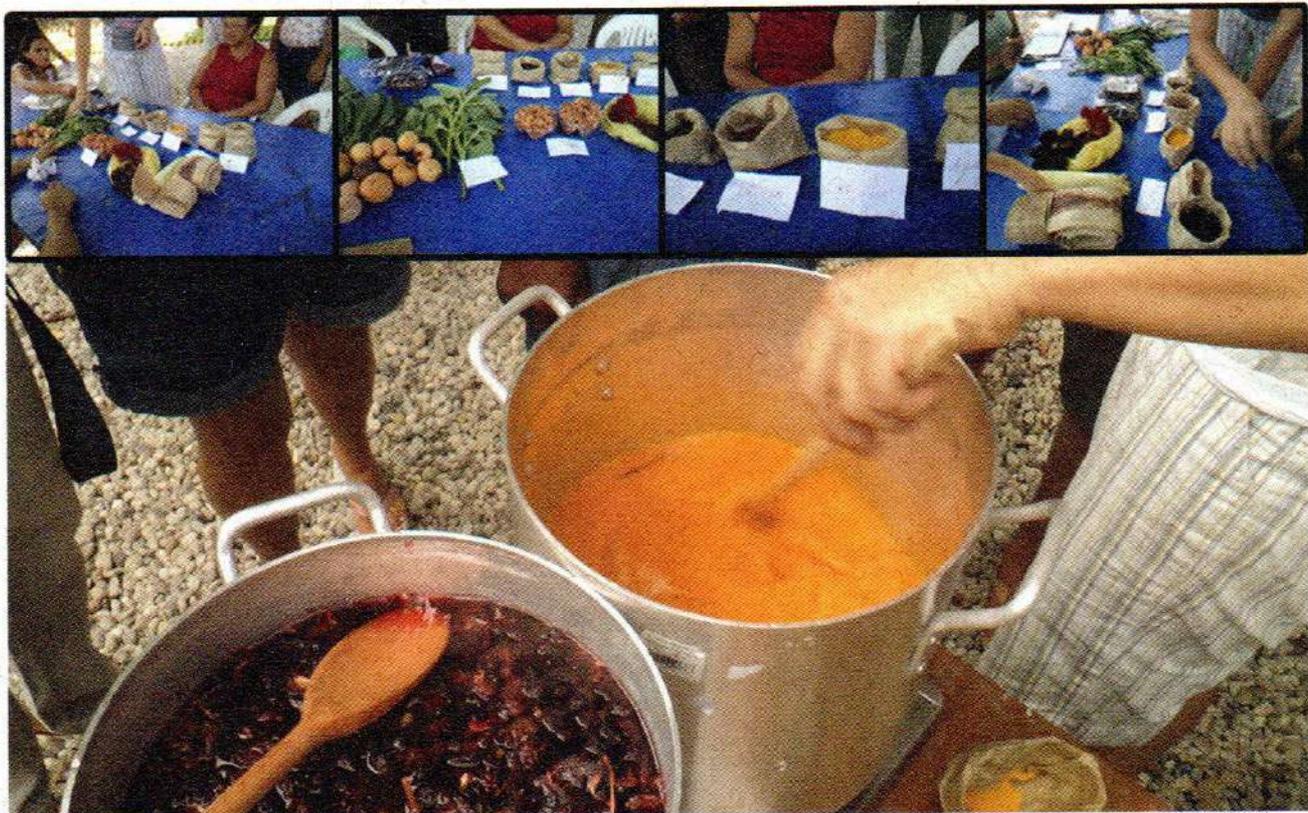
# TINGIMENTO NATURAL

## Introdução

Os corantes naturais são utilizados pela humanidade há mais de 5.000 anos, atingindo o perfeito domínio das técnicas de sua aplicação entre 1.800 a 1.900, entrando em desuso quando a indústria química sintetizou as primeiras anilinas. Há uma variedade de plantas que podem ser usadas para se produzir corantes vegetais.

## Material necessário para meio quilo de produto a ser tingido:

- 2 panelas grandes que você não planeja usar para cozinhar comida
- fogão
- colher de pau
- Material para mordente (pode ser vinagre) 500 g.
- Material para o tingimento 500 g.
- 500 g de tecido ou de fibras naturais
- 10 litros de água
- Tecido pra coar



## **Uso de mordentes:**

Os mordentes preparam as fibras e o algodão e as ajudam a absorver melhor o corante. É possível tingir sem usar mordentes – algumas poucas plantas não precisam de mordentes. Mas o uso de mordentes geralmente produzirá cores melhores, mais vívidas e permanentes. Frequentemente dois mordentes são misturados para se conseguir melhores resultados. Mordentes diferentes produzirão cores diferentes do mesmo corante. Você pode também experimentar e ver que resultados obtém. O sal, vinagre e cinzas de madeira e pedra uma podem também ser usados como mordentes se outros produtos não estiverem disponíveis.

Ferva o mordente em 5 litros de água por cerca de 20 minutos; desligue o fogo e coe a mistura; com o fogo desligado deixe de molho o produto a ser tingido por meia hora, aproximadamente.

Não se esqueça de que no caso do algodão é necessário lavá-lo muito bem com sabão para tirar a goma.

Nesta oficina usamos a casca da árvore Barbatimão que é um mordente muito forte e natural, por isso não necessita misturar com outros.

## **Preparação do tingimento:**

Ferva o material vegetal durante aproximadamente 40 minutos até que o corante fique com uma cor escura.

Coe num tecido grosso e utilize somente o líquido no tingimento.

Mergulhe o material a ser tingido, abaixe o fogo e mexa sempre para não levantar fervura. Durante, no mínimo, 30 minutos.

Mantenha sempre o material que está sendo tingido submerso no líquido.

Depois do “cozimento”, desligue o fogo e deixe descansar por 24 horas, observando sempre se todo o material está mergulhado no líquido para que não se formem manchas nas peças.

## **Lavagem:**

Enxágue bem e coloque para secar na sombra. No caso de fibras de bananeira, no último enxágue pode se usar um pouco de amaciante de roupas para tirar a rigidez da fibra depois de cozida. Ou passe um pouco de condicionador de cabelo nas mãos quando for utilizar as fibras em seu trabalho.

## **Tipos de plantas usadas para tingimentos:**

Podemos sugerir algumas plantas bem conhecidas em muitos países. No entanto, cada área terá as suas próprias plantas que podem ser usadas para se preparar os corantes. Peça o conselho de pessoas mais idosas. Experimente e teste plantas diferentes. Partes diferentes das plantas são usadas para se preparar corantes – por exemplo, as folhas, a casca de frutas, a casca de árvores, as raízes ou a madeira.

Quando for colher plantas para a preparação de corantes colha sementes para plantar, para que mais plantas cresçam. Se você cortar a casca, nunca corte muito de uma vez ou a árvore poderá morrer. Normalmente são grandes as quantidades de produtos vegetais necessários para se produzir estes corantes.

## **As plantas e as cores obtidas:**

Casca de eucalipto	verde/marrom
Cascas de grenadilha (maracujá)	marrom
Cebola (casca marrom externa sem uso)	amarelo
Cascas de nozes (frescas ou secas)	marrom escuro
Cascas de soja preta	violeta-marrom
Grãos de soja preta	cinza prateado
Cascas vermelhas de amendoim	vermelho/marrom
Cascas de manga e caroços	marrom/laranja
Cascas de milho (variedade vermelha)	púrpura
Sorgo vermelho (folhas bem amassadas)	vermelho

## **Outros corantes que podemos encontrar em mercados:**

Beterraba	vermelho
Páprica	alaranjados ou vermelhos
Urucum	laranja
Cúrcuma (açafraão da terra)	amarelo
Uvas, framboesa	lilás ou roxo
Hibiscos desidratados	vinho /amarronzado
Chá Mate	verde
Chá mate torrado	marrom
Polpa de juçara (sem açúcar)	vinho/arroxeadado
Espinafre	verde

## **Informações complementares para artesanato com fibras:**

### **1. Técnicas para conservação da fibra de banana (e outras)**

#### **a) Hibisco:**

Bate-se o Hibisco (mimo) até ponto de caldo para passar nas peças. Receita de Dona Maria (Iguape)

#### **b) Cera de abelha com cera de silicone:**

Ferve-se a cera de abelha até derreter e mistura-se um pouco de cera de silicone para dar o ponto de calda para passar nas peças. Receita de Sueli (Banana Brazil).

Obs – testar outra forma de dar o ponto sem a necessidade da cera de silicone, embora já seja melhor do que o Jimo (produto tóxico para controle de pragas).

#### **c) Breu moído misturado com álcool:**

Mistura-se o breu moído (até formar um pó de breu), acrescentando-se álcool aos poucos até dar o ponto de calda para passar nas peças.

## **2. Tipos de fibra de banana:**

- a) banana da terra – fibra rosa
- b) banana vinagre – fibra vermelha
- c) banana nanica – fibra bege a café
- d) banana ouro – fibra dourada

***Delta Sueli dos Santos Crivelini - artesã e educadora***



## **PROJETO: Oficina de sensibilização para produção de artesanato em cerâmica**

Duração: novembro /2011 a fevereiro /2012

Financiador: FDE (Fundação para o Desenvolvimento da Educação)

Principais parceiros: Programa Escola da Família (da FDE), Prefeitura de Iguape.

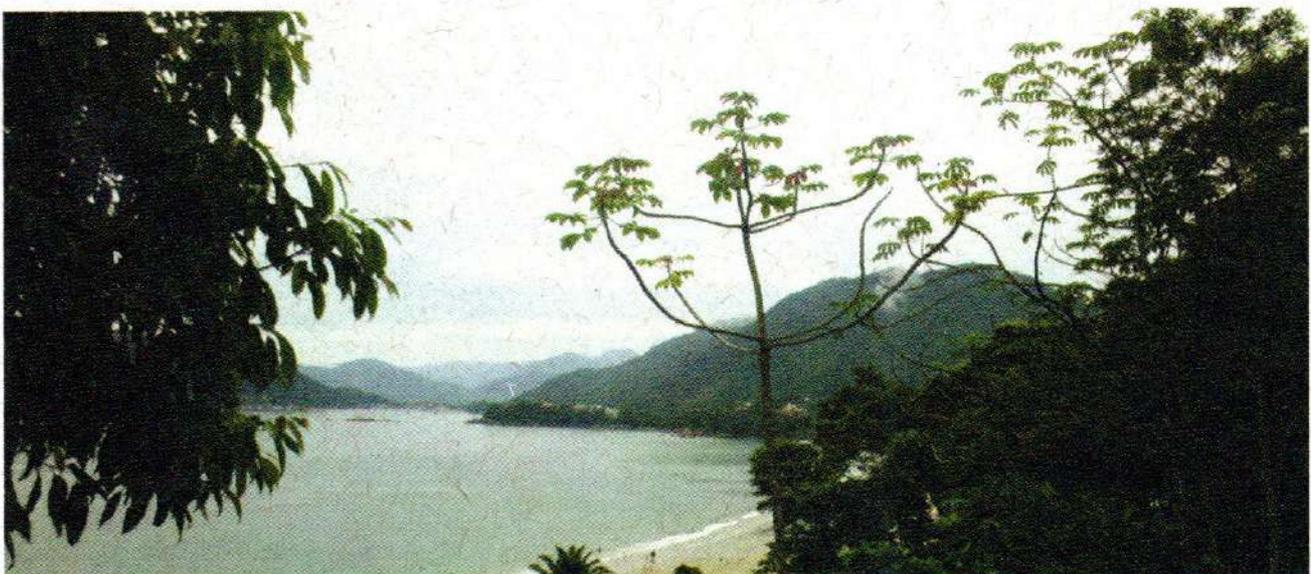
### Atividades:

O projeto teve como objetivo a sensibilização da comunidade local para a produção de artesanato em cerâmica a partir da utilização de argila visando gerar meios para assegurar a sustentabilidade ambiental, sociocultural e econômica da região.

As atividades foram planejadas de forma participativa a fim de atingir os objetivos do Programa Escola da Família e promover a adoção dos princípios e critérios de sustentabilidade do Programa “Mercado Mata Atlântica - RBMA”, nos aspectos ambientais, socioculturais e econômicos.

O instrutor selecionado para ministrar a oficina foi uma artesã da região, com o objetivo de valorizar o saber local e aproximar a comunidade da produção artesanal representativa da região em que está inserida.

O tema escolhido está relacionado aos produtos de artesanato de cerâmica que utilizam argila/barro como matéria-prima devido à importância desta técnica para a cultura local, além da possibilidade de geração de renda pela inclusão de potenciais produtos no mercado. A técnica de artesanato em cerâmica feita com argila como matéria-prima é um conhecimento tradicional que está sendo perdido na região do baixo Ribeira. Atualmente apenas uma artesã detém a técnica tradicional. Existe, ainda, o interesse da Prefeitura de Iguape, através da Secretaria de Turismo e Cultura e da Presidente da



# ESTUDO SOBRE ICONOGRAFIA

Material Desenvolvido por Paula Muniz, sobre a iconografia local.

## *Caminhos da Sustentabilidade do Artesanato de Ubatuba*

*Programa “Mercado Mata Atlântica”*

REALIZAÇÃO

Instituto Amigos da Reserva da Biosfera



PARCEIROS



UBATUBA

Patrocínio

PETROBRAS  
DESENVOLVIMENTO  
& CIDADANIA

BR PETROBRAS

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAIS RICO E PAIS SEM POBREZA

Abril | 2010

# A arte está sempre presente

Há milhares de anos o homem faz arte e, ao fazê-lo, olha o mundo ao redor: paisagem, animais, outros homens. Do seu mundo, o artista tira aquilo que, para ele e sua gente, tenha um significado ou possa transmitir uma ideia, um sentimento. Assim, no decorrer dos tempos, o homem vem criando simbolismos de sua cultura e do seu meio natural.

De acordo com a semiótica<sup>(1)</sup> podemos resumir símbolo como: Alguma coisa que representa algo para alguém.

A imagem ao lado, por exemplo, uma estatueta de Vênus, possui dois símbolos complementares femininos, o bisão e as mulheres e representa a deusa da fertilidade.

*“Símbolo é toda palavra ou signo que diga ou signifique mais do que se percebe a primeira vista.” (C. G. Jung)*

Através dos símbolos as pessoas dizem e querem dizer. A mulher poteira que desenha flores no pote de barro sabe disso. Potes servem para guardar água, mas flores no pote servem para guardar símbolos. Servem para guardar a memória de quem fez, de quem bebe a água e de quem, vendo as flores, lembra de onde veio e quem é. Por isso há potes com flores, folias de santos reis e flores bordadas em saias de camponesas.

Para entendermos a simbologia iconográfica dos povos tradicionais temos de reconhecer a influência das culturas miscigenadas no nosso litoral. Onde o português, o índio e o negro se uniram.

Ícone, para a Semiologia<sup>(2)</sup>, é uma imagem que mantém com um determinado objeto uma relação de semelhança ou propriedade. É uma abstração de algo que é do nosso conhecimento.

As populações tradicionais são hoje um dos últimos traços visíveis do momento da criação do povo brasileiro.

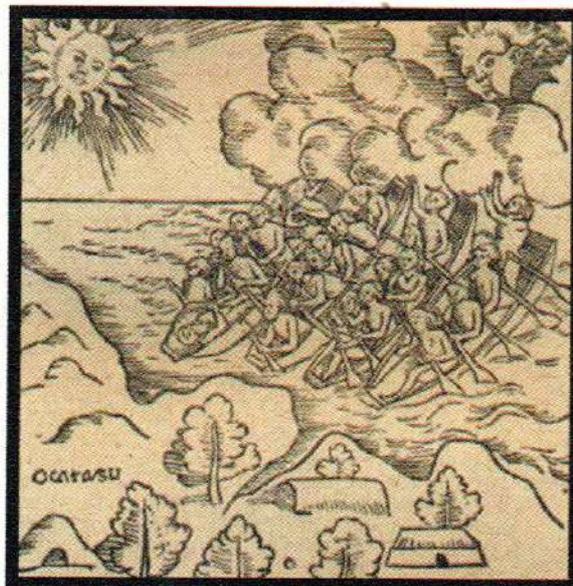
2 “Ocaracú”, viagem de retorno dos Tupinambás, vindos de Bertioga.



1 Vênus de Laussel, estatueta talhada num bloco de pedra calcária dura; representa uma mulher despida, que na mão direita sustenta um corno de bisão

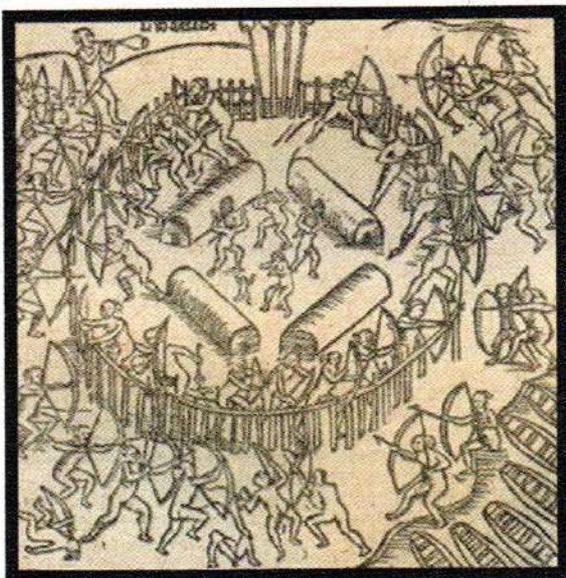
## Ubatuba

Localizada entre a Serra do Mar e o Oceano Atlântico, em região de Mata Atlântica, Ubatuba é uma das cidades mais antigas do Brasil. Os índios Tupinambás, do grupo Tupi, eram os habitantes originais da “Aldeia de Iperoig”. Costumavam construir suas tabas em pontos altos, nas margens de rios. Alegres, amantes da música e da dança, eram também excelentes canoieiros.



Viviam em paz com seus vizinhos de São Vicente, os Tupiniquins, até a chegada dos exploradores portugueses e franceses, que lutavam para conseguir trabalho escravo entre os indígenas. Incitados pelos brancos europeus, Tupinambás e Tupiniquins passam a guerrear, até reconhecerem sua dependência dos estrangeiros.

3



Os povoadores gradativamente instalaram-se ao longo da costa utilizando o mar como principal meio de transporte.

## Os Guaranis

Originários do Paraguai, os Guaranis iniciaram, no fim do século XIX, um processo de migração rumo ao litoral, até que no final da década de 60 surgiu a Aldeia Boa Vista, em Ubatuba.

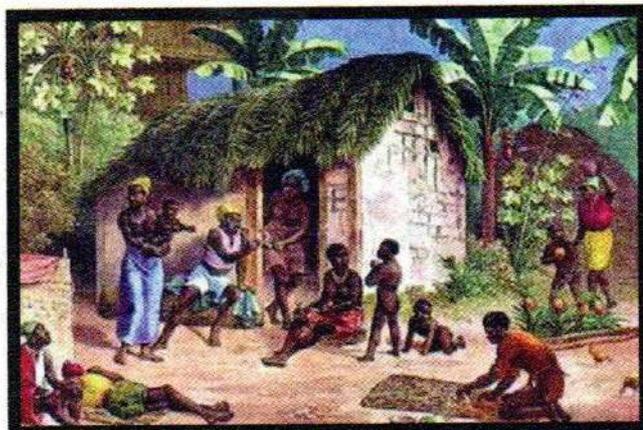
Suas danças, cantos e rituais são direcionados ao Deus Tupã, pedindo proteção às pessoas e à natureza. Valorizam a preservação do meio ambiente.



4

## Os Quilombolas

A cultura caiçara no Litoral Norte preserva diversas manifestações africanas. A memória do 'negro caiçara' se mantém por meio das congadas, do Moçambique, nos grupos de Capoeira, nos terreiros de Candomblé, na memória oral dos negros antigos, na fabricação de panelas de barro, nos mitos e lendas, nos quilombos da Caçandoca e Camburi. Embrenhados nas matas virgens, os quilombos - local de refúgio dos escravos no período colonial - transformaram-se em prósperas aldeias que se dedicaram à economia de subsistência. Representavam uma das principais formas de resistência à escravidão.



5

O Quilombo da Caçandoca foi reconhecido pelo Itesp (Fundação Instituto de Terras) do estado de São Paulo, em laudo antropológico, em 2000, assim como ocorreu com Camburi em 2005. A origem das duas comunidades ultrapassa os 150 anos.

## A Mata Atlântica

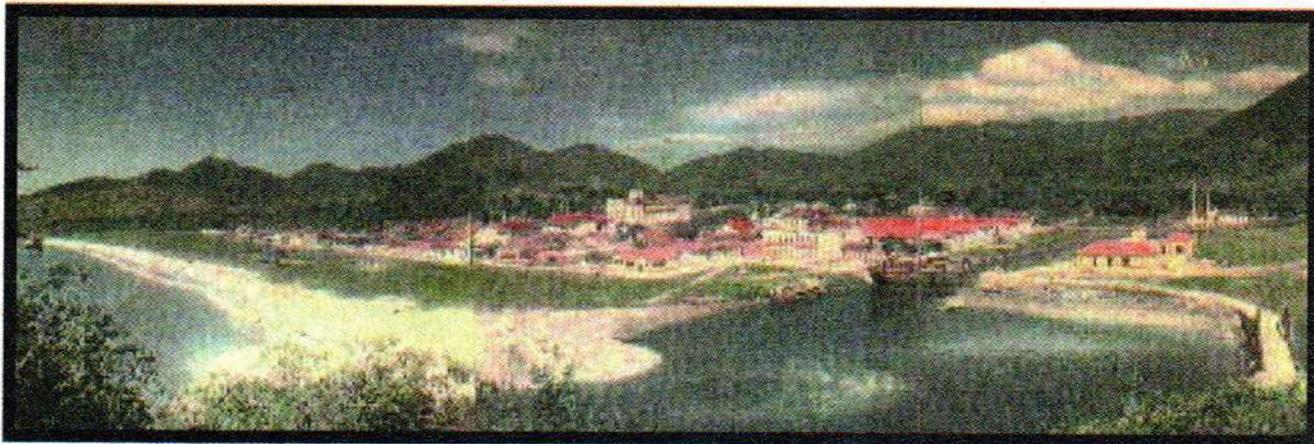
Floresta mãe do Brasil, a Mata Atlântica é parte fundamental da própria identidade nacional. Primeira visão dos navegadores portugueses, a floresta constituía uma muralha vegetal ao longo da costa, abrigando uma imensa biodiversidade de flora e fauna.

Hoje, Ubatuba possui 80% de sua área protegida por leis estaduais de preservação permanente.



6

## A Cultura Caiçara



7

Isolada pela Serra do Mar, a cultura caiçara desenvolveu-se no forte convívio com a natureza: caça, pesca, agricultura de subsistência; acervo de conhecimentos ancorados na tradição e transmitidos oralmente de geração em geração. Daí, seus hábitos, seus costumes típicos, seu artesanato.

As comunidades tradicionais que habitam essa região litorânea constituem pequenos núcleos familiares que se formaram através das gerações, cujo modo de vida baseado na alternância entre a pesca e a agricultura estreitou seus laços com o local e proporcionou uma identidade forte e única. Os saberes da cultura caiçara, passados de pai para filho, possuem um grande conhecimento de pesca, ciclos da lua, plantas medicinais, técnicas de caça, etc. Nesta relação, outras características da cultura caiçara se destacam como a música, a religião, o artesanato, a culinária, as lendas e mitos. Relatar a história atual dos caiçaras de Ubatuba é reconstituir parte da nossa história perdida, a qual foi suprida de lutas, principalmente contra o sistema colonial, ademais, escravocrata. No Brasil, essa luta sistemática se deu de várias formas: levantes, insurreições, rebeliões, guerras e guerrilhas, todas contra um único sistema, e na sua maioria, contra o sistema colonial mercantil escravocrata que tinha por base econômica a monocultura da cana de açúcar no século XVI e do café no século XIX. A memória cultural se dá, além do ensinamento oral, através da grafia/desenho, que consiste em escrever através de símbolos, traços e formas e deixar registrado no barro, no trançado de uma folha de palmeira transformada em cestaria, na parede e até no corpo com pinturas feitas com jenipapo e urucum.

A diversidade de materiais e técnicas, empregadas

no artesanato caiçara revela, paralelamente ao sentido utilitário das peças, a imaginação e a sensibilidade do homem na expressão de sua cultura.

### O Projeto

*Iconografia / simbologia das comunidades tradicionais remanescentes de Ubatuba: Caiçaras, Índios Guarani, Quilombolas.*

Para o artesão de hoje, o mais importante e necessário para o crescimento, tanto do artista, como da produção, é a consciência do que se é, do que se propõe, do ato de criar, do lugar e do espaço que cada um ocupa: a cidade, o meio, a realidade sócio-cultural contemporânea, melhor compreendida através de um profundo conhecimento do passado.



8 Tela de João Teixeira Leite, pintor primitivista caiçara, retratando a Vila de Ubatuba

# 1) Iconografia da Mata Atlântica

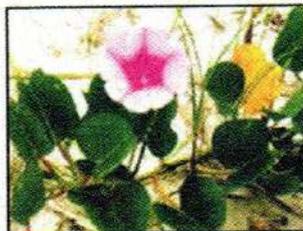
## flora

*“Floresta-mãe do Brasil, é parte fundamental da própria identidade nacional. Aqui vivem mais de 120 milhões de brasileiros e um número infindável de plantas e animais.”*

Clayton Ferreira Lino - Jóias da Mata Atlântica, 2004

### O Jundu

Planta frágil e de extrema importância pois funciona como barreira natural, garantindo maior proteção contra o avanço das marés e as ressacas. Adaptam-se ao solo arenoso e crescem espalhando-se pela areia na faixa mais afastada do mar.



9



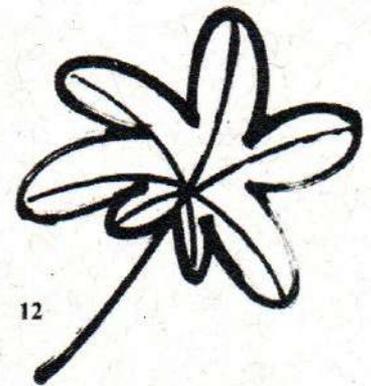
10

### A Embaúba

A “embaúba” ou “imbaúba”, origina-se do termo “ambaíba”, da língua Tupi, e significa “árvore com orifício” ou árvore que não serve para construções. O fruto de embaúba é macio e doce, muito apreciado por macacos, morcegos, e também por bichos-preguiças que habitam nos galhos dessa árvore.



11



12

### O Xaxim

O Xaxim é o feto arborescente, da família das *dicksoniaceas*, nativo da Mata Atlântica e América Central. Devido à extração desenfreada do cáudice para uso no cultivo de outras plantas, a espécie está ameaçada de extinção. Também é conhecido pelos nomes de samambaiçu e samambaiçu-imperial.



13



14

### A Helicônia

Planta tropical por excelência, também chamada de “bananeira do mato”. Algumas variedades se propagam o ano inteiro, outras ou só no verão ou só na primavera



15

### A Quaresmeira

A quaresmeira é uma árvore brasileira pioneira. Seu nome popular é devido à cor das flores e época de floração: entre os meses de janeiro e abril, e também de junho a agosto. Além da variedade com flores roxas há a de flores rosadas.



16



17

## A Bananeira

A banana é um alimento tradicional em Ubatuba, usada no preparo de vários pratos típicos, como o Azul Marinho.

## As bromélias

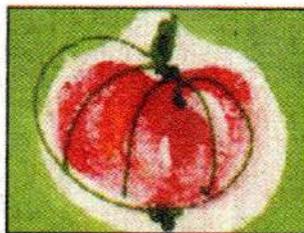
As bromélias são plantas hospedeiras, típicas da Mata Atlântica brasileira, um dos ecossistemas<sup>(4)</sup> mais ricos do mundo. Ela é chamada assim porque nasce nos galhos das árvores.



18

## A Pitanga

A palavra “pitanga” vem do tupi-guarani *pi'tana*, que significa “vermelho”, ou aquilo que se qualifica pela sua cor avermelhada, que tem a pele vermelha, corada.



19



20

## fauna

### O Tangará Dançador

Em 2004, por solicitação do Museu Caiçara, o Tangará foi instituído ave símbolo de Ubatuba. Suas cores predominantes, o azul celeste e o vermelho vivo são do mesmo tom das cores da bandeira, e seu canto e sua dança representam as músicas e as danças tradicionais.



21



22 Entre os pássaros mais comuns e belos da Mata Atlântica está a Saira Sete Cores (*Tangara seledon*)

### O lagarto Teiú

É o maior lagarto da América do Sul. No Litoral Norte, faz aparições frequentes em estradas de terra e na Mata Atlântica que circunda as praias longínquas como Puruba e Trindade.



23

### O Saruê

*“Há uma espécie de caça, chamada Saruê. O animal tem o tamanho de um gato, tem pelo cinzento escuro... Para onde vai leva consigo os filhotes na bolsa. Ajudei muitas vezes a caçar saruês.”*

Hans Staden - Duas Viagens ao Brasil, 1547



24

## 2) Iconografia Indígena: a natureza

*“Não existe entre eles propriedade particular, nem conhecem dinheiro. Seu tesouro são penas de pássaros. Quem as tem muitas, é rico e quem tem cristais para os lábios e faces, é dos mais ricos. Cada família tem, para comer, a mandioca que lhe é própria.”*

Hans Staden

### Tupã (trovão)

A figura primária na maioria das lendas guaranis da criação é Iamandu (ou Nhanderu ou Tupã), o deus Sol e realizador de toda a criação. Com a ajuda da deusa lua Araci, Tupã desceu a Terra num lugar descrito como um monte na região do Aregúa, Paraguai, e deste local criou tudo sobre a face da Terra, incluindo o oceano, florestas e animais. Também as estrelas foram colocadas no céu nesse momento.

Tupã então criou a humanidade (de acordo com a maioria dos mitos Guaranis, eles foram, naturalmente, a primeira raça criada, com todas as outras civilizações nascidas deles) em uma cerimônia elaborada, formando estátuas de argila do homem e da mulher com uma mistura de vários elementos da natureza. Depois de soprar vida nas formas humanas, deixou-os com os espíritos do bem e do mal e partiu.

### O Maracá

*“Os selvagens crêem numa coisa que cresce como uma abóbora. É grande como um pote de meia pinta e oca por dentro. Fincam-lhe através um pequeno cabo, cortam-lhe uma abertura como uma boca e meterem-lhe no interior pequenas pedras, de modo que chocalha. Sacolejam isto quando cantam e dansam.”*

Hans Staden

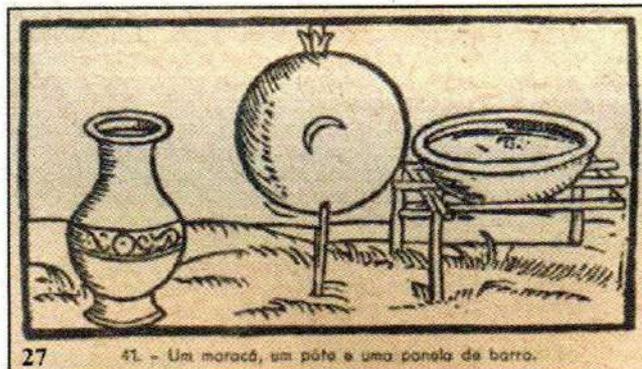
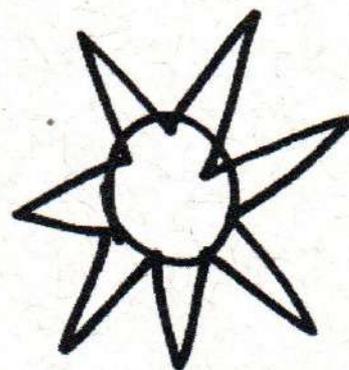
### Arco e Flecha

Os Guarani, assim como os Tupinambás, eram exímios atiradores com arco e flecha. Usavam pontas de osso ou madeira apontadas em suas flechas. Dedicavam-se também à caça de pequenos animais e aves, como as do gênero Inhambu, galináceos que quase não possuem cauda.



25 Sol e Lua: forças da natureza

26



27 41. - Um maracá, um pote e uma panela de barro.



28 33. - Dois chefes tupinambás, com os corpos empenados e ostentando, o da esquerda, tambetá e um ibiropezo e o da direita, tambetá, ocongatára, enduape e um arco e flechas.

## As penas

Uma das maiores expressões artísticas do indígena brasileiro são seus trabalhos realizados com penas e plumas retiradas de aves exóticas presentes na nossa ave-fauna tropical. As penas dão forma e cor ao corpo do indígena, que se apresenta então, como um mítico homem-pássaro.



29 Coifa da tribo Guarani. Acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

## Animais: o Tatu

Do Tatu, cujo nome indígena quer dizer "casco duro", citam cinco espécies, com grande variedade de nomes.

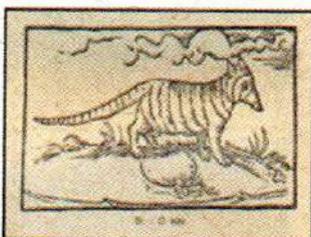
Peixe, tartaruga, cobra, pássaro, paca, onça: todos parte da abrangente iconografia indígena.



32



33



30



31



34

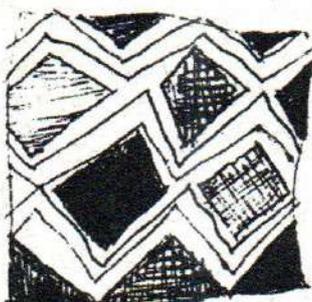


35

## A arte

A arte se mistura a vida cotidiana. A pintura corporal, por exemplo, é um meio de distinguir os grupos em que uma sociedade indígena se divide, como pode ser utilizada como enfeite. A tinta vermelha é extraída do urucum e a azul, quase negro, do jenipapo. Para a cor branca, os índios utilizam o calcário.

A pintura e o desenho indígena estão sempre ligados à cerâmica e à cestaria. Os cestos são comuns em todas as tribos, variando a forma e o tipo de palha de que são feitos. Geralmente, associam a música instrumental ao canto e à dança.



36



Os desenhos geométricos utilizados na decoração do corpo, da cerâmica, das cabaças e outros itens da cultura indígena compreendem um sistema de arte gráfica, com uma gramática própria e cujo conteúdo se relaciona a diferentes sistemas de significação. Esses desenhos são estilizações de elementos de natureza, bem como representações de seres sobrenaturais ou elementos simbólicos.

## A mandioca

Os índios praticam a agricultura de subsistência, plantando principalmente milho e mandioca. A mandioca é base da alimentação, além de personagem (ícone) mitológica.

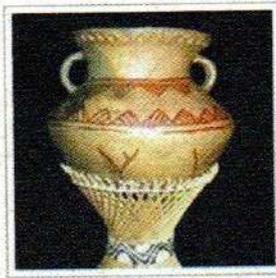
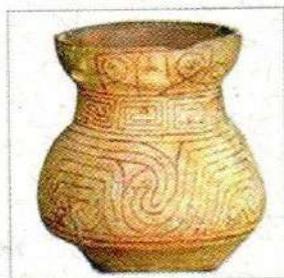
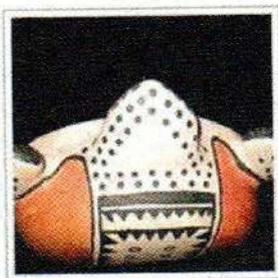


37



38

### 3) Iconografia quilombola: arte afro-brasileira?



39

#### Potes

O pote é um ícone feminino por excelência. Em todos os povos primitivos, quando o homem uniu cérebro e mãos, as mulheres passaram a fabricar potes e tigelas de barro, para armazenar alimentos.

Os homens, por sua vez, iniciaram a fabricação de armas e ferramentas de trabalho.



40



41

#### As cores

**Sépie (ocre):** cromático nascido da terra Africana

**Vermelho:** O sangue, a riqueza, a potência

**Amarelo:** A cor da "iniciação"

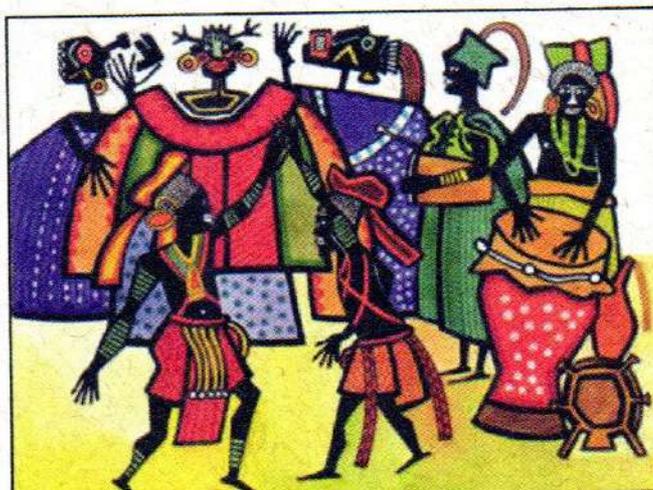
**Azul:** Cor fundamental. É por si só todo um universo.

#### Máscaras

"Na sociedade tradicional africana, as atividades humanas possuíam freqüentemente um caráter sagrado ou oculto, principalmente as atividades que consistiam em agir sobre a matéria e transformá-la, uma vez que tudo é considerado vivo. Toda função artesanal estava ligada a um conhecimento esotérico transmitido de geração a geração.(...)"

As "máscaras" são as formas mais conhecidas da plástica africana. Constituem síntese de elementos simbólicos mais variados se convertendo em expressões da vontade criadora.

A máscara transforma o corpo do bailarino que conserva sua individualidade e, servindo-se dele como se fosse um suporte vivo e animado, encarna a outro ser; gênio, animal mítico que é representando assim momentaneamente. Uma máscara é um ser



42

que protege quem a carrega. Está destinada a captar a força vital que escapa de um ser humano ou de um animal, no momento de sua morte. A energia captada na máscara é controlada e posteriormente redistribuída em benefício da coletividade.



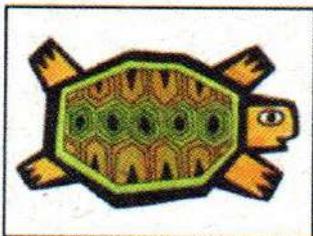
43

"No teatro popular, nas danças, nas manifestações folclóricas em geral, o uso da máscara é essencial, determinando o caráter dos personagens, lembrando a história da comunidade, o bem e o mal."

Jacob Klintonitz - Máscaras Brasileiras, 1977

## Ícones da natureza

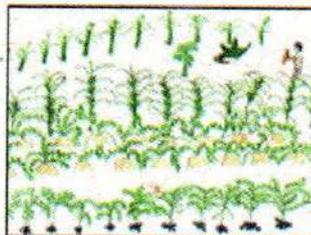
A fertilidade, os animais e a terra estão entre as preocupações mais vitais das comunidades primitivas. Uma relação de respeito e equilíbrio entre homem e natureza.



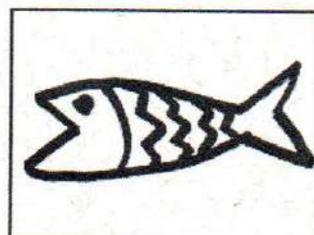
44



45



46



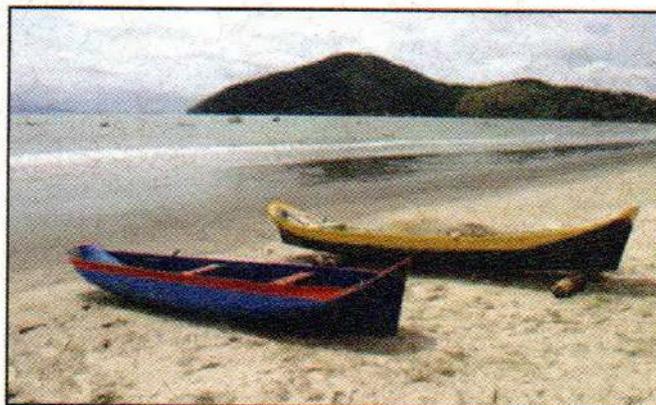
47

## 4) Iconografia caiçara

“O *habitat* disperso e ao longo das praias definiu seu povoamento principal. As comunicações com o mundo exterior ou com o núcleo da vila eram feitas, primeiramente, pelas rústicas canoas de voga, de um tronco só à moda dos índios Tamoio.

O nome mesmo da vila, Ubatuba, estaria significando, na língua dos primeiros habitantes, o “território das muitas canoas”.”

Maria Luiza Marcílio - Caiçara: terra e população

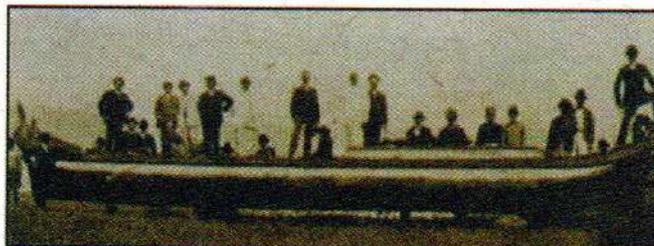


48

### A Canoa de Voga

“Naquele tempo viajavam para Santos em canoas de voga. Levavam ovos, galinhas, palmito, laranja, batata-doce. Levavam até leitões e cabritos. Era tudo na base do remo, e para remar uma canoa de voga é preciso seis homens, cada remador com dois remos grandes”.

Manoel Hilário Filho - Os caiçaras contam



49

### O Divino

A Festa do Divino é realizada em homenagem ao Divino Espírito Santo, representado por uma pomba, e possuidor de sete dons (Sabedoria, Entendimento, Ciência, Conselho, Fortaleza, Piedade e Temor de Deus). A cor vermelha, predominante tanto nas flores como nos andores, representa a luz, da qual o Divino é portador, e também o amor.

“O caiçara é a própria natureza, se reconhece em seus elementos e neles organiza sua vida cultural e social”.



50



51

## Manifestações folclóricas

“Nesta caminhada em busca do conhecimento dos costumes, crenças, danças e cantorias do povo caiçara, descobrimos um manancial muito rico em cultura popular, que deve ser respeitado por todos. É nossa obrigação fazer com que a juventude caiçara tenha conhecimento dos seus valores culturais”.

Sidnei Martins Leme

Folia de Reis, Congada, Fandango, Dança da Fita, Boi de Conchas, Festa de São Pedro Pescador: manifestações do folclore caiçara.



52



53



54



55

## Fauna e Flora

“Naquele tempo tinha muito peixe. Diz que era peixe grande da costeira: garoupa, sarro, pampo e samanbiguara. Precisava até chamar gente pra ajudar puxar o peixe pra praia de tão grande! Pescava de vara (...) Comiam peixe em quantidade, farinha de mandioca, banana... Naquele tempo não era essa miséria de agora. Não se vendia nada. Milho verde a gente nem ligava...”

D. Zulmira de Oliveira - Praia do “Feliz”



56



57

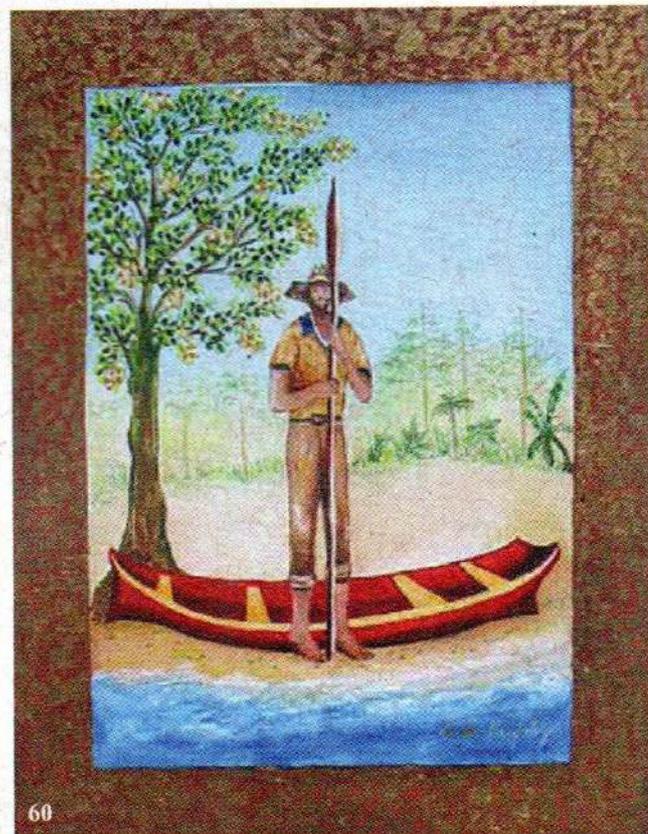
“O Guaruçá é um caranguejo amarelinho, vive na praia dentro do seu buraquinho...”



58

Uubá é nome de gramínea ou cana-brava de que se fazem flechas, uuba-tyba significa grande quantidade dessas gramíneas. Segundo Roquette Pinto e vários tupinólogos, uúba, uyba, ubá (nheengatu), uy, uí (guarani), significam flecha, seta; é o nome de uma gramínea, espécie de cana-brava, cana-do-rio, cana-do-reino, canavieira dos brejos, também chamada candiubá ou tabaco (gramíneas de grande porte).

59 Folha da mandioca



60

“Antes o mar era de todos, e a pescaria, farta. (...) Era também uma época em que a mata era território livre para o homem praiano, que podia derrubar uma árvore para fazer sua canoa ou abater um animal selvagem para alimentar-se.”

Os caiçaras contam

Tradicionalmente, o território da vila de Ubatuba esteve organizado em termos de roças de subsistência, que cultivavam, basicamente, a mandioca e, secundariamente, feijão, arroz, milho e muita fruta, tudo complementado pela pesca e pela caça.

Caiçara: terra e população.

## 5) Iconografia urbana

“Quando eu era criança a Praça da Matriz era muito simples, de grama, e as casas em volta eram grandes e antigas, com grandes pomares ao fundo e repletas de jaboticabeiras, goiabeiras...”

João Teixeira Leite

### A Igreja da Matriz

A “nova” Matriz (1890) foi erguida sob a invocação da Exaltação da Santa Cruz do Salvador de Ubatuba, o verdadeiro nome da cidade. Essa data é comemorada no dia 3 de maio, Dia da Santa Cruz, a atual Padroeira da Cidade.

### O Casarão do Porto

Construído em 1846 pelo armador português e cafeicultor Manoel Baltazar da Cunha Fortes que aportou no Brasil com a vinda da Família Real, em 1808.

De Portugal foram importadas as vigas, os gradis, os portais e as cantarias. É um dos mais belos exemplares da arquitetura urbana portuguesa que surgiram a partir de 1840 nas vilas do planalto, alternando e mesclando técnicas brasileiras e européias. As paredes internas foram pintadas pelos franceses. No andar térreo funcionava o armazém com comércio de sal, cereais e outras mercadorias.

### O Corcovado

O Corcovado de Ubatuba é um dos pontos mais altos do município, elevando-se por mais de mil metros do nível do mar. Em dias limpos, pode-se ver desde Paraty até muito abaixo de Caraguatatuba.

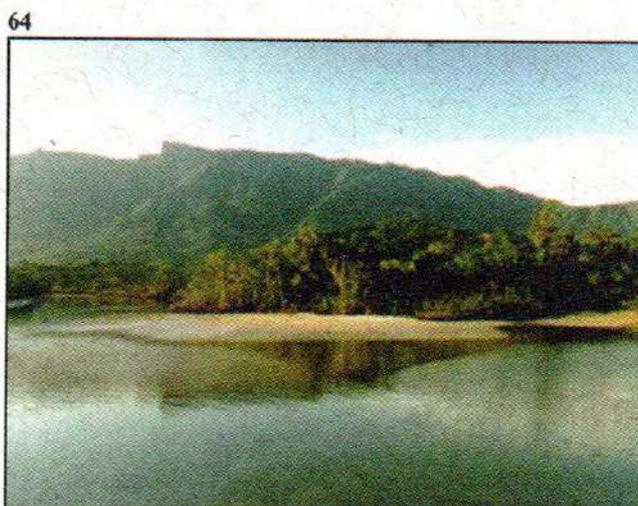
Pico de beleza insuperável em toda a região, guarda até hoje lendas e histórias (lenda do Ouro do Corcovado) da época dos fidalgos e escravos.

Como alguém já disse, *“é uma formidável corcunda de pedra que se eleva da silhueta da Serra do Mar”*. E com razão, porque o morro é, realmente um monumento monolítico de grande beleza, mas também cercado por uma aura de magia que o tornou motivo e causa de uma série de lendas guardadas na memória folclórica de nossa terra e de nossa gente.

Fernando Kitzinger Dannemann



Em 1959 o casarão foi tombado pela Secretaria do Patrimônio Histórico, Artístico e Arquitetônico Nacional



# Imagens

1 A Vênus de Laussel ou “mulher com corno” é uma estatueta de Vênus, pertencente à arte paleolítica. Foi descoberta em 1909 pelo doutor Lalanne, no denominado “Grand Abri”, localizado na estação arqueológica de Laussel na localidade de Marquay, na Dordonha francesa. Encontra-se atualmente no Musée d’Aquitaine (Museu da Aquitânia) em Bordéus.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%AAnus\\_de\\_Laussel](http://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%AAnus_de_Laussel)  
09/04/2010

2 “Ocaracú”, viagem de retorno dos Tupinambás, vindos de Bertioga. Vê-se Hans Staden deitado no fundo da primeira canoa à esquerda e rezando, a pedido dos selviculas, para que a tempestade se afaste.

*Duas Viagens ao Brasil*, Hans Staden, pg 86, 1942

3 Ataque dos tupiniquins à aldeia de Ubatuba.

*Duas Viagens ao Brasil*, Hans Staden, pg 101, 1942

4 Índios guarani da aldeia Boa Vista, Ubatuba

foto de Paula Muniz, 2008

5 Gravura representando o Quilombo dos Palmares

<http://mardehistorias.files.wordpress.com/2009/11/>

6 [www.planetaorganico.com.br/images/mandioca3.jpg](http://www.planetaorganico.com.br/images/mandioca3.jpg), 09/04/2010

7 Ubatuba, acervo pessoal

8 Tela de João Teixeira Leite, sem título, 1999

9 [www.ubatuba.sp.gov.br/noticias/imagens/m-1424.jpg](http://www.ubatuba.sp.gov.br/noticias/imagens/m-1424.jpg), 09/04/2010

10 Foto de Irineu Nalin, <http://www.panoramio.com/user/3168752>, 09/04/2010

11 <http://br.viarural.com/agricultura/flora/embauba-01.jpg>, 09/04/2010

12 Ilustração de Paula Muniz, acervo pessoal

13 Cyatheaceae - *Cyathea sp.* Foto de Clayton F.

Lino, *Jóias da Mata Atlântica*, pg 105, 2004

14 <http://artereciclagem.blogspot.com/2009/01/xaxim-no.html>

15 Shutterstock Image Bank

16 [www.baixaki.com.br/.../436366-30782-1280.jpg](http://www.baixaki.com.br/.../436366-30782-1280.jpg), Foto de Dalmo de Figueiredo Arraes, 03/05/2009

17 [www.allvaso.com.br/.../9930\\_quaresmeira-2.jpg](http://www.allvaso.com.br/.../9930_quaresmeira-2.jpg), 14/04/2010

18 Desenho de autoria de criança Ticuna, Amazonas, Brasil, *Ngí'ã Tanaüthchicünaagü, Um manual da escrita*, pg 82, 1992

19 Amostra de tecido pintado a mão, Paula Muniz

20 [flickr.com/photos/odete/3306929851/](http://flickr.com/photos/odete/3306929851/), 14/04/2010

21 [www.ubaweb.com.br](http://www.ubaweb.com.br), 03/2010

22 Ilustração de Paula Muniz, acervo pessoal

23 [www.dafont.com](http://www.dafont.com), winpets 2.ttf

24 O Saruê. *Duas Viagens ao Brasil*, Hans Staden, pg 191, 1942

25 [www.omundopenelopechamosa.blogger.com.br/720...](http://www.omundopenelopechamosa.blogger.com.br/720...), 14/04/2010

26 Ilustração de Paula Muniz, acervo pessoal

27 Um Maracá, um pote e uma panela de barro. *Duas Viagens ao Brasil*, Hans Staden, pg 173, 1942

28 Dois chefes tupinambás. *Duas Viagens ao Brasil*, Hans Staden, pg 150, 1942

29 <http://arteindigobrasil.blogspot.com/>, 14/04/10

30 Desenho de autoria de criança Ticuna, Amazonas, Brasil, *Ngí'ã Tanaüthchicünaagü, Um manual da escrita*, pg 36, 1992

31 <http://almaacreana.blogspot.com/2009/10>, pintura de Chico da Silva (1910 - 1985), 15/04/2010

32 Ilustração de Poty, do livro *Maira*, Darcy Ribeiro, pg 42, 1976

33 Desenho de autoria de criança Ticuna, Amazonas, Brasil, *Ngí'ã Tanaüthchicünaagü, Um manual da escrita*, pg 31, 1992

34 Desenho de autoria de criança Ticuna, Amazonas, Brasil, *Ngí'ã Tanaüthchicünaagü, Um manual da escrita*, pg 48, 1992

35 Ilustrações de Paula Muniz, acervo pessoal

36 Ilustração do livro *O Pará e suas trilhas históricas*, de Doralice Araújo

37 *Tü'e*, Desenho de autoria de criança Ticuna, Amazonas, Brasil, *Ngí'ã Tanaüthchicünaagü, Um manual da escrita*, pg 83, 1992

38 <http://lencodeseda.blogspot.com>, 15/04/2010

39 <http://upload.wikimedia.org>, domínio público

40 <http://feracomciencia2009-amnorte.blogspot.com/2009/...>, 15/04/2010

41 *Çiça Fittipaldi, Bichos da África*, Vol. 4, 1988

42 <http://diariodafafi.blogspot.com>, 7/7/10

43 *Çiça Fittipaldi, Bichos da África*, Vol. 3, 1988

44 *Çiça Fittipaldi, Bichos da África*, Vol. 4, 1988

45 [http://munduruku-pusuru.blogspot.com/2008\\_07](http://munduruku-pusuru.blogspot.com/2008_07)

46 Ilustração de Paula Muniz, acervo pessoal

47 Tony Fleury, 2002, acervo pessoal

48 <http://www.saosebustiao.com.br>, 19/04/10

49 Carlos Herglotz, *Divino Caiçara*, 2008

50 João Teixeira Leite, acervo pessoal

51 Carlos Herglotz, *Folia do Divino Caiçara*, 2008

52 Carlos Herglotz, *Congá ao Mestre Rei do Congo*

53 Carlos Herglotz, *Imaginário Caiçara*, 2008

54 João Teixeira Leite, acervo pessoal

55 Tony Fleury, acervo pessoal

56 Símbolo do grupo folclórico alegórico *O Guaruçá*

57 <http://saojosedebu.blogspot.com>, 19/04/10

58 <http://www.ufrgs.br/agrofitossan/galeria>, 19/04/10

59 Carlos Herglotz, *O Caiçara*, 2008

60 <http://oacaicara.wordpress.com>, foto de 1867

61 <http://www.panoramio.com>, 15/04/2010

62 Carlos Herglotz, *Ubatuba, Quatro Vistas*, 2008

63 Emílio Campi, <http://www.litoralvirtual.com.br>

64

## Bibliografia

*Arte nos Séculos, Volume 1, Abril Cultural, 1969*

*Artesanato Brasileiro*, MEC/Funarte, 1980

*Os Caiçaras Contam*, Frenette, Marco, 2000

*Caiçara, Terra e População*, Marcílio, Maria Luiza, 1986

*Duas Viagens ao Brasil*, Staden, Hans, 1547-1555

*Signos, Símbolos e Ornamentos*, Smeets, René, 1982

*Vida Caiçara*, Alves, Alberto e Carelo, Milton, 2008

*Jóias da Mata Atlântica*, Lino, Clayton Ferreira, 2004

*Terra sem Mal, Clastres, Hélène, 1978*

## Websites

<http://www.ubaweb.com>  
<http://www.litoralvirtual.com.br>  
<http://ocaicara.wordpress.com>  
<http://www.wikipedia.org>  
<http://ubatubense.blogspot.com>  
<http://www.desvendar.com>  
<http://www.google.com>  
<http://www.ubatuba.sp.gov.br>

## Glossário

(1) **Semiótica:** (do grego *semeiotiké* ou “a arte dos sinais”) É a ciência geral dos signos e da semiose que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas signícos, isto é, sistemas de significação.

A semiótica é um saber muito antigo, que estuda os modos como o homem significa o que o rodeia.

(2) **Semiologia:** Ciência geral que tem como objeto todos os sistemas de signos.

(3) **Ecossistema:** (grego *oikos*, casa + *systema*, sistema; sistema onde se vive) designa o conjunto formado por todas as comunidades que vivem e interagem em determinada região e pelos fatores abióticos que atuam sobre essas comunidades.

## Índice

Introdução	2	A Arte	9
A arte está sempre presente	3	A mandioca	9
Os guaranis	4		
Os quilombolas	4	3) Iconografia quilombola	10
A cultura caiçara	5	As cores	10
O projeto	5	Máscaras	10
		Potes	10
1) Iconografia da Mata Atlântica	6	Ícones da natureza	11
Flora	6		
O Jundu	6	4) Íconografia caiçara	11
A Embauba	6	A Canoa de Voga	11
O Xaxim	6	O Divino	11
A Helicônea	6	Manifestações folclóricas	12
A Quaresmeira	6	Fauna e Flora	12
A Bananeira	7		
As bromélias	7	5) Iconografia urbana	13
A Pitanga	7	A Igreja da Matriz	13
Fauna	7	O Casarão do Porto	13
O Tangará Dançador	7	O Corcovado	13
O lagarto Teiú	7	Imagens	14
O Saruê		Bibliografia	14
		Glossário	15
2) Iconografia indígena	8		
Tupã	8		
O Maracá	8		
Arco e Flecha	8	Pesquisa e compilação: Paula Muniz	
As penas	9	Colaboração: Mariza Muniz e Carlos Herglotz	
Animais: o Tatu	9	Ubatuba, março / abril 2010	



**REVA** **Sustentabilidade** **REVA**

Programa Mercado Mata Atlântica - REVA

Valorizando a cultura local por meio da atividade de artesanato sustentável, considerando a sustentabilidade cultural, social e econômica.





O Museu  
Caiçara

## **BIBLIOGRAFIA:**

MARQUESINI, M. P. S., 1994 (a) - Relatório n. 01 do Projeto Manejo de Populações Naturais de Caixeta - *Tabebuia cassinoides* (LAM) DC. Fase I Levantamento de Caixetais.

MARQUESINI, M. P. S., 1994 (b) - Relatório n. 02 do Projeto Manejo de Populações Naturais de Caixeta - *Tabebuia cassinoides* (LAM) DC. Fase II Manejo de Caixetais.

MARQUESINI, M. E. S., PINHEIRO, L. A. F. V., VIANA, M. V., 1995 - Análise da Variação Espacial da Densidade, Área Basal e Brotação em uma População Natural de Caixeta (*Tabebuia cassinoides* (Lam.) D. C. no Vale do Ribeira - SP - Congresso Nacional de Botânica, 1995 - Rib. Preto.





**O PROJETO CAMINHOS DA SUSTENTABILIDADE DO ARTESANATO EM UBATUBA - PROGRAMA "MERCADO MATA ATLÂNTICA - RBMA" É UMA REALIZAÇÃO DO INSTITUTO AMIGOS DA RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA E DA ASSOCIAÇÃO CUNHAMBEBE DA ILHA ANCHIETA, COM O PATROCÍNIO DA PETROBRAS**

**Seja um parceiro!  
Para maiores informações acesse o site:**

**[www.rbma.org.br/mercadomataatlantica](http://www.rbma.org.br/mercadomataatlantica)**

Realização



Patrocínio

**PETROBRAS**  
PROGRAMA  
DESENVOLVIMENTO  
& CIDADANIA

**BR PETROBRAS**

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

**RBMA - Rua do Horto, 931 - Horto Florestal - São Paulo - SP - CEP 02377-000  
(11) 2232-5728 [www.rbma.org.br](http://www.rbma.org.br) [cnrbma@uol.com.br](mailto:cnrbma@uol.com.br)**